



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES  
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**ANDRÉ VICTOR DA SILVA OLIVEIRA**

***“GLORIA IN EXCELSIS! O CEARÁ É LIVRE!”:***  
**O ESPETÁCULO DA ABOLIÇÃO NA IMPRENSA CEARENSE**

**REDENÇÃO-CE  
2022**

**ANDRÉ VICTOR DA SILVA OLIVEIRA**

***“GLORIA IN EXCELSIS! O CEARÁ É LIVRE!”:***  
**O ESPETÁCULO DA ABOLIÇÃO NA IMPRENSA CEARENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.  
Coorientador: Prof. Dr. Arilson dos Santos Gomes.

**REDENÇÃO-CE**  
**2022**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Oliveira, André Victor da Silva.

O48g

"Gloria in excelsis! o Ceará é livre!": o espetáculo da abolição na imprensa cearense / André Victor da Silva Oliveira. - Redenção, 2022.

142f: il.

Dissertação - Curso de , Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof.º Dr.º Edson Holanda Lima Barboza.

Coorientador: Prof.º Dr.º Arilson dos Santos Gomes.

1. Abolição. 2. Ceará. 3. Imprensa. 4. Movimento Abolicionista. I. Gomes, Arilson dos Santos. II. Título.

CE/UF/BSCA

CDD 326.098131

---

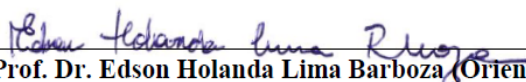
**ANDRÉ VICTOR DA SILVA OLIVEIRA**

**“GLORIA IN EXCELSIS! O CEARÁ É LIVRE!”:  
O ESPETÁCULO DA ABOLIÇÃO NA IMPRENSA CEARENSE**

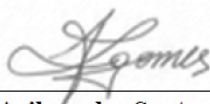
Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Humanidades.

**Aprovada em: 30/05/2022**

**BANCA EXAMINADORA:**



Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza (Orientador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Prof. Dr. Arilson dos Santos Gomes (Coorientador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Prof. Dr. Rafael da Cunha Scheffer (Examinador Externo ao Programa)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Prof. Dr. Robério Américo do Carmo Souza (Examinador Externo ao Programa)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## DEDICATÓRIA

Este escrito é dedicado  
à Maria Alcélia Pereira da Silva (*in memoriam*)  
e a Manoel Pereira da Silva (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela bolsa que fez tornar essa pesquisa viável.

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab) por me conceder a oportunidade de ingressar no ensino superior de qualidade nos níveis de graduação e pós-graduação.

À minha família por me fornecer o suporte necessário para o êxito dos meus estudos. Além de amor, carinho e afeto.

Ao Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH/Unilab) pela minha formação acadêmica e pela concretização do sonho de ser Mestre.

Ao meu orientador, Edson Holanda Lima Barboza, pelo apoio incondicional da Iniciação Científica até o mestrado. E, também, pelo forte incentivo e inspiração atribuídos a minha jornada de pesquisador.

Ao meu coorientador, Arilson dos Santos Gomes, pela confiança, orientação e ensinamentos preciosos.

Aos membros que compuseram a banca avaliadora dessa dissertação: Arilson dos Santos Gomes, Rafael da Cunha Scheffer, Robério Américo do Carmo Souza e Larissa Oliveira e Gabarra (suplente), que tanto contribuíram para a minha reflexão enquanto pesquisador e nos caminhos para o êxito dessa pesquisa.

Aos meus amigos do mestrado, da licenciatura em História, do BHU e da Unilab em geral pelo companheirismo, pela luta conjunta e apoio no campo da pesquisa.

Aos meus amigos da Mansão 015 e do ensino médio pelas alegrias, descontração e sentimento de união.

E aos meus ancestrais, que vieram antes de mim e fizeram me tornar quem eu sou.

*O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada.*

Guy Debord.

## RESUMO

Cheio de significados, o movimento abolicionista cearense emergiu, na segunda metade do século XIX, à mercê de projetos emancipacionistas que ousaram instaurar o progresso na província, a partir de abolições pensadas deliberadamente na promoção das sociedades libertadoras e no prestígio político alcançados mediante a causa do fim oficial da escravidão. A abolição do Ceará se converteu em um cenário de transformações emergentes, oriundas de novas alternativas ideológicas, inovações tecnológicas e desenvolvimento da imprensa, aos moldes da *belle époque*, encorpadas por uma elite letrada, que usufruía dessas mudanças para a construção de uma sociedade “civilizada”. Por estes fatores, o presente estudo se orientou pelos seguintes objetivos: investigar o processo abolicionista do Ceará a partir do discurso da imprensa oitocentista; entender os trâmites políticos, sociais e econômicos, que permeavam a realidade cearense, para a efetivação da liberdade dos escravizados; analisar o uso da imprensa como legitimadora da abolição e para a autopromoção dos abolicionistas; e compreender a importância do discurso impresso para a construção do imaginário sobre a abolição no Ceará. Assim, usou-se um arcabouço metodológico sustentado pela pesquisa qualitativa e documental, a partir de uma análise crítica do processo abolicionista, tendo como base jornais do século XIX, produzidos no Ceará, no qual dialogamos com os periódicos *Constituição* (órgão conservador), *Gazeta do Norte* (órgão liberal) e o *Libertador* (órgão abolicionista), uma vez que a escolha estratégica desses veículos informativos se deu pelo viés ideológico múltiplo, que possibilitou identificar, em seus editoriais, diferentes abordagens sobre o tema da escravização e da abolição no Ceará. Diante dessa questão, as escolhas pautadas tiveram o interesse em adentrar no contexto histórico dos primeiros anos da década de 1880 - período mais conhecido pelo ápice do movimento abolicionista cearense - visando buscar novas interpretações que problematizam o enredo disseminado na imprensa, que retrata a abolição como ato “heroico e humanitário”, ou seja, a representação articulada da imprensa com as sociedades libertadoras ao descreverem em suas colunas as conquistas, a propaganda, o festival e a repercussão do espetáculo da abolição orquestrada pela ótica dos abolicionistas. Contudo, algumas contradições sobre o processo emancipatório cearense se converteram como uma das principais críticas que envolvem o programa abolicionista do Ceará e todo o enredo de espetáculo inserido nele. Na medida em que se percebeu um notável esquecimento da imprensa ou mesmo de ações concretas após o marco da abolição que firmaram a narrativa do território cearense como a primeira província livre do Império.

**Palavras-chave:** Abolição. Ceará. Imprensa. Movimento Abolicionista.



## ABSTRACT

Full of meanings, the Ceará abolitionist movement emerged in the second half of the 19th century at the mercy of emancipationist projects that dared to establish progress in the province, from abolitions deliberately designed to promote liberating societies and the political prestige achieved through the cause of official end of slavery. The abolition of Ceará became a scenario of emerging transformations, arising from new ideological alternatives, technological innovations and press development, along the lines of the *belle époque*, embodied by a literate elite, which took advantage of these changes to build a “civilized” society. Due to these factors, the present study was guided by the following objectives: to investigate the abolitionist process in Ceará from the discourse of the 19th century press; understand the political, social and economic procedures that permeated the reality of Ceará for the realization of the freedom of the enslaved; to analyze the use of the press as a legitimator of abolition and for the self-promotion of abolitionists; and understand the importance of printed discourse for the construction of the imaginary about abolition in Ceará. Thus, we used a methodological framework supported by qualitative and documentary research, based on a critical analysis of the abolitionist process, based on newspapers from the 19th century, produced in Ceará, in which we dialogued with the periodicals *Constituição* (conservative organ), *Gazeta do Norte* (liberal organ) and *Libertador* (abolitionist organ), since the strategic choice of these informative vehicles was due to the multiple ideological bias that made it possible to identify in their editorials different approaches on the subject of slavery and abolition in Ceará. Faced with this issue, the guided choices were interested in entering the historical context of the early 1880s - a period best known for the apex of the abolitionist movement in Ceará - aiming to seek new interpretations that problematize the plot disseminated in the press, which portrays abolition as “heroic and humanitarian” act, that is, the articulated representation of the press with the liberating societies by describing in their columns the conquests, the propaganda, the festival and the repercussion of the spectacle of abolition orchestrated by the abolitionists’ perspective. However, some contradictions about Ceará’s emancipatory process have become one of the main criticisms involving Ceará’s abolitionist program and the entire spectacle plot inserted in it. To the extent that, there was a remarkable forgetfulness of the press or even of concrete actions after the abolition mark that established the narrative of Ceará’s territory as the first free province of the Empire.

**Keywords:** Abolition. Ceará. Press. Abolitionist Movement.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Escravizado fugido do jornal <i>Pedro II</i>	45
<b>Figura 2</b> - Capa do jornal <i>Constituição</i> : em homenagem ao dia 24 de maio	53
<b>Figura 3</b> - Quadro de luz: a escravidão é um roubo	55
<b>Figura 4</b> - <i>Gazeta do Norte</i> : toda a população livre de comprar caro	61
<b>Figura 5</b> - <i>Gazeta do Norte</i> : ornamentos	62
<b>Figura 6</b> - <i>Libertador</i> : chegou a tempo	63
<b>Figura 7</b> - <i>Libertador</i> : é barato!	64
<b>Figura 8</b> - <i>Libertador</i> : bem servidos!	64
<b>Figura 9</b> - <i>Libertador</i> : “aos ricos”	65
<b>Figura 10</b> - O palacete Alencar no encontro das harmonias	73
<b>Figura 11</b> - Capa do Jornal <i>Constituição</i> : honra e glória ao dia 25 de março	81
<b>Figura 12</b> - Capa do jornal <i>Gazeta do Norte</i> : em homenagem a libertação da província	82
<b>Figura 13</b> - Capa do jornal <i>Libertador</i> : homenagem a província do Ceará	82
<b>Figura 14</b> - Praça Senador Castro Carreira, palco da Sessão Magna	95
<b>Figura 15</b> - Catedral de São José no roteiro da abolição	101
<b>Figura 16</b> - O espetáculo da abolição no Teatro São Luiz	103
<b>Figura 17</b> - Sessão Literária na Praça do Palácio	108
<b>Figura 18</b> - Cadeia Pública de Fortaleza, o cárcere da liberdade	112
<b>Figura 19</b> - O Passeio Público na <i>Belle Époque</i> do Ceará	117
<b>Figura 20</b> - Praça José de Alencar nas ondas da jangada!	118
<b>Figura 21</b> - <i>Revista Ilustrada</i> : Francisco Nascimento impede o tráfico	128

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Exportação de escravizados do Ceará (1845-1880)	35
<b>Tabela 2</b> - Ordem dos discursos da Sessão Magna da abolição do Ceará	98
<b>Tabela 3</b> - Ornamentação das bandeiras provinciais	106

## **LISTA DE SIGLAS**

**ACL** - Academia Cearense de Letras

**BHU** - Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades

**BFASS** - British and Foreign Anti-Slavery Society

**BNDigital** - Biblioteca Nacional Digital

**CNPq** - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**COVID-19** - Coronavirus Disease 2019

**CPLP** - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

**DOE** - Diário Oficial do Estado

**FUNCAP** - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IC** - Instituto do Ceará

**PALOP** - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

**SCL** - Sociedade Cearense Libertadora

**SPP** - Sociedade Perseverança e Porvir

**Unilab** - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1. IMPRENSA, ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO NO CEARÁ NA DÉCADA DE 1880</b>	<b>28</b>
<b>1.1 Os romeiros da imprensa cearense</b>	<b>30</b>
1.1.1 <i>Constituição</i> : entre a “a luz e a verdade” e os lucros com o tráfico interno	31
1.1.2 <i>Gazeta do Norte</i> : “o farol que ilumina o mar da opinião”	37
1.1.3 <i>Libertador</i> : “ama o teu próximo como a ti mesmo”	41
<b>2. TRAJETÓRIAS, MOBILIZAÇÕES E ORGANIZAÇÃO DA CAMPANHA ABOLICIONISTA CEARENSE</b>	<b>51</b>
<b>2.1 Villa do Acarape: “o rosal da liberdade”</b>	<b>56</b>
<b>2.2 “Aos ricos champagne de 1ª qualidade”: os anúncios da festa da liberdade</b>	<b>60</b>
<b>2.3 Festival abolicionista: o dia 24 de março</b>	<b>66</b>
2.3.1 O banquete dos pobres	67
2.3.2 A festa das harmonias	73
<b>3. “GLORIA IN EXCELSIS! O CEARÁ É LIVRE!”: ENTRE FESTIVAIS E REPERCUSSÕES DA ABOLIÇÃO</b>	<b>79</b>
<b>3.1 O 25 de março nas edições especiais da imprensa cearense</b>	<b>80</b>
<b>3.2 Festival abolicionista: os dias 25 a 29 de março</b>	<b>93</b>
3.2.1 O dia da abolição no Ceará	94
3.2.2 Na catedral de São José, <i>Te-Déum laudamos!</i>	100
3.2.3 Sessão literária	105
3.2.4 Visita a Cadeia Pública de Fortaleza	111
3.2.5 A grande marcha cívica	114
3.2.6. Marcha triunfal da jangada	117
3.2.7. <i>Meeting</i> popular	120
<b>3.3 A abolição que vem do Norte: repercussões e oposições ao 25 de março</b>	<b>122</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>132</b>
<b>FONTES</b>	<b>136</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>136</b>

## INTRODUÇÃO

Na sociedade do espetáculo de Guy Debord (2003), o espetáculo enquanto categoria surgiu como *afirmação* da aparência de toda a vida humana, mas a crítica, que atingiu a verdade do espetáculo, descobre-o como *negação* visível da vida; ou seja, uma negação da vida que se *tornou visível*. Para tanto, ao *analisar* o espetáculo, fala-se, em certa medida, no uso da própria linguagem do espetacular como um dos artifícios que englobam a performance social.

Em vista disso, o movimento abolicionista brasileiro, que ganhou força na segunda metade do século XIX, usou da organização de associações e eventos públicos para se materializar como mobilização coletiva (ALONSO, 2015). Fato que só ocorre no Brasil, de acordo com Angela Alonso (2015), devido as conjunturas políticas que facilitaram o uso do espaço público para exprimir reivindicações, nas quais podemos citar: i) a cena internacional, que usufruía de um ciclo de abolições, que se iniciou no século XVIII e nos anos de 1860, que atingia grandes centros escravistas como Estado Unidos e Cuba, e, neste panorama, o Brasil estava prestes a restar como o último país escravista do Ocidente; ii) outra situação veio a partir da aceleração da urbanização do país, que propiciou um incipiente espaço público no qual se discutiam assuntos de interesses coletivos, que acabou redefinindo a escravidão de natural a abominável; iii) em 1868, o Partido Liberal usou o espaço público para contestar a supremacia adversária, e o Partido Conservador respondeu com a modernização do ensino superior, redução dos custos da imprensa e propôs a Lei do Ventre Livre. Ambiente que proporcionou o que Angela Alonso (2015) chama de primeiro ciclo de mobilização abolicionista no Brasil.

Esse cenário foi constituído a partir das investidas dos abolicionistas nas províncias do Império, na medida em que havia uma necessidade de expandir o movimento das sociedades libertadoras nas mais diversas regiões do país. Nessa perspectiva, o abolicionismo, que emerge no Ceará, é fruto de um período de grandes transformações sociais, políticas e intelectuais que vinham acontecendo pelo Brasil.

Em meio a isto, a província cearense, na década de sessenta dos oitocentos, consagrou-se economicamente pela grande exportação de algodão, situação que acabou gerando transformações estruturais na arquitetura de Fortaleza (PONTE, 2000). Além disso, ainda existia um forte teor político, intelectual e social que abraçava ideais corriqueiras importadas da Europa, como: o afrancesamento da capital com o período da *belle époque* e os movimentos como o liberalismo e o abolicionismo, que acabaram tornando vertentes importantes no acalorado debate partidário, ao mesmo tempo em que se usaram da imprensa local como uma extensão pública de seus interesses (CORDEIRO, 2000).

Foi por meio desta realidade que o Ceará possuiu diversos “protagonismos”, dentre eles a criação, já em 1870, da primeira sociedade libertadora do interior da província, na cidade de Baturité (SALES, 2016); a liderança no *ranking* de exportação de cativos, nos anos de 1877-1879 (SOBRINHO, 2005); a criação da agremiação *Perseverança e Povir*, em 1879, na capital, que dela surgiu, em 1880, a *Sociedade Cearense Libertadora* como a principal organização abolicionista da província (GIRÃO, 1984); além da primeira vila do Império a libertar seus escravizados, a Villa de Acarape, em 1 de janeiro de 1883, juntando-se um ano depois com a consolidação da “abolição” da província do Ceará, em 25 de março de 1884, a primeira do Brasil. Desta forma, é imprescindível falar de “libertação” sem ao menos lembrar do pioneirismo da província cearense em declarar extinta a presença do elemento servil em suas terras.

Nesse sentido, destaco a minha aproximação com a temática em estudo, na qual surge a partir de duas vertentes: uma vivencial, de experiências cotidianas atravessadas pelos lugares de memória da cidade de Redenção no estado do Ceará (antigamente nomeada Villa do Acarape, a primeira vila do Brasil a libertar seus escravizados); e a segunda, por uma perspectiva acadêmica, na qual fiz parte do quadro de pesquisadores de Iniciação Científica de dedicação exclusiva da FUNCAP, entre outras contribuições. Vertentes que serão detalhadas adiante.

O contato com o tema “abolição” vem, desde muito cedo, com a introdução do assunto nas escolas de ensino fundamental de Redenção-CE, a partir de aulas sobre os eventos abolicionistas da cidade. Nas excursões do fundamental, nas incontáveis visitas ao Museu Histórico e Memorial da Liberdade e ao Museu Senzala Negro Liberto do município, os discursos e a história da abolição se tornavam repetitivos, na medida em que era possível prever o que os guias e funcionários diziam sobre os acontecimentos históricos do século XIX. Nas locuções, o sofrimento, a tortura e a animosidade ficaram para definir o escravizado; os heróis, os piedosos e os homens de bem eram as definições para os abolicionistas. Criando assim, um imaginário coletivo - pelo menos para os redencionistas - na construção de uma memória sobre os eventos históricos da abolição.

A dicotomia estava posta, o estigma e o sofrimento virou sinônimo para o indivíduo negro escravizado, evidenciados em pejorativas representações nos espaços que forjam narrativas até hoje para “entretenimento” turístico da cidade de Redenção. Assim como, nos espaços públicos da cidade, que usufruem da escravização como um “orgulho” ao destacar o martírio negro em estátuas, pinturas e obras financiadas pelo poder público.

Marcada por uma herança escravizadora, os escassos espaços de memória de Redenção, assim como “ao inventariar, descrever e comentar sobre os processos de formação dos bens patrimoniais de papel, pedra e cal, deparamo-nos com as mesmas limitações, pois suas memórias afro-brasileiras são sinônimos de tortura, castigo, escravidão e o pretense ‘ponto final’ da Abolição” (SALES, 2016, p. 32). Por essas constatações, Levi Jucá Sales (2015) também aponta para outra questão importante, diante dos lugares de memória e as possibilidades de se converterem narrativas enraizadas, a partir da produção de uma Nova História:

A inauguração da UNILAB com todas as suas peculiaridades de constituição e missão institucional é também um “marco”, como os “lugares de memória”, de um novo tempo em Redenção e no Brasil: a África ainda mais perto de nós. A escolha de Redenção para sediá-la foi determinada pela mesma memória abolicionista pioneira, a qual é novamente fortalecida até mesmo com os nomes dos Campi: da Liberdade, das Auroras. (SALES, 2016, p. 33).

Criada em 2010, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), a partir da Lei nº 12.289/2010, na cidade de Redenção-CE, na gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, fez de sua implementação, no Maciço de Baturité, um espaço de memória, no município redencionista. Dessa vez, em alusão aos processos de resistências negras, em conjunto com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa<sup>1</sup> (CPLP) em congruência com a dívida de reparação histórica do Brasil com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa<sup>2</sup> (PALOP). É nesse sentido que a Unilab possui sua missão institucional pautada em “formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da [...] CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional” (BRASIL, 2010 *apud* BARBOZA; MARIZ, 2020, p. 82).

Nesse sentido, percebe-se que a Unilab foi pensada para ser uma instituição de ensino superior pautada no binômio “interiorização – internacionalização”, tendo como elo de embasamento ou de costura envolvendo esses dois eixos o ideal de integração: integração dos espaços nacionais periféricos dentro de uma geografia nacional das grandes universidades federais concentradas geralmente nas capitais de cada Estado; integração desses espaços tidos por periféricos com outras regiões do globo. (BARBOZA; MARIZ, 2020, p. 82).

<sup>1</sup> A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é formada pelas seguintes nações: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Disponível em: <<https://www.cplp.org/id-2597.aspx>>. Acesso em: 09 de Maio de 2022.

<sup>2</sup> De acordo com o Ministério de Relações Exteriores do Brasil, os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa são Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Disponível em: <<http://www.abc.gov.br/projetos/cooperacao/sul/palop>>. Acesso em: 09 de Maio de 2022.



A universidade foi inicialmente inserida no espaço conhecido historicamente como o “rosal da liberdade”, título dado à Villa do Acarape pelo professor e jornalista Perboyre e Silva (GIRÃO, 1984), que fez referência a abolição atribuída aos abolicionistas e toda a glória a eles destinada, sentimento que também é perceptível no hino municipal de Redenção, na imprensa do século XIX e os espaços públicos da cidade. Hoje, com instalações no Ceará, nos campi Liberdade e Auroras, em Redenção e Palmares no Acarape respectivamente, juntamente na Bahia com o Malês, em São Francisco do Conde, a Unilab possui uma simbologia de luta e resistência, vinde aos ancestrais por detrás das nomeações dos seus polos. Por essa questão, a instituição busca estabelecer uma reconfiguração em sua dinâmica espacial, sobre estruturas que solidificaram um pensamento histórico pautado no racismo, legitimado a partir de discursos elitistas, que consagrou uns e apagou outros na luta pela abolição. E para isso a Unilab:

[...] além de incluir em suas finalidades e objetivos a integração entre a comunidade brasileira e luso-africana como forma de combater o racismo e promover o entendimento e a colaboração por meio de trocas e contatos científicos, ou seja, a integração de diferentes grupos étnicos, na condição de instituição de ensino superior, também tem assumido como compromisso de cunho social, e não meramente científico, a elevação dos índices de desenvolvimento humano na região onde se encontra situada e, conseqüentemente, a suplantação de seus déficits socioeconômicos. (BARBOZA; MARIZ, 2020, p. 83).

O pioneirismo de Acarape trouxe muitos olhares para a região do Maciço de Baturité e os frutos dessa conquista são concedidos até hoje. Como é o caso da inserção no ensino superior público interiorizado para jovens e adultos da região e dos países parceiros da Unilab para uma formação acadêmica e científica. Sendo eu, redencionista, um dos contemplados nesta introdução formativa, em especial nas Ciências Humanas.

Com a entrada no ensino superior, mais especificamente no Bacharelado em Humanidades (BHU) da Unilab, pude usufruir de leituras, aulas e debates recorrentes sobre a importância de questionar as narrativas oficiais, detentoras de uma história elitista, que constrói heróis e define fracassados. Fato que dispensa designações, ao passo em que se sabe a cor, o sexo e a condição social dos detentores do poder no Brasil. Essas experiências acadêmicas acabaram por impulsionar o instinto problematizador e a habilidade de pesquisador, na busca incessante de respostas aos problemas sociais do nosso dia a dia.

Após integrar o curso de licenciatura plena em História (Unilab), a relação direta com a temática desta dissertação veio a partir da experiência no campo da Iniciação Científica, na qual tive a oportunidade de me associar como pesquisador voluntário no projeto de pesquisa “*Que liberdade é essa? Contradições e limites do processo de abolição e pós-abolição na província*

*do Ceará (1883-1888)*”, financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Político e Tecnológico (FUNCAP). Além da participação no grupo de pesquisa *Trabalho, Cultura e Migrações no Ceará* (CNPq/Unilab), no qual houve leituras e debates essenciais para o aprofundamento destas abordagens no campo teórico e empírico.

A inserção no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH/Unilab) veio, primeiramente, a partir da minha necessidade de expandir os conhecimentos adquiridos com a Iniciação Científica e com isso buscar novas respostas aos inúmeros questionamentos sobre a abolição cearense e os seus desdobramentos. A prática da pesquisa tornou-se um aprendizado diário e, por isso, viu-se a necessidade de explorar cada vez mais o que já havia conquistado com a primeira experiência pesquisadora. Por essa questão, já são notáveis os resultados obtidos com o foco e com o rigor da pesquisa interdisciplinar em humanidades, na busca de uma contribuição científica para a comunidade e para a academia, reforçadas desde os tímidos questionamentos do Ensino Fundamental que, naquela época, jamais, ousariam em refutar a “história oficial” contadas a população.

Compreende-se essa pesquisa em uma perspectiva interdisciplinar, na medida em que Frigotto (2011) discorre da necessidade de explorar o campo e os fenômenos que fazem parte de uma dinâmica social específica, possibilitando a construção de um novo conhecimento fundamentado em um plano histórico-cultural, assim, é o chamado de Quijano (2005) para repensar certas epistemologias, havendo a possibilidade de (re)construir uma perspectiva analítica. É um processo de descolonialidade, no qual Mignolo (2008) afirma ser necessário para que se possa estudar e compreender fenômenos fora de um contexto ocidental/colonial.

Em face do exposto, a efetivação desse estudo se deu por meio de uma abordagem histórica, que buscou questionar os enredos contados por uma classe dominante, almejando entender os fatores regionais, políticos e econômicos que levaram a culminar o 25 de março como marco da abolição no Ceará. A fim de dar base a pesquisa, buscou-se o auxílio de jornais do século XIX, relatórios de presidentes da província e arquivos digitalizados do acervo público do estado do Ceará, produzidos na época que se propõe o recorte temporal da pesquisa: que trata-se de um estudo sobre a segunda metade do século XIX, com o foco nos primeiros anos da década de oitenta, momento designado como o ápice do movimento abolicionista cearense. Contudo, devido ao contexto da pandemia causada pela COVID-19, deu-se maior destaque para a imprensa cearense, a partir do uso das edições digitalizadas dos jornais *Constituição*, *Gazeta do Norte* e *Libertador* presentes na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A pesquisa visou contribuir para a construção de conhecimento, na tentativa de compreender os mais diversos efeitos oriundos do recorte temporal estudado e Objetivando

abranger as especificidades regionais encontradas nos jornais e nos arquivos oficiais da província no século XIX. Com isso, este viés busca fazer interiorização de pesquisas acadêmicas, evidenciando fenômenos que até então são desconhecidos e invisibilizados pela grande massa.

Por estes e outros fatores, o presente estudo orientou-se pelas seguintes problemáticas: quais os aspectos políticos, sociais e econômicos presentes na realidade cearense no período abolicionista? Por quê, aos abolicionistas, foi atribuído o papel efetivo para o êxito da abolição no Ceará? E, como a imprensa e os festivais abolicionistas contribuíram para a divulgação e a popularização de uma abolição “bem sucedida”?

É através desses questionamentos iniciais de caráter gerador, que foram traçados os seguintes objetivos: investigar o processo abolicionista do Ceará a partir do discurso da imprensa oitocentista. De forma secundária: i) entender os trâmites políticos, sociais e econômicos, que permeavam a realidade cearense, para a efetivação da liberdade dos escravizados; ii) analisar o uso da imprensa como legitimadora da abolição e para a autopromoção dos abolicionistas; e iii) compreender a importância do discurso impresso para a construção do imaginário sobre a abolição no Ceará. Ou seja, a pesquisa buscou adentrar no contexto histórico exposto, visando trazer novas interpretações que problematizam o enredo disseminado, que retrata a abolição como ato heroico e humanitário.

Para isso, primeiramente, se fez necessário uma contextualização do período histórico em análise, indo além das noções estáticas e panorâmicas do que temos em vista do século XIX no Brasil. Diante disso, nota-se que, no início da década de 1880, havia um constante desequilíbrio com a tentativa de “modernização” do Império, que se confrontava com a manutenção de um sistema ainda escravista, oligárquico e latifundiário. Mesmo a escravatura não sendo tão importante em algumas partes do Brasil, devido ao movimento emancipacionista subsequente ao declínio da população escravizada, principalmente do Norte do país. Desta forma, entende-se que as abolições vindas do Norte foram colaboradas de acordo com Robert Conrad (1978), por fatores regionais/naturais e por uma forte política econômica da mão de obra escravizada na produção em larga escala de café destinadas à região Sul.

Por esses e outros efeitos, os primeiros indícios emancipatórios efetivados pela ação dos abolicionistas cearenses se fizeram presentes já em 1 de janeiro de 1883, na libertação de todos os cativos da Villa do Acarape, hoje chamada de Redenção, na região do Maciço de Baturité, no Ceará. Fortalecendo o pioneirismo da província e a promoção das sociedades libertadoras, cinco anos antes da assinatura da lei imperial. Diante deste cenário, construiu-se, portanto, uma visão superficial sobre a história da extinção da escravatura no Ceará, obtendo-se a sensação de

que o sucesso ocorrido, debaixo de ideias altruístas, vem de uma ação bem-sucedida e de tal inspiração, que se tornou exemplo ao restante do país, pelos propósitos impregnados de sentimentos humanos e pela preparação literária e política antecedentes do glorioso feito. Fatores que não dão margem para a divulgação de um abolicionismo de feição popular, acarretado por processos legais, acordos, fugas ou motins dos próprios escravizados.

Diante dos acontecimentos abolicionistas, no Ceará, a imprensa buscava expor o papel humanitário e empreendedor dos “cavaleiros da esperança” nos processos de libertação na província, almejando o alcance do progresso e da civilização, através da abolição do elemento cativo. Por meio deste viés, defende-se a tese de que o movimento abolicionista “procurou imprimir uma nova ordenação social, onde a superação da escravidão era entendida como uma possibilidade de instalar uma modernidade baseada nos valores modernos de civilização e progresso.” (OLIVEIRA, 2001, p. 11).

Então, diante desta realidade, conseguimos averiguar alguns veículos de imprensa como colaboradores assíduos na divulgação dos eventos abolicionistas cearenses. Desta forma, os jornais acabaram se tornando uma fonte importante na busca por entender a realidade escravista da época. Diante deste fato, é importante salientar o quanto os periódicos possuíam uma influência significativa no século XIX, sendo eles um dos principais meios de comunicação para a obtenção de informação e na prestação de serviço à população da capital e do interior. No entanto, se fez necessário uma investigação em torno dos ideais e abordagens das notícias distribuídas por estes, visto que, os veículos informativos possuíam aspectos ideológicos oriundos de seus interesses políticos (FERNANDES, 2004).

Nesse caso, é importante refletir a conjuntura política das principais ideias divulgadas nos jornais de maior circulação da província, que envolve ou não a denúncia dos atos contraditórios à libertação cativa. Os grupos liberal e conservador detinham a maior concentração dos meios de comunicação no Ceará, dessa maneira, a persuasão destes a população era recorrente. Por isso, para além de entender a postura de valores dos demais meios de comunicação, temos que perceber a heterogeneidade dos movimentos partidários e as contradições em torno das suas designações. Dessa forma, deve-se verificar as estruturas jornalísticas e os modelos de investigação, “bem como da utilização da imprensa como suporte dos interesses partidários e do poder político provincial, entre os vários segmentos da sociedade cearense da época” (FERNANDES, 2004, p. 23). Por conseguinte, questionar e problematizar as molduras ideológicas, pois “Liberal e Conservador foram termos circunstanciais mais que conceitos, que, muitas vezes, só nomeavam grupos distintos de pessoas, diante de uma disputa, como as eleições, em prol da posse de seus representantes” (FERNANDES, 2004, p. 25).

Por meio dessas concepções, trago outro reflexo oriundo da época abolicionista no Ceará, que se conduz na ênfase da chamada “transição” do modo de produção escravista ao trabalho livre. Sendo esta abordagem problemática, por passar a noção de linearidade e de previsibilidade, ou seja, postulando uma teoria do reflexo mais ou menos ornamentada pelo político e pelo ideológico, correlacionando de forma redundante a decadência e a extinção da escravização, explicadas em última análise a partir da lógica de produção e de mercado. Em outras palavras, é como se houvesse um destino histórico fora das intenções e das lutas dos próprios agentes sociais (CHALHOUB, 1990). É por esta causa, que reforço a ideia do autor como processo compreensivo desse estudo, na medida em que:

Prefiro, então, falar em “processo histórico”, não em “transição”, porque o objetivo do esforço aqui e, pelo menos em parte, é recuperar a indeterminação, a imprevisibilidade dos acontecimentos, esforço este que é essencial se quisermos compreender adequadamente o sentido que as personagens históricas de outra época atribuíam as suas próprias lutas. (CHALHOUB, 1990, p. 20).

Por este fator, para um melhor suporte analítico, buscou-se investigar os elementos documentais que legitimam a visão daqueles pertencentes à oligarquia cearense – principais agentes que resistiam a emancipação escrava - estando a problematizar estes meios, pautando em uma análise “vista de baixo” (THOMPSON, 1987), evidenciando as resistências e o protagonismo dos que estavam em situação de cativo, nas mais diversas ocorrências advindas do contexto emancipatório.

Por este fator, um estudo sobre as sociedades libertadoras se fez necessário para o entendimento mais fidedigno sobre os processos abolicionistas nas vilas cearenses e as conjunturas regionais que favoreceram os processos de libertação. À vista disso, damos foco a *Sociedade Cearense Libertadora* (SCL), que acaba emergindo com denúncias as ações escravistas que mantinham em situação de cativo aqueles já libertados por eles. Almejando assim, alcançar uma mudança histórica em que seus planos e ações, impulsos emocionais e racionais se transformassem em modelos de civilização que:

Também tentaram atingir uma ordem social em que as relações humanas se dessem de forma racional e planejada. De certo modo, a transformação da sociedade viria com novas necessidades, fundidas em novas maneiras, gostos e linguagens, permitindo a esses indivíduos alcançarem o progresso social com a mudança de certos padrões comportamentais. Na medida em que mudassem a estrutura das relações humanas e desenvolvessem novas funções sociais baseadas num novo código de conduta, dariam movimento a uma nova realidade histórica. (CAXILÉ, 2009, p. 192-193).

As alforrias concedidas pela SCL, na maioria das vezes, eram em dias festivos, homenageando alguma data importante, principalmente, aniversários, casamentos, batizados, atos religiosos e reuniões maçônicas. Nesse sentido, pode-se pensar numa estratégia dos libertadores de mostrar aos alforriados a "liberdade", enquanto, um favor que lhes era concedido. Sugerindo assim, uma bondade filantrópica em tal atitude, que não revelava, outros aspectos conjunturais sócio-políticos e econômicos os quais o ato estava envolvido (CAXILÉ, 2009).

Em detrimento da manutenção escravista, não podemos perceber os fatos apenas pela ótica do dominante, pois, contrariando a visão de muitos, o escravizado não era totalmente passivo às ordens de seus escravizadores, por esta razão, toda ação senhorial vinha atrelada à possibilidade de muitas reações dos cativos. Considerando as fugas em massa e as pressões cotidianas desses sujeitos como efeitos de contestação pela ampliação de seus espaços de autonomia. Por isso, reforça-se esta ideia, a partir das contribuições de João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (2012) indicando que:

Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob a ameaça de chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individualmente e coletivamente. (...) Houve no entanto um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão – e de outras formas do trabalho forçado. Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos.” (REIS; GOMES, 2012, p. 9-10).

Mesmo a província cearense declarando a extinção do elemento servil, em 1884, e mais tarde o Brasil com a assinatura da Lei Áurea, em 1888, as mesmas não estabeleceram nenhum tipo de política pública que visasse a inclusão social dos egressos do cativo e de seus descendentes. Por essa questão, pensamos que a efetivação da “liberdade” ainda está por vir, a medida em que muitos marcadores sociais, que permeiam, até hoje, os diversos âmbitos políticos de nossa sociedade, são consequências do contexto escravista, que perpassou o século XIX. Resultando, além do já exposto, a problemática identitária da nossa sociedade, em específico a sociedade cearense que associa atualmente às pessoas de cor preta ao sujeito escravizado. Sendo estas construções sociais consequências da marcação do “corpo negro” à marginalização. Caracterizando-os mediante a construção histórica de imagens e representações sociais do período escravista. Desse modo, de acordo com Stuart Hall (1999), a criação de significados corresponde em parte à tentativa dos seres sociais de criar mundos fixos e estáveis. Por isso, a categorização do negro é uma tentativa de aprisioná-lo a uma alteridade

forjada, a um lugar social que lhe impõe características que impossibilitam a ruptura de estigmas a partir de uma realidade historicamente racista.

Na tentativa de entender as construções de tais narrativas históricas, ver-se a necessidade traçar caminhos em busca de resultados para pesquisa, por isso recorreu-se a uma metodologia de abordagem qualitativa (MINAYO, 2001) e outros processos creditados como auxiliares para uma prática mais efetiva de análise e compreensão dos fatos, de acordo com o material disponível para averiguação:

a) Com o uso da **análise documental**, percebeu-se a necessidade de compreender os fatos para além do que estava posto no documento. Mas ao mesmo tempo, percebe-se a sua importância, pois o material histórico nos permite acrescentar a dimensão de temporalidade à compreensão social, política e cultural de uma realidade diferente da nossa (CELLARD, 2008). O rigor qualitativo se aplica da mesma forma à pesquisa de arquivo, com um percurso metodológico e disciplinar expressivos, a fim de garantir a validade e a solidez das interpretações e conclusões. Todavia, “a flexibilidade também é rigor: o exame minucioso de alguns documentos ou base de arquivos abre, às vezes, inúmeros caminhos de pesquisa e leva a formulação de interpretações novas, ou mesmo a modificação de alguns dos pressupostos iniciais.” (CELLARD, 2008, p. 298). Por essa via, diante dos vastos campos de experiências, métodos e análises, buscar a interdisciplinaridade corresponde a uma necessidade das ciências humanas, usando das suas ciências/disciplinas, a favor de uma interpretação mais crítica e fiel diante dos conglomerados processos interpretativos que auxiliam na busca de compreensão ao problema. Visando uma interpretação mais crítica e legítima, a pesquisa documental seguiu as seguintes orientações de análise: 1) o contexto: o exame do contexto social global, no qual foi produzido o documento; 2) o autor ou os autores: as motivações que levaram a escrever tal documento; 3) a autenticidade e confiabilidade no texto; 4) a natureza do texto; 5) os conceitos-chave e a lógica interna do texto; 6) e pôr fim a análise: que deve juntar as análises preliminares reunindo com os achados das investigações (CELLARD, 2008).

b) Para um entendimento mais específico dos fatos correntes do período em estudo, percebe-se a necessidade de abordar uma perspectiva de análise pautados na **micro-história**, a partir dos incentivos de Carlo Ginzburg (1989). Com o propósito de utilizar métodos particulares, que reduz a escala de observação e dos objetos da pesquisa. No intuito que nos auxilia para reflexões em outros campos, na medida em que se aplica ao estudo trajetórias individuais ou grupais e permite, por meio de microanálises, a reconstrução de fenômenos sociais.

c) Nesse viés, a pesquisa também utilizou uma perspectiva de análise trazida por E.P. Thompson (1987) a partir de uma **história vista de baixo**, pois, na sua concepção, a história deve ser contada, não somente levando em consideração os “grandes fatos” e seus heróis, mas, sobretudo pela observação dos fatos ocorridos com pessoas que fazem parte da massa esquecida. Então, apresenta-se, nesta investigação, uma análise crítica sobre o movimento abolicionista cearense, ao pôr em evidência o escravizado como o principal sujeito em torno desta empreitada, pois constitui-se de um agente que possui protagonismo e contribuição nos processos dinâmicos das relações e mudanças sociais.

d) Tendo os jornais do século XIX como uma das principais ferramentas analíticas sobre o propósito da pesquisa, salienta-se a necessidade de abarcar um aprofundamento maior em torno dos discursos, a partir do uso de técnicas da **Análise Textual Discursiva** (MORAES; GALIAZZI, 2006), que segue formas analíticas dos discursos que permitem a 1) Desconstrução e unitarização; 2) Estabelecimento de relações, o processo de categorização; e a 3) Construção de um metatexto para a descrição, interpretação, compreensão e teorização dos relatos documentais. Nesse sentido, buscamos alcançar uma compreensão das categorias em análise, ampliando e construindo outras perspectivas de compreensão.

Com um arcabouço de possibilidades metodológicas e a incorporação de conceitos e rigor científico, a pesquisa tem um caráter interdisciplinar (FRIGOTTO, 2011; MIGNOLO, 2008), que possibilita dialogar com várias áreas do conhecimento, a fim de legitimar e comprovar as hipóteses levantadas e os objetivos pautados. Tendo um viés compreensivo de acordo com os procedimentos técnicos associados a uma metodologia, pesquisa bibliográfica e fontes históricas, no intuito de obter informações sobre os objetos de estudo e os fenômenos que os contemplam. Dessa maneira, é uma chamada a ingressar em novas perspectivas por meio da aproximação entre teoria e prática da pesquisa, tomando como base a vivência de grupos marginalizados e oprimidos por condutas socialmente impostas.

O presente estudo focou em materiais importantes, no qual fizeram parte da realidade do Ceará, na década de 1880. Utilizamos fontes jornalísticas de aspectos conservadores (*Constituição*), liberais (*Gazeta do Norte*) e abolicionistas (*Libertador*), a fim de comparar suas abordagens, em torno dos processos de abolição, e as propagandas do período emancipatório, a partir de uma análise histórica de cada periódico; suas ideologias e relações políticas; corpo editorial; denúncias contra o escravismo; e suas intenções com a abolição da província cearense. Para isso, foram investigadas as edições dos respectivos jornais, com análise documental reportada em fichas, relatórios e banco de dados na perspectiva de criar um acervo dos acontecimentos relevantes para a pesquisa, divulgados nos materiais digitalizados. Tendo o



recolhimento destas informações, imprescindíveis para o enfoque de questionamentos e na formulação de ideias no processo do desenvolvimento investigativo.

Uma revisão bibliográfica foi necessária, na medida em que contemplou as perspectivas de análise crítica ao período que corresponde este estudo, bem como os agentes e as categorias de foco, confluindo com a produção regional de pesquisas do pré e pós-abolição no Ceará e no Brasil. Este apanhado teórico se tornou importante na medida que auxiliou na fomentação de novas indagações, ideias e problematizações. Dissertações de grande impacto da recente historiografia cearense foram o primeiro passo para a busca de um entendimento mais fidedigno aos processos sociais do Ceará oitocentista. Obras como a de Sobrinho (2005) em *“Catirina minha nega, Teu sinhô ta te querendo vende, Pero Rio de Janeiro, Pero nunca mais ti vê, Amaru Mambir”*: O Ceará no tráfico interprovincial (1850-1881); Caxilé (2005) em *Olhar para além das efemérides: ser liberto no Ceará*; Fernandes (2004) em *A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX*; e Martins (2010) em *Escravidão, abolição e pós-abolição no Ceará: sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no sertão cearense*, são algumas das principais referências que modularam a presente pesquisa. Além de fontes tradicionais como Girão (1984) em *Abolição no Ceará* e arquivos do Instituto do Ceará (IC) e da Academia Cearense de Letras (ACL), refutados pela excelente coletânea de estudos atualizados sobre o Ceará em Souza (2000) para *Uma nova história do Ceará* e outras pesquisas adjacentes.

Entre problematizações, métodos e arcabouço bibliográfico descritos, definiu-se o tema da dissertação, ao descrevê-la como *“Gloria in excelsis! O Ceará é livre!”*: o espetáculo da abolição na imprensa cearense. A escolha da epígrafe inicial é devido ao uso frequente do latim em jornais do século XIX, mais especificamente no jornal *Constituição* em 25 de março de 1884, no marco da abolição cearense. Frase que representa o poderio da elite letrada e a sua associação ao divino pela ação emancipadora da recente província libertada. “O espetáculo da abolição na imprensa cearense” veio no intuito da espetacularização dos eventos abolicionistas presentes nas edições especiais e diárias da imprensa, construídas ao objetivo de alcançar cada vez mais (e)leitores e associar o “bem social” promovidos pela abolição aos seus partidos.

Na estruturação da pesquisa, tem-se o primeiro capítulo intitulado *Imprensa, escravidão e abolição no Ceará na década de 1880*, vindo a evidenciar os principais acontecimentos sociais, políticos e econômicos que moldaram a província cearense, a partir da segunda metade do século XIX até o burburinho abolicionista nos anos 80. Em seguida, apresenta-se o tópico 1.1, designado como *Os romeiros da imprensa cearense*, espaço que descreve a introdução da

imprensa no Ceará, ao título definido pelo *Libertador* aos periódicos compactuantes com suas empreitadas abolicionistas promovidas por sua sociedade libertadora, que dentre os apoiadores estavam os jornais *Constituição* e *Gazeta do Norte*, ambos analisados mais adiante. Por esse motivo, o ponto 1.1.1 tem-se por título, *Constituição: entre “a luz e a verdade” e os lucros com o tráfico interno*; o 1.1.2 *Gazeta do Norte: “o farol que ilumina o mar da opinião”* e por fim o 1.1.3 sob a definição de, *Libertador: “ama o teu próximo como a ti mesmo”*; a partir de epígrafes descritas pelos mesmos ao tentarem definir seus conteúdos e propostas aos assinantes.

No segundo capítulo, *Trajetórias, mobilizações e organização da campanha abolicionista cearense*, tem a introdução dedicada a apresentar as sociedades libertadoras que se formam no Ceará na busca por financiar e efetivar a emancipação cativa em todo seu território. Ação esta que fez pressionar os líderes locais da pequena Villa do Acarape - a conceder a liberdade ou receber por ela - a proporcionarem a libertação de todos os cativos daquele vilarejo, em 1 de janeiro de 1883, processo evidenciado no tópico 2.1 *Villa do Acarape: “rosal da liberdade”*. Na aproximação do dia 25 de março de 1884, o tópico 2.2 *“Aos ricos champagne de 1ª qualidade”*: os anúncios da festa da liberdade vem por apresentar os preparativos da elite cearense ao tão aguardado acontecimento, evidenciado nos corriqueiros anúncios de vestimentas, adornos, decoração, comidas e bebidas de luxo nos jornais, destinados a um público específico. Eis que, no seguinte, temos o início do designado “Festival Abolicionista” com eventos especiais promovidos pelas autoridades provinciais para celebrarem o dia 25 de março em uma programação vasta destacada no tópico 2.3 *Festival Abolicionista: o dia 24 de março*, com a realização do *Banquete dos pobres* e da *Festa das harmonias*.

O capítulo três é intitulado sob a epígrafe que compõe o título desta dissertação, acrescentando *entre festivais e repercussões da abolição*. A seção analisa *O 25 de março nas edições especiais da imprensa cearense* no tópico 3.1, que salienta as incontáveis homenagens escritas por agentes ocupantes dos mais altos cargos do Ceará e até os de fora da província, em efeito de congratulação ao considerado dia histórico. E, desta forma, damos prosseguimento ao Festival Abolicionista, composto pelos dias 25 a 29 de março no item 3.2. Assim, avançamos com a descrição da programação conferida nas colunas especiais do *Libertador* e *Gazeta do Norte* na seguinte ordem: *O dia da abolição no Ceará*; *Na catedral de São José, Te-Déum laudamos!*; *a Sessão Literária*; *a Visita a cadeia pública de Fortaleza*; *A grande marcha cívica*; *a Marcha triunfal da jangada*; e finalizamos os festejos com o *Meeting popular*. Para fechar o terceiro capítulo, o tópico 3.3 discute *A abolição que vem do Norte* com as *repercussões e oposições ao 25 de março* no Ceará, título que acaba parafraseando José Hilário Ferreira

Sobrinho (2005), que apontou *O perigo que vem do Norte* - inspirado no estudo de Célia Maria Marinho de Azevedo (1987) - que urgem do mesmo sentido ao evidenciar a repercussão do tráfico interno ou da abolição cearense em outras províncias e os constantes “perigos” desta a manutenção escravista no Sul.

## 1. IMPRENSA, ESCRAVIDÃO E ABOLIÇÃO NO CEARÁ NA DÉCADA DE 1880

A segunda metade do século XIX, no Ceará, chegou de forma significativa, ao operar mudanças importantes nos mais diversos âmbitos sociais, políticos e econômicos da província. Regulamentações de caráter nacional, como a Lei Eusébio de Queirós<sup>3</sup> e a Lei do Ventre Livre<sup>4</sup>, são alguns exemplos legais que resultaram em consequências para a dinâmica da relação senhor e escravizado(a) no Brasil. A “benevolência” dos agentes legisladores não se traduz perante um olhar humanitário à questão escravista, mas sim, resultante de pressões externas de países como a Inglaterra com seu *Slavery Abolition Act* (1833) e também “em razão das lutas e resistências dos negros escravizados e livres contra o escravismo” (SOBRINHO, 2020, p. 134). Sendo esta última, a razão pela qual “a legislação foi obrigada a se adaptar a uma realidade clara: aqueles que eram vistos como coisas, brutos e indulgentes sabiam se organizar e se rebelar” (SOBRINHO, 2020, p. 134).

A peculiaridade cearense se converteu em um cenário propício a transformações, a partir de novas alternativas ideológicas importadas da Europa – considerada a vanguarda da civilização - chegando ao “Norte” como sinônimo de progresso. “Novas ideias, ligadas ao cientificismo e ao liberalismo político, abalam as estruturas tradicionais do poder e abrem caminho à abolição e à república” (CORDEIRO, 2000, p. 137). Resultando no embate de valores ditos “modernos” aos “tradicionais”, que chegam à capital e se espalham de forma considerável entre a elite letrada e bacharelesca. Sendo esta, em grande parte formada pela Escola de Direito de Recife e de São Paulo, “locais onde muitos alunos saíam republicanos e abolicionistas” (ALONSO, 2015). Jovens egressos de famílias nordestinas acabaram se tornando a gama mais ativa de políticos reformistas (BOSI, 1992) em atuação no Ceará.

O contexto fervoroso de ideias reverberou um conjunto de novos costumes “civilizatórios”. Sendo a “civilização”, neste período, sinônimo de progresso e modernização, como ressaltava Sebastião Rogério Ponte (2000) ao buscar entender o fenômeno da revolução científico-tecnológica na Europa e a sua adaptação ao Brasil, e, conseqüentemente, em Fortaleza. O fluxo econômico, que se desenvolveu a partir de 1860, foi impulsionado pelo

---

<sup>3</sup> Lei nº 581 de 4 de setembro de 1850. “Art. 1º As embarcações brasileiras encontradas em qualquer parte, e as estrangeiras encontradas nos portos, enseadas, ancoradouros, ou mares territoriaes do Brasil, tendo a seu bordo escravos, cuja importação he prohibida pela Lei de sete de Novembro de mil oitocentos trinta e hum, ou havendos desembarcado, serão apprehendidas pelas Autoridades, ou pelos Navios de guerra brasileiros, e consideradas importadoras de escravos”. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim581.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim581.htm). Acesso em: 10 de Setembro de 2021.

<sup>4</sup> Lei nº 2040 de 28 de setembro de 1871. “Art. 1º Os filhos de mulher escrava que nascerem no Imperio desde a data desta lei, serão considerados de condição livre”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim2040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm). Acesso em: 10 de Setembro de 2021.

aumento da exportação algodoeira, resultado da grande procura pelo algodão cearense que “decorreu da suspensão temporária da demanda do algodão norte-americano para a Europa, causada pela eclosão da Guerra de Secessão nos EUA, naquela década” (PONTE, 2000, p. 163). Fator que acabou ocasionando um processo de remodelação sócio-urbana em Fortaleza, que “sob o influxo desse *boom* algodoeiro, a capital auferiu considerável crescimento comercial e logo se prontificou enquanto principal centro urbano econômico, financeiro e social do Ceará, sobrepujando Aracati que desde o século XVIII, ostentava essa condição” (PONTE, 2000, p. 163).

Com o traslado de navios e o fluxo de informações, bem como o transporte de matéria prima e produtos industrializados, facilitou a importação de materiais tecnológicos, novas ideias e costumes sociais europeus, principalmente da França, aos portos de Fortaleza. O afrancesamento da capital, a *belle époque* no Ceará, iniciou a partir de 1860, indo até as primeiras décadas do século XX, período do seu auge. A obsessão pela modernização se tornou quase um *sine qua non* para certificar-se do progresso da província (SOUSA, 2014). Fato este, que ocasionou na década de 1860, por exemplo, a construção do Lazareto da Lagoa Funda e a Santa Casa da Misericórdia e, na década seguinte, a instalação da linha férrea de Baturité, novo cemitério, criação da Academia Francesa<sup>5</sup>, iluminação a gás e o plano urbanístico de Adolfo Herbster (PONTE, 2000).

Ao mesmo tempo que as transformações estruturais moldavam a arquitetura da província, em grande parte na capital, Celeste Cordeiro (2000) nos sinaliza para outro aspecto importante: a disseminação das ideias para a solidificação desse novo cenário. Por conseguinte, a quantidade de jornais circulando, em Fortaleza e no Ceará como um todo, foi bastante representativa para a divulgação das tendências ideológicas liberais, conservadoras, católicas, maçons, republicanas etc, que pairavam no Brasil.

Assim, as conexões com o mercado, as ideias europeias e o crescimento urbano compõem o cenário da “explosão da palavra impressa” (SANTOS, 2011, p. 189) e da construção do “performático teatro do jornalismo” cearense (MESQUITA, 2020, p. 678) no embate de conservadores *versus* liberais para assegurarem a permanência dos privilégios políticos das velhas lideranças (FERNANDES, 2004).

O tráfego de novas ideias como o liberalismo, positivismo, darwinismo e abolicionismo nas academias (SOUSA, 2014); a consolidação da imprensa com a intensa circulação de jornais,

---

<sup>5</sup> A Academia Francesa fundada em Fortaleza, no início da década de 1870, representou o início da introdução de ideias científicas advindas da Europa e contou com a participação de intelectuais como Capistrano de Abreu, Domingos Olímpio, entre outros: “O grupo se reunia na casa de Rocha Lima para realizar leituras e debates sobre filosofia positivista e Auguste Comte” (OLIVEIRA, 2002, p.24-25).

na capital e no interior (CORDEIRO, 2000); os ares da *belle époque* em Fortaleza (PONTE, 2000) foram reinterpretados com o objetivo de permitir ampla margem para a construção de um *boulevard* de possibilidades para manutenção do poder das grandes elites do Ceará. É nesse sentido que, entre cisões políticas e clima hostil, na zona de combate das ideias impressas, cria-se em Fortaleza importantes periódicos.

Neste contexto, o jornal *Constituição*, órgão do partido conservador, de 1863, o *Gazeta do Norte*, da facção liberal, de 1880 e o emblemático *Libertador*, de 1881, órgão da *Sociedade Cearense Libertadora*, são alguns dos periódicos selecionados para análise do discurso da imprensa em relação ao 25 de março de 1884, bem como alguns trâmites que envolvem os interesses dessa elite jornalística, aos processos que validaram a abolição cearense, em meio ao contraste do discurso e a ação. Uma vez que, a data da abolição dos escravizados da província cearense é considerada pioneira, ou seja, a primeira província “livre” do Brasil.

Justifica-se o enfoque, na medida que se analisa o discurso impregnado nos jornais sobre a “abolição” e a sua relação direta aos abolicionistas como uma ação de “filantropia humanitária” (*Constituição*), ao ato de “caridade e patriotismo” (*Gazeta do Norte*) e sob a titulação divina de “apostolos da liberdade” (*Libertador*). Omitindo fatores que favoreceram em maior escala para a efetivação do 25 de março no Ceará, a exemplo do tráfico interno de escravizados, que contribui fortemente para acelerar a abolição (GRAHAM, 2012), uma vez que o Ceará foi um “centro exportador de cativos para as lavouras de cana e café do sul” (SOBRINHO, 2005, p. 56); ou a grande seca, no Ceará, entre 1877-1879 (TEÓFILO, 1922), e a consequência dessa seca nas rotas de imigração de escravizados em direção às províncias do extremo Norte (BARBOZA, 2013).

Neste sentido, a opção de produzir o 25 de março como um “lugar de memória”<sup>6</sup>, que exaltava o protagonismo das elites políticas e intelectuais, representou uma escolha por silenciar outros processos, tais como o “abolicionismo de feição popular comprometido em acelerar o fim da escravidão” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 187); e os “atos de resistência dos negros no Brasil, especialmente no Ceará”, que possuíam um “significado singular, principalmente para a população cativa” (VIEIRA, 2020, p. 149).

## 1.1 Os romeiros da imprensa cearense

---

<sup>6</sup> Para Pierre Nora: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1992, p. 13).

*“N’este século, que marcha ascendendo para o ideal, o typo é a carabina dos guerreiros da paz, o prelo o canhão que vomita o verbo das batalhas do progresso, e o jornal um labaro victorioso de nossas conquistas”.*<sup>7</sup>

(**Gazeta do Norte**, 9 de julho de 1880)

Em meados dos oitocentos, a imprensa seguia em um amplo processo de crescimento e aceitação no circuito elitista da capital e do interior cearense. Dessa forma, entra em cena, periódicos relevantes para a composição política do Ceará, tornando-se um incremento para a divulgação de seus interesses partidários e conseqüentemente em atos de oposição ao governo adversário. Além do embate ideológico e a busca pela disseminação de ideias “civilizatórias”, que remetiam ao progresso, a exemplo, o abolicionismo, que entrava em ascensão aos debates políticos de conservadores e liberais na assembleia provincial cearense. A propagação de ideias abolicionistas veio ao passo da frequente “modernização” urbana que oferecia o aperfeiçoamento dos sistemas de transporte e regularização dos serviços dos Correios, em virtude do crescimento das linhas férreas e da implantação da rede de telegrafia, permitindo a expansão da imprensa e de suas ideias à população letrada do Império (BARBOSA, 2010).

### 1.1.1 *Constituição*: entre a “a luz e a verdade” e os lucros com o tráfico interno

Entre combates políticos e ramificações partidárias criou-se, em Fortaleza, mais um periódico, o jornal *Constituição*, órgão do partido conservador, em 24 de setembro de 1863, que foi Chefiado pelo Barão da Ibiapaba, Joaquim da Cunha Freire, inicialmente teve sua redação e direção sob os comandos de Domingos Jaguaribe, futuro Visconde de Jaguaribe.

Mais uma folha estreava no campo minado da batalha política. O *Constituição* da ala conservadora, entrava em cena, em oposição às ideias do *Pedro II*, um dos mais tradicionais periódicos de ideologia conservadora cearense. Mas, eram conservadores contra conservadores? Sim. Havia grandes mecanismos de disputas, interesses individuais e preferências de narrativas nas gazetas, que evidenciavam as divergências e a heterogeneidade dentro do mesmo partido político. E com o *Pedro II* não seria diferente. Fator que foi reforçado por mudanças de líderes e direção jornalística constantes no periódico, episódio que provocou a cisão de alguns correligionários partidários.

---

<sup>7</sup> Em respeito a originalidade das fontes, foi decidido que as citações de arquivos e jornais do século XIX aqui referenciados, ambos serão transcritos em sua grafia original, sem alterações ou adaptações com a ortografia atual.

Em seu estudo sobre a imprensa cearense, na segunda metade do século XIX, Ana Carla Sabino Fernandes (2004) nos traz informações precisas ao compartilhar o surgimento do *Constituição* a partir do rompimento de Domingos Nogueira Jaguaribe e Joaquim da Cunha Freire com os Fernandes Vieira. Estes últimos, família de alto escalão político e representantes do partido conservador cearense na região do sertão do Inhamuns<sup>8</sup>. As empreitadas políticas dos Fernandes Vieira fizeram acontecer, em 1838, a criação do jornal *Dom Pedro II*, que em 1840 foi chamado apenas de *Pedro II*. Sob a liderança de Miguel Fernandes Vieira, segundo filho do Barão e Visconde de Icó, Francisco Fernandes Vieira com Ana Angélica Fernandes Vieira (STUDART, 1924).

As desavenças políticas ocasionaram ramificações partidárias. Os coligados aos Fernandes Vieira acabaram referenciados como Conservadores Miúdos ou “Carcarás” e os apoiadores de Jaguaribe e Cunha Freire de Conservadores Graúdos ou “Ibiapinas” (FARIAS, 2015). Essa conjuntura propiciou ataques entre ambos nas mais diversas folhas dos periódicos *Pedro II* e *Constituição*. Acarretando uma batalha desenfreada de ideias políticas no circuito jornalístico, não apenas com o antagonista, mas com outras folhas de ideal liberal, a partir da fragmentação do partido conservador no decorrer dos anos sessenta.

Aos 24 de setembro de 1863, o *Constituição* fez a sua primeira publicação. Numa típica quinta-feira, em Fortaleza, o impresso expôs o seu propósito em sua página de abertura: “Nosso título indica nosso fim: esforçarmo-nos pelo fiel comprometimento de todos os preceitos constitucionais, procurando implantar no animo da população, que o acatamento à Constituição do Império he o unico meio de manter a integridade da Nação”. Com proposta patriótica vinculada ao seguimento constitucional, a gazeta afirma tal sequência como uma das formas para se chegar a prosperidade da província, sendo esta, uma árdua tarefa a disseminar sobre seus ombros. E prossegue:

Assim clamaremos sem cessar para que o preceito constitucional, que impõe aos poderes publicos o dever de dar a todos os cidadãos instrução primaria gratuitamente, tenha desenvolvimento mais amplo e eficaz; e ainda mais o faremos para que cesse o tão arraigado abuso das prisões arbitrárias.

Sem o fiel cumprimento desses dois preceitos salutaes, que garantão aos pobres o alimento de espirito, e à todos, ricos e pobres a segurança individual contra os caprichos da autoridade, não se pode com rasão dizer que respiramos as auras da liberdade, com que o imortal Fundador do Império, lá das margens do Ipiranga, bafejou a terra Santa Cruz, erigindo-a em Nação livre e independente.

---

<sup>8</sup> O Sertão dos Inhamuns é uma região socioeconômica no estado brasileiro do Ceará, que compreende os municípios de Aiuaba, Arneiroz, Catarina, Crateús, Independência, Ipaoranga, Mombaça, Novo Oriente, Parambu, Quiterianópolis e Tauá. Conforme José de Alencar a palavra Inhamuns significa "Irmão do Diabo". Disponível em: <<https://www.pefoce.ce.gov.br/projeto/regiao-do-sertao-dos-inhamuns-taua/>>. Acesso em: 28 de Outubro de 2021.



[...] E pois no intuito de attingir ao scopo, à que nos dirigimos, profligaremos com energia a autoridade publica, qualquer que seja sua posição, que de proposito, ou por negligencia obstar o desenvolvimento de quaisquer preceitos legaes, de que dependão a prosperidade publica e garantias individuaes, bem como sermos sollicitos em tecer elogios aos funcionários, que por seos actos o merecerem, qualquer que seja a côr politica, á que pertença.<sup>9</sup>

Em conformidade com a ideia de progresso moral e político, à mercê da constituição, o jornal introduz sua premissa averiguada sob modesta apresentação, prometendo, à frente, um maior empenho na introdução de instrumentos oratórios a favor da economia, sobretudo agrícola, assim, têm-se a promessa de multiplicar forças empregadas nas lavouras – até então, principal fonte de lucros da Província – para a fortificação do poder público e dos grandes proprietários. Também é chamada atenção para outros aspectos, como o sistema de viação e transportes, na vontade de equiparar o Ceará ao nível de desenvolvimento das principais províncias do Império.

Apesar dos discursos e projetos de modernização e civilização, foi justamente a partir da Lei Eusébio de Queiroz que o Ceará se transformou em cenário propício para o aumento da ação de traficantes de cativos entre províncias. Encabeçando a pirâmide do lucrativo negócio de compra e venda de escravizados, temos Joaquim da Cunha Freire, o primeiro e único Barão da Ibiapaba, fundador do jornal *Constituição*. Este por sua vez, negociante de enorme prestígio e fortuna recebidos durante a sua ação em diversos registros de transações de escravizados no comércio interno. Respeitado por muitos, o comerciante era notado como inovador e visionário, pois investia em todas as áreas em que auferissem lucros (SOBRINHO, 2005). Sua influência também foi sentida na política, assumindo, por diversas vezes, cargos temporários de presidente e vice-presidente da província do Ceará, a partir de 1868. Com destaque no comércio e na política, Barão de Studart, em seu Dicionário Bio-biográfico Cearense, descreve-o da seguinte maneira:

Nasceu a 18 de outubro de 1827, sendo seus Paes Felisberto Correia da Cunha, fallecido em 1832 no Piahy, e D<sup>a</sup>. Custódia Ribeiro da Cunha, que foi irmã do negociante Antônio Ribeiro, grande protetor da Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup> do Rosário, de Fortaleza, e morador a Praça da dita Igreja na casa hoje ocupada pelo Armazém de Marques, Dias e C<sup>a</sup>.

Dedicando-se à carreira commercial poude accumular avultada fortuna, uma das maiores que tem conhecido o Norte do Paiz e graças a qual collaborou para melhoramentos materiaes de Fortaleza.

Seduzido pela política a ella entregou, conseguindo ter entre as mãos por annos os destinos da antiga Província que governou varias vezes como vice-presidente.

Foi presidente da Camara Municipal de Fortaleza, da junta commercial, da Caixa Econômica e Monte de Socorro da Província. Falleceu em 1907 à rua Conde do Bomfim, Capital Federal (STUDART, 1910, p. 16-17).

<sup>9</sup> *Constituição*. Fortaleza, Ano I, nº 1, 24 de Setembro de 1863. p.1.

Por via das dúvidas é importante lembrar que, durante a seca de 1877 a 1879, que se alastrou pelo Ceará, fortaleceu-se a venda de escravizados para outras províncias, principalmente para zonas cafeeiras do Sul. Gerando enormes lucros para os bolsos dos traficantes e também para a província cearense, sendo os lucros também oportunos para investimentos no processo de modernização e urbanização da província, como fez Joaquim da Cunha Freire ao participar e financiar projetos de iluminação pública de Fortaleza e da construção da linha férrea de Fortaleza-Baturité (SOBRINHO, 2005).

Ao mesmo tempo em que o sentimento de modernização pairava na capital Fortaleza, as consequências da seca de 1877 a 1879 foram severas ao território cearense em todo o seu âmbito espacial. A escassez de água não era novidade no semiárido nordestino, mas períodos prolongados de seca acabavam afetando toda a dinâmica social e econômica das zonas produtoras de subsistência e exportação. A outro passo, fez do aumento de retirantes com destino à capital, configurar-se como uma forma de fuga para a sobrevivência, modificando a paisagem de Fortaleza. Como relata Frederico de Castro Neves (2000), que nos informa sobre a presença de mais de 100 mil “invasores” no primeiro ano de seca, aglomerando-se nas praças, ruas, calçadas e no Passeio Público de uma cidade com aproximadamente 27 mil habitantes, que vislumbrava o “progresso” para adaptar-se aos padrões “civilizados” dos grandes centros urbanos. A migração em busca de sobrevivência não foi bem recebida pelos provincianos cidadãos da capital, na medida em que se relatavam roubos, prostituição, suicídios, assassinatos, antropofagia, mendicância e etc. Situação intensificada pela imprensa que:

[...] denunciavam o ócio e a preguiça dos retirantes que vagavam sem destino certo pelas ruas da capital, mendigando ou furtando alimentos. O aumento da criminalidade e da prostituição também era tema frequente nessas matérias sensacionalistas, que cobravam das autoridades provinciais um maior rigor na punição aos retirantes. A preocupação com a moral era o fator central nessas reportagens, que enfatizavam como os vícios do corpo (as doenças) e, principalmente, do espírito (os crimes, a prostituição, a mendicância, a vagabundagem...) corroíam o tecido social e ameaçavam as conquistas da modernidade tão duramente conseguidas durante anos anteriores. (NEVES, 2000, p. 82-83)

O despreparo do governo perante a nova onda de imigrantes famintos vindos de toda parte do Ceará, favoreceu o caos e ocasionou crises em diversos âmbitos sociais, políticos e econômicos. Fato que ocasionou o barateamento da oferta sobre o elemento servil a um valor inferior ao preço de mercado, em algumas circunstâncias trocados por alimentos, como sacos de farinha e de milho, entre outros (SOBRINHO, 2004). Situação favorável aos traficantes internos, que lucravam com a aquisição barateada de escravizados, vendendo-os a preço bem

superior nas zonas de comércio do Rio de Janeiro e São Paulo. Ocasionalmente a presença de comerciantes sertão adentro, que aproveitaram-se da seca para fortalecerem seus negócios, ao mesmo tempo em que burlavam os impostos em áreas de difícil fiscalização. Provocando assim, uma avassaladora diferença no total de exportação de cativos do Ceará para outras províncias no triênio de 1877-1879, em relação aos anos antecedentes da seca:

**Tabela 1** – Exportação de escravizados do Ceará (1845-1880)

Anos	Escravos Exportados	Impostos Arrecadados	Anos	Escravos Exportados	Impostos Arrecadados
1845	316	1:582\$220	1863	113	6:870\$000
1846	807	4:037\$160	1864	179	10:580\$000
1847	233	1:165\$000	1865	89	6:480\$000
1848	104	520\$000	1866	145	5:824\$000
1849	166	830\$000	1867	242	9:690\$000
1850	91	456\$000	1868	601	18:030\$000
1851	165	825\$000	1869	467	14:010\$000
1852		7:970\$000	1870	334	10:020\$000
1853	1247	9:690\$000	1871	184	5:520\$000
1854		28:497\$190	1872	291	16:620\$000
1855	345	34:000\$000	1873	505	24:475\$000
1856	430	39:300\$000	1874	710	39:300\$000
1857	333	31:460\$000	1875	894	44:970\$000
1858	124	9:400\$000	1876	768	
1859	83	4:800\$000	1877	1725	
1860	146	12:000\$000	1878	2909	
1861	229	23:099\$773	1879	1925	125:880\$000
1862	98	5:880\$000	1880	1108	

Fonte: (SILVA, 1988, p. 88 *apud* SOBRINHO, 2005, p. 58)

Em números oficiais, percebeu-se no período da seca, um aumento significativo das exportações de cativos do Ceará para outras províncias do Brasil. Mas, há suposições que este número seja bem mais expressivo, devido às atividades ilegais de compra e venda de escravizados pelos mais tortuosos becos do sertão cearense. Na medida em que o lucro era o maior objetivo dos traficantes e submeter-se a fiscalização conferidas por lei, acabava dando margem ao pagamento de impostos, colocando em cheque os rendimentos do comércio ilegal. Por isso, é importante entender o tráfico interprovincial como gerador de grandes consequências na vida dos escravizados no Ceará, a partir da segunda metade do século XIX. Isso conferido aos notáveis atos de resistências, diante da separação de familiares de escravizados ao movimento do embarque para outras províncias no traslado para o Sul do Brasil (SOBRINHO, 2005).

A tabela em questão nos fornece detalhes importantes que devem ser analisados e também questionados, na medida que se entende uma elevação da exportação de escravizados

no triênio da seca. Situação também perceptível, no ano de 1853, com um número expressivo de exportações. Diante do exposto, José Hilário Ferreira Sobrinho (2005) nos atenta para o referido ano como um período resultante de um surto de febre amarela, em várias vilas do Ceará, das quais podemos citar Fortaleza, Aracati, São Bernardo de Russas, Icó e a Vila do Acaraú. Por essa questão, a epidemia abalou a vida dos escravizadores ao ponto de venderem seus cativos para não ficarem no prejuízo, em caso de morte ou doença. A partir desse fato, outro ponto nos chama a atenção, que seria a falta de alguns dados presentes na tabela, principalmente no que se refere aos dados dos impostos arrecadados durante o maior período de exportação. Dessa forma, vem a indagação: o que eles queriam esconder? Seria por falta de dados ou omissão de informações? Nesse momento, várias hipóteses são levantadas e novas análises serão necessárias.

Diante da degradação social e econômica do Ceará, via-se com frequência o embarque de negros e negras nos portos de Fortaleza em direção a províncias vizinhas ou mais distantes, como relata Rodolfo Teófilo (1922), testemunha presencial dos fatos: “a mercadoria era comprada no interior por baixo preço; as peças custavam às vezes duas sacas de farinha ao magarefe italiano, que afrontava os perigos das longas travessias” (TEÓFILO, 1922, p. 250). Desse modo, com a saída, no ano de 1877, pelo porto de Fortaleza, algo entorno de 2.909 escravos para o sul do Império, o cenário apontava para um quadro desolador, na medida que observava o olhar lacrimajante do escravizado ao perceber sua partida, mas que “suas lágrimas caíam despercebidas: eram lágrimas de escravos. Ninguém tinha dó deles!” (TEÓFILO, 1922, p. 250).

Foi nesse espetáculo de horrores, que se uniram em torno de vinte cavalheiros e dezesseis damas do alto escalão político e de famílias tradicionais com grandes posses de terras, no Ceará, para fazerem parte de uma organização destinada à manumissão de pretos escravizados no Ceará (ALONSO, 2015). Esta era a *Sociedade Perseverança e Porvir* (SPP), que surgia para os fastos do abolicionismo brasileiro, em 28 de setembro de 1879, em homenagem ao oitavo aniversário da Lei do Ventre Livre (GIRÃO, 1984). Com isso:

Pelos estatutos organizados por Martins Júnior e aprovados, com emendas, na reunião de 19 de outubro, a sociedade manteria um fundo de emancipação, que ia sendo alimentado com a contribuição espontânea dos associados e uma porcentagem nos ganhos obtidos em cada operação mercantil. A primeira diretoria de mandato semestral, foi eleita na mesma reunião: Presidente – José Amaral (7 votos); Vice-presidente – José Teodorico (5 votos); Tesoureiro – Joaquim de Oliveira Filho (7 votos); Secretário – Alfredo Salgado (8 votos); Diretores – Antônio Cruz (7 votos) e Barros da Silva (5 votos) (GIRÃO, 1984, p. 74).

Visando protagonismo, a onda libertadora da *Perseverança e Porvir* se espalha e se finca em espaços públicos, debates partidários e conhecimento popular. Indo parar, obviamente, nas páginas da imprensa, com muitos partidos e conseqüentemente suas gazetas aderindo a projetos políticos condizentes às emergências pautadas por movimentos elitistas que visavam o progresso social. Ao passo, de uma forte busca pela modernização da província, ideia compactuada por políticos liberais confrontada por conservadores na luta pela manutenção de seus poderes.

Partindo desse pressuposto, o jornal *Constituição* de Joaquim da Cunha Freire, no início da década de oitenta, acaba assumindo uma nova postura em relação aos movimentos emancipadores, no intuito de embarcar nos debates da onda emergente abolicionista, tornando-se “dentre os grandes jornais políticos da cidade de Fortaleza”, um dos maiores apoiadores “[...] de todas as medidas do movimento abolicionista, liderado pela Sociedade Cearense Libertadora” (MESQUITA, 2021, p. 253). Assim, mesmo em pouco tempo atrás, sendo possível encontrar em suas folhas, anúncios de escravizados fugidos, como em 1878, com recompensas de 50\$000 réis<sup>10</sup>. Tornando-se perceptível a mudança de posicionamento da folha conservadora, como destaca Cardoso (2009), em função da apropriação do tema abolicionista na promoção de fins eleitoreiros. Possuindo entre outras estratégias, a aproximação com grupos adversos para a concentração de força política, a exemplo de sua parceria com o *Gazeta do Norte* (liberal) no compromisso político de “civilizar” da província.

### 1.1.2 *Gazeta do Norte*: “o farol que ilumina o mar da opinião”

Foi na leva de intelectuais políticos que entrou em cena o jornal *Gazeta do Norte* (órgão liberal), em 8 de junho de 1880, fundado por Tomás Pompeu de Sousa Brasil, filho de pai de mesmo nome e líder da facção liberal no Ceará. Logo após o falecimento do chefe do partido, houve o rompimento das lideranças partidárias e a desfiliação com o *Cearense* (1846), até então, principal agremiação de cunho liberal da província (FERNANDES, 2004). A nova gazeta, conhecida por Pompeus, sobrenome da família idealizadora, possuiu rapidamente agregados

<sup>10</sup> “Do Aracaty evadio-se no dia 4 do corrente o escravo de nome Izidorio, côr preta, já idozo, cabellos carapinhos, tem um dezar n’um olho, foi vestido de roupa preta levando consigo um clavinóte, suppõe-se estar nesta capital junto com a família de retirantes. Quem o apreender será gratifica-se com a quantia acima, a atender-se nesta capital com Francisco Rocha Cunha & Sobrinhos, ou no Acaraty com o seu dono Antonio Joaquim Sérve. Ceará 16 de Setembro de 1878”. Verifica-se em: **Constituição**. Fortaleza, Ano XVI, nº 77, 13 de outubro de 1878. “50\$000 réis”. p. 4.

importantes como Antonio Pinto Nogueira Accioly, genro do fundador da folha e futuro líder da poderosa oligarquia, que governou o Ceará nas décadas iniciais do período republicano.

Não diferente dos demais, os jornais liberais em sua grande maioria, provinham de um corpo editorial formado por políticos em atuação e bacharéis ligados à família de ricos proprietários que fazem parte da uma elite política tradicional do Ceará. Preocupados em atacar seus adversários políticos em suas várias faces, jornais como o *Gazeta do Norte* surgem pela necessidade de preservação, a todo custo, dos seus espaços de poder, adquirindo muitas vezes pautas ideológicas para divergir de seu opositor, nesse caso, o *Cearense* (MENEZES, 2006).

Os princípios liberais do *Gazeta do Norte* fizeram sua aproximação aos movimentos abolicionistas, por mais que defendesse uma libertação gradual aos princípios ordeiros com a troca do trabalho escravizado pelo livre. Na medida em que defendia e colaborava “[...] com os governos na gestão do interesses publicos”, militava “[...] com as sociedades no pleito dos seus direitos, na expressão de suas necessidades”, mas sem desobedecer a ordem social na qual “produz e evita revoluções. Produz revoluções pacíficas cujos resultados são reaes e duradouros, porque surgem naturalmente e desenvolvem-se sem violencia”<sup>11</sup>. Ou seja, o protesto só era bem visto se não oferecesse risco ao *status quo* social. E nas mesmas linhas, reforça o seu compromisso em sua edição de estreia:

Procuraremos representar a opinião publica com a lealdade de que nos sentimos capaz, fazendo do nosso jornal o espelho fiel das impressões, o advogado de seus direitos, o interprete de suas necessidades.

Não desempenhamos a face escura da imprensa [...]

No posto que vamos ocupar entre os trabalhadores da ideia liberal servimos os princípios, não as individualidades.

São esses os compromissos que podemos formular.

Não é um programa, porque o jornal não tem o direito de circunscrever-se as ideias preconcebidas, uma vez que é de seu papel modelar-se pelo espírito publico, seguindo-se nas evoluções faceis e naturaes, guiando-o nas crises delicadas e perigosas.

Saudando os seus collegas da imprensa a <<Gazeta do Norte>> pede venia para desfraldar o labaro de suas crenças.

A folha entra em cena com publicações diárias, com exceção das segundas-feiras e em dias “immediatos aos santificados”. Possuindo um plano de assinatura para Fortaleza e outro para fora da capital. Os valores do primeiro se resumiam em 15\$000 ao ano, 8\$000 por seis meses, 5\$000 por três meses e 1\$500 por um mês. Já o segundo plano vinham apenas dois pacotes de 10\$000 ao ano e 9\$000 por seis meses, para o acesso às páginas do periódico fora da capital. Quem quisesse publicar ou fazer algum anúncio desembolsaria oitenta réis, mas se

<sup>11</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano I, nº 1, 8 de junho de 1880. “Gazeta do Norte”. p. 1

já fosse assinante pagava apenas sessenta, ambos pagos adiantados. Os pontos de venda da gazeta se concentravam na estação central da via férrea de Baturité, no ponto dos bondes e nas oficinas do jornal, vendido a sessenta réis avulso.<sup>12</sup>

Com a virada para a década de oitenta do século XIX e o melhoramento das condições climáticas acarretadas pelo fim da seca, favoreceram para o prosseguimento da máquina “civilizadora” construtora do progresso no Ceará. Sobre o clã dos Pompeus é possível observar que “nenhuma parentela soube se adaptar mais do que esta às mudanças acarretadas pela política de seu tempo” (ARAÚJO, 2011, p. 38). Como forma de manutenção de poder à lógica dos avanços sociais, políticos e estruturais da província, a aceitação de ideias emergentes, como o abolicionismo, desbravava-se como uma estratégia de não perder a relevância política e a influência familiar diante do controle dos novos rumos que o Ceará poderia tomar. Pois “pelo alto grau de endogamia e exogamia para fins político-partidários, pela ‘bacharelização’ de seus membros, e pela ocupação efetiva dos mais altos postos de poder no período, os Pompeu Brasil formam, sem dúvida, o mais bem sucedido “clã familiar” do Ceará deste período” (ARAÚJO, 2011, p. 38). É nesse sentido que percebemos as artimanhas das grandes famílias cearenses para o aumento do seu poderoso capital político, pois:

Como fica evidente, os Pompeu atrelaram-se ao poder e participaram ativamente da construção da máquina pública provincial e estadual; pelo compadrio e pelo matrimônio entrelaçaram-se com os Paula Pessoa de Sobral e com os Nogueira Accioly da região do Icó. Pompeu era “compadre” de Vicente de Paula Pessoa (sabemos que o compadrio era uma forma de ampliar a família), e sogro de Accioly (é possível que a união de Teresa de Souza, filha do Pe. Pompeu, como o então jovem e proeminente promotor público de Icó, Antônio Pinto de Nogueira Accioly, tenha unido às parentelas do norte e do sul do Ceará, união que deu a base de apoio à futura oligarquia Aciolina, na fase republicana de nossa história). Esta parentela soube, como nenhuma outra, adaptar-se aos novos tempos, construir relações sociopolíticas e imiscuir-se dentro da estrutura do Estado, a tal ponto que será necessário uma revolta de parte da elite política e de boa parte da população da capital para desalojá-la das entranhas do poder já no século XX. (ARAÚJO, 2011, p. 39).

As artimanhas dos Pompeus são evidentes e contínuas em toda a década de oitenta, no auge das sociedades libertadoras e no burburinho abolicionista. A família, em sua gazeta liberal, defendia que “quando a cruz do jornalismo se levanta no Golgotha da imprensa, e fala aos povos o verbo da redenção social, o progresso, que é a fórmula synthetica e suprema da civilização, toma impulso titânico e marcha desassombrado à conquista do futuro”. E reitera de forma enfática o seu “jornalismo de forma, elevado a altura de uma instituição, é sem controversia, uma potencia creadora, uma força indestrutível”<sup>13</sup>. Trazendo sempre em seus discursos a

<sup>12</sup> Informações cedidas nos cabeçalhos das edições da *Gazeta do Norte* a partir do seu primeiro ano de publicação.

<sup>13</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano I, nº 2, 9 de julho de 1880. “O jornal”. p. 1.

solidificação do círculo das garantias individuais, uma forma evidente de elucidar a difusão das ideias liberais em uma sociedade totalmente desigual.

Em um contexto acolhedor, na virada do seu primeiro ano de distribuição, o *Gazeta do Norte* parabeniza a chegada de mais um periódico na zona de combate das ideias impressas de Fortaleza, era ele, o novato *Libertador*:

Com o título – *Libertador* – veio a luz nesta capital mais um órgão de publicidade, da sociedade cearense libertadora.  
Seu primeiro nº, de 1 de janeiro sahio em 8 páginas, em papel de côr e nitidamente impresso.  
Destina-se a sustentação do problema mais difficil que preocupa actualmente o pensamento nacional – a extinção do elemento servil.  
Aspiração humanitária e digna de uma província que iniciou o trabalho livre, o novo órgão é comprimento necessário de movimento generoso em favor da extinção da escravidão que se opera em todo paiz.  
Precipitar a solução do problema já é um grande tentamem.  
Sympathico a causa que deffende o colega, só temos palavras de animação para dispensar-lhe, desejando-lhe longos dias de vida.<sup>14</sup>

Com a estreia do *Libertador*, o *Gazeta do Norte* acaba adotando uma postura um pouco contraditória, no que diz respeito a sua relação com as artimanhas escravistas no decorrer de suas folhas. Quando o mesmo diz “sympathico a causa que define o colega”, ao referir-se a folha da *Sociedade Cearense Libertadora*, faz acreditar que seu discurso é legitimado a uma prática antiescravista no seu editorial. No entanto, não muito tempo atrás, a menos de um ano das boas-vindas ao *Libertador*, no fervor do movimento abolicionista, a folha liberal, em seu ano inaugural, divulgava anúncios de fuga de escravizados pelo Ceará e também para outras províncias. A esse último exemplo podemos contar:

“Por esta Repartição se fazem publicas para conhecimento dos interessados, as seguintes notas, vindas da casa de detenção da cidade de Recife, relativamente a um preto de nome Roque, que ali achava-se recolhido, como escravo fugido d’esta provincia. Secretaria de Polícia do Ceará 28 de Julho de 1880”; “Roque, escravo de D. Catharina Lopess d’Andrade, prêto, solteiro, natural de Icó, idade 20 annos, filho de pais incógnitos, agricultor, cinco pés e trez pontos, cabellos pretos carapinhos, sem barba, olhos pretos, nariz chato, bocca regular com todos os dentes, corpo secco, analphabeto. Recolhido em 30 de Abril de 1879 á ordem do subdelegado do 4º districto dos Affogados como fugido. Conforme. Casa de Detenção em 15 de Julho de 1880”; “Este escravo declara ter fugido, d’envolta com retirantes, a bordo de um vapor, há cerca de 2 annos, tendo embarcado no Aracaty, onde se achava então sua Sr<sup>a</sup>. que havia abandonado sua residência no Genipapeiro da comarca do Icó, por cauza da secca [...]. Recife, Casa de Detenção, 15 de Julho de 1880”.<sup>15</sup>

Nas terras cearenses, ver-se o anúncio de fuga do escravizado Appolinario:

<sup>14</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano I, nº 2, 4 de janeiro de 1881. “Noticias”. p. 2.

<sup>15</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano I, nº 43, 29 de julho de 1880. “Editaes”. p. 3.



Cypriano Lopes Pequeno gratifica a quem apreender um seu escravo de nome Appollinario, mulato amarelado, cabelo estirado, com 15 para 16 annos, cambado, secco do corpo, de baixa estatura, pois é de crescimento acanhado. Fugiu desta cidade no dia 25 de Novembro. Pode ser entregue na capital ao Sr. Targino Teixeira Mendes. Icó 8 de dezembro de 1880”.<sup>16</sup>

Como é perceptível, nos textos publicados nas folhas do *Gazeta do Norte* estavam presentes recompensas, características e pontos de encontro para entrega de cativos fugidos, publicados de forma explícita, até os finais de 1880. Prática que se contradiz com a declaração feita ao *Libertador*, ao passo em que expõe, outras declarações feitas pela folha, percebidas na coluna “Collaboração”<sup>17</sup>, correlacionada a sua participação na campanha de emancipação da província e contra a instituição escravista. Ação que não se efetiva com a colaboração da gazeta liberal no esquema senhorial de anúncios de escravizados fugidos.

### 1.1.3 *Libertador*: “ama o teu próximo como a ti mesmo”

Foi nesse ambiente de embates e diversidade de ideias que, na virada para a década de oitenta, as vésperas da Greve dos Jangadeiros (27 de janeiro de 1881), estreava a gazeta da *Sociedade Cearense Libertadora*, fruto da principal agremiação antiescravista do Ceará, uma vez que esta, capitaneou a campanha abolicionista na província (MESQUITA, 2021). Foram com esses ideais, que deram vida ao emblemático jornal *Libertador*, em 1º de janeiro de 1881, composto pelos:

Membros da “Perseverança e Porvir” que elegeram a primeira diretoria da Sociedade Cearense Libertadora. Essa agremiação foi composta pelos seguintes membros: João Cordeiro (Presidente); José Correia do Amaral (Vice-presidente); Frederico Borges (1º secretário); Antônio Bezerra (2º secretário); João Crisóstomo da Silva Jatahy (Tesoureiro); Manuel Ambrósio da Silveira Torres Portugal e Justino Francisco Xavier (Advogados); José Caetano da Costa, João Carlos da Silva Jatahy, João Baptista Perdigão de Oliveira e Eugênio Marçal (Procuradores). (MESQUITA, 2021, p. 241)

Com a epígrafe “ama a teu próximo como a ti mesmo”, de princípios cristãos, em sua primeira publicação, o jornal nos informa que: “liberdade, igualdade e fraternidade é a legenda de nosso estandarte”. E prossegue com a empreitada da abolição: “escravizou-o, vendeu-o, torturou-o e matou-o! [...] No seu apostolado o Libertador não restringe a sua esphera de acção. Levanta o escravo e colloca-o, o homem ao lado do homem”. É nessa “benevolência”

<sup>16</sup> *Gazeta do Norte*. Fortaleza, Ano I, nº 164, 25 de dezembro de 1880. “Annuncios”. p. 4.

<sup>17</sup> *Gazeta do Norte*. Fortaleza, Ano I, nº 153, 12 de dezembro de 1881. “Collaboração”. p. 3.

explanada, que o *Libertador* expõe seu propósito “divino”, ao mesmo tempo em que de forma sucinta convida, para compor este encargo, os intitulados “romeiros da imprensa cearense”: o *Cearense*<sup>18</sup>, *Gazeta do Norte* e o *Constituição*, a fazerem parte da sua missão de amor, mas que não traz paz, pois em suas palavras, para chegar-se a liberdade “só se combate com a espada”.<sup>19</sup>

O jornal *Constituição* também mostrou sua cordialidade ao *Libertador* e a gazeta abolicionista fez questão de reproduzir em suas páginas a breve acolhida: “*novo campeão da imprensa* sahio no 1. do corrente à luz da publicidade nesta capital o *Libertador*, órgão abolicionista. Comprimentamo-lo cordialmente e desejamos-lhe todas as prosperidades”<sup>20</sup>. Também manifestaram honrarias ao *Gazeta do Norte*, *Cearense* e *Diário de Notícias*.

Com o valor avulso de 40 réis, o *Libertador*<sup>21</sup> foi fundado a menos de um mês do lançamento da *Sociedade Cearense Libertadora*, com publicações quinzenais destinado à propaganda e interesses abolicionistas, como exprimiu em sua edição de estreia, logo nas primeiras linhas da página em negrito. Complementa a informação dizendo-se com orgulho ser órgão da *Libertadora*, aceitando qualquer publicação concebida nos termos de seu programa, analisadas sob a diretoria da já dita sociedade.<sup>22</sup>

Com o título “Aos que sabem ler.” a gazeta informa seus pontos de venda concentrados nas ruas do centro da capital Fortaleza e na Bolsa do Comércio, estabelecimento do Sr. José Barros. A mesma ainda reafirma, como estratégia de difusão das ideias abolicionistas, o não oferecimento de pacotes para assinaturas, pois para a folha, o consumo de suas ideias devem ser apropriadas por “todos aquelles que sabem ler e são bastantes nobres para se interessarem pelo progresso do grande commetimento do *Libertador*”<sup>23</sup>. Informando já no cabeçalho da sua segunda edição o aviso de que o *Libertador* “não tem assinantes, vende-se avulso: o publico

<sup>18</sup> Apesar de não ser material de análise, o jornal *Cearense* é constantemente mencionado no decorrer do trabalho devido a sua ligação direta nos embates da imprensa e na campanha escravista, com isso, não aderindo ao discurso abolicionista. Como relata Campos (1984) ao conferir o contraponto da imprensa abolicionista referindo-se ao retraimento do jornal *Cearense*, obstinado em não participar do movimento emancipador. “Por sua vez, embora a folha liberal *Cearense* também tenha prestado uma homenagem cordial ao aparecimento do jornal *Libertador* na imprensa cearense e tivesse deixado de publicar anúncios sobre a fuga, a venda e a compra de escravos, ainda durante o ano de 1880, ela nunca apoiou o movimento abolicionista, promovido pela *Sociedade Cearense Libertadora*. Além de questionar as práticas empregadas por essa agremiação, o jornal *Cearense* apregoava que realizava a “verdadeira propaganda” abolicionista. Para o periódico da família Paula Pessoa, a escravidão deveria desaparecer porque era um atentado contra os direitos da humanidade; no entanto, ela teria que ser extinta de acordo com o bom senso moral e jurídico (MESQUITA, 2021, p. 254).

<sup>19</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 1, 1 de janeiro de 1881. “Programma”. p. 1.

<sup>20</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 2, 15 de janeiro de 1881. “Gazetilha”. p. 4.

<sup>21</sup> “Impresso na Tipografia Brasileira até o nº 6, passando a Tipografia Cearense, mesmo local, rua Formosa, 19. Impressor: Joaquim Lopes Verçosa. Formato 21,5x30 cm, 8 páginas. Sessões: *Libertador*, *Gazetilha*, *Expediente*, *Folhetim*, *Literatura e Página do Povo*” (GIRÃO, 1984, p. 122).

<sup>22</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 1, 1 de janeiro de 1881. “*Libertador*”. p. 1.

<sup>23</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 1, 1 de janeiro de 1881. “Aos que sabem ler”. p. 4.

cearense seja generoso em protegê-lo”<sup>24</sup>. Instigando, assim, ainda mais o interesse das elites letradas e a comunidade em geral sobre seus comprometimentos e empenhos. A enfática informação, logo visível em sua primeira página, veio a partir da confirmação do próprio periódico, ao acolhimento do público cearense com o mais “lisongeiro entusiasmo a publicação do *Libertador*”. Uma vez que “sua 1ª tiragem de 500 exemplares, ficou logo esgotada completamente, vendendo-se nas ruas desta capital quase todos os números do revolucionário”<sup>25</sup>.

Os escritos da folha estavam sob a direção de João Cordeiro e a redação sob Antônio Dias Martins Junior, Antônio Bezerra de Menezes e José Joaquim Teles Marrocos. Também juntaram-se a eles um time de colaboradores influentes no cenário político e bacharelesco como: Frederico Augusto Borges, Justiniano de Serpa, Martinho Rodrigues de Souza, Almino Alvares Afonso, Abel Garcia, João Lopes Ferreira Filho e Pedro Tomás de Queiróz (STUDART, 1924, p. 76). Enquanto tinham como os seus principais correspondentes: Francisco de Paula Ney, Dr. Tristão de Alencar Araripe Júnior e o Dr. Antônio Augusto de Vasconcellos (MESQUITA, 2021, p. 244).

Com o sucesso da primeira tiragem, a segunda edição saiu com dez páginas e firmou ainda mais a moral política e social dos abolicionistas, contribuindo assim para a construção de “laços e crenças que legitimaram as suas *performances* no campo da imprensa” (MESQUITA, 2021, p. 145).

Fazendo jus ao que já dizia na página de anúncios em sua primeira tiragem, o jornal anuncia de forma enfática que: “paga-se muito bem a quem nos fornecer a lista completa de todos os negociantes de escravos; correctores e mais tyranos”<sup>26</sup>. Ou seja, qualquer denúncia referente a manutenção do tráfico interno nas terras cearenses ou fora dela, a gazeta levaria em consideração e divulgaria os malfeitores em suas páginas. Referente a isso, não demora muito para a própria folha denunciar periódicos da imprensa, até mesmo aqueles que diziam-se “sympathico a causa que deffende o colega” - como o liberal *Gazeta do Norte* ou o *Pedro II* da ala conservadora, ao dedicarem em suas páginas anúncios de fugas, compra e venda de escravizados. Em “seccos e molhados” o *Libertador* expõe:

O *Pedro II* e a *Gazeta do Norte* desferiram canoros hymnos á lei de 28 de Setembro!  
Batemo-lhes palmas e o nosso *bravo* tinha o cunho d’admiração pelo que é grande.  
Depois...  
Extranha contradição!

<sup>24</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 2, 15 de janeiro de 1881. Cabeçalho. p. 1.

<sup>25</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 2, 15 de janeiro de 1881. “O mesmo jornal”. p. 5.

<sup>26</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 1, 1 de janeiro de 1881. “Annuncios”. p. 8.

As páginas nitentes do jornal estavam conspurcadas pelos *annuncios negreiros*.  
A Imprensa se tinha convertido em um armazém de seccos e molhados.  
Cobrimos o rosto, e enviamos o nosso cartão de pêsames na *pacotilha negreira* que  
da *Gazeta da Tarde* acomodamos para as nossas columnas.<sup>27</sup>

Não achando suficiente, o *Libertador* dá a sua martelada final, na “Pacotilha Negreira” com a denúncia sobre os *annuncios negreiros* dos periódicos citados. Em forma de poema estruturado e com direito a ilustração, nessas linhas o jornal indica que o seu conteúdo é destinado unicamente “ao <<Pedro II>> e a <<Gazeta do Norte>>”:

## I

*Vae hoje o folhetim muito lampeiro,  
Em metro correntio.  
Com aquelle flexivel marmelleiro,  
Unctoso e macio,  
Que anda á fazer foscas e fosquitas  
Em costas sybaritas...*

*São os ventos contrarios  
A ´santa, á imortal Democracia,  
Que morre de cansaço...  
Os grandes proprietarios,  
Senhores de cutello e de baraço,  
Fazem sinistra orgia,  
Dando vaias cruéis á Liberdade!*

*Imprensa assim  
Só quer imperador co ´escravaria:  
Tem o monarca idéias perigrinas?  
E ´ emancipador?  
Boa noite, senhora Monarchia!  
Carcará não quer mais imperador.*

*Vem, Republica, vem gorro-vermelho!  
Mas vem consolidar a escravidão!...  
Nada de sceptro... Rêlho, -  
E quanto a liberdade... Palavrão.*

## II

*Abolição porque? Ideias tolas  
Trazidas lá da Europa!*

*O Brazil vae á gerra sem tropa  
De moleques, mucamas e ceroulas...  
Assim temos vivido muitos annos,  
E o que será de nós sem africanos?*

*E fique em paz a patria e o fazendeiro,  
Que seu orago é;  
Já não disse um Lycurgo brasileiro:  
- O Brazil é o café?*

<sup>27</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 2, 15 de janeiro de 1881. “Seccos e molhados”. p. 5.

*Não é um céu aberto  
Vêr na fazenda tanta escravatura?  
E pretendeis, oh! horda desalmada,  
Por o eito deserto  
Da gente que trabalha sem soldada,  
Desde manhã até a noite escura?*

*Não bulam c'á lavoura,  
Que por u triz estoura  
Com o invento medonho  
Do ventre-livre a Lei!  
Sombra implacável, pavoroso sonho,  
Que nos poz á bradar – aqui d'elrei!*

*Que philosophos estes! Que caturras!  
Alforriaes os negros... muito bem:  
Porém as surras  
Quem as há de levar, senhores, quem?*

Foi nesse manifesto, dividido em cinco partes, que o *Libertador* fez prosseguimento ao trazer à tona e reproduzir os escritos das referidas gazetas sobre o comércio negreiro e suas artimanhas para manutenção escravista em sua ala de “anúncios”:

### III

*Sustentam o captiveiro  
Para lerem annuncios neste gosto,  
Que nos abatem ante o estrangeiro,  
E fazem o rubôr chegar ao rosto:*

**Figura 1** - Escravizado fugido do jornal Pedro II<sup>28</sup>



*<< Fugio do Alagadiço  
<< O escravo José,  
<< Fulo, de 40 annos, que quando anda  
<< Arrasta muito o pé  
<< Do qual partio um osso.  
<< Natural de Loanda;  
<< Tem marcas de chicote, e no pescoço*

<sup>28</sup> A referida imagem de um escravizado presente na “Pacorilha Negreira” do *Libertador*, é uma reprodução da figura presente nos anúncios de escravizados fugidos do jornal *Pedro II*, usada para destacar o tópico referente as fugas e recompensas de cativos, a partir do detalhamento das condições físicas e características pessoais para o encontro dele. A exemplo disso, podemos verificar na seguinte edição: **Pedro II**. Fortaleza, Ano 31, nº 188, 6 de setembro de 1870. “Anúncios”. p. 4.

<< Levou a gargalheira,  
 << Dá-se trinta mil réis e não mais  
 << Ao paysano ou soldado,  
 << Que leval-o a rua de Aquiraz,  
 << Numero 14, sobrado. >>

*A um annuncio assim, que tanto humilha  
 O character e o brio nacional,  
 Seve de complemento a gazetilha,  
 Que extracto do Jornal.*

<< Foi hontem ter com o subdelegado  
 << A mulatinha Ignez,  
 << Que diz escrava ser de um deputado;  
 << Tinha um olho vazado,  
 << Os dentes arrancados com torquez,  
 << Em uma chaga a cabeça e a cara!  
 << Pela infeliz foi dito,  
 << Que fôr seu senhor que a castigára...  
 << Procedeu-se ao corpo de delicto. >>>

#### IV

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

#### V

*Patria minha infeliz, onde tal gente  
 Pretende dominar!  
 Isto faria rir, si, tristemente  
 Não fizesse chorar!<sup>29</sup>*

De autoria anônima, o manifesto apresentado pelo *Libertador* terminou causando um certo receio e apreensão entre os “colegas” da imprensa cearense, criando, assim, uma zona de combate de ideias impressas, que a cada nova alfinetada do *Libertador* havia a réplica e algumas vezes a tréplica dos discursos. Dessa maneira o jornal ia firmando sua influência e definindo-se como “o novo jornalismo cearense”. Pois, embora a *Sociedade Cearense Libertadora* apoiasse diversas práticas legalistas, o programa do seu periódico, como afirma Mesquita (2021), era incendiário e questionava como a política emancipacionista do Brasil, sobretudo a lei Eusébio de Queiroz e a Lei do Ventre Livre, não foram “suficientes para resolver o problema do elemento servil e batizar os escravos com a liberdade negada desde a Independência do Brasil” (MESQUITA, 2021, p. 248). Dessa forma, questionar a manutenção escravista, seria no entanto, a sua maior missão até a libertação de toda a província cearense.

<sup>29</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 2, 15 de janeiro de 1881. “Pacotilha negreira”. p. 9-10.

O *Libertador* esteve presente nos principais debates sobre a abolição, nos primeiros anos da década de oitenta, no Ceará. Com isso, logo mais, em poucos dias, após sua estreia, presenciou um dos maiores atos de resistência contra o tráfico interno de escravizados nas terras cearenses, que seria a Greve dos Jangadeiros, iniciada em 27 de janeiro de 1881, no porto de Fortaleza. Na sua terceira edição, apresentada em 7 de fevereiro do mesmo ano, o periódico exprimiu sua enorme satisfação ao noticiar tal ato majestoso. Na ala “os acontecimentos de 27, 30 e 31 de janeiro” o *Libertador* dedica-se integralmente a greve liderada por José Luiz Napoleão e Francisco José do Nascimento (Dragão do Mar): “homens de cor à frente do movimento popular dos jangadeiros (SOBRINHO, 2005, p. 155)<sup>30</sup>, ao explicar que:

No dia 27 de Janeiro uns senhores que não conhecem outro meio de vida, sinão comprar e vender creaturas humanas, trataram de exportar para os portos do sul quatorze homens e mulheres.

Quando, á luz da civilização, a sociedade inteira se levanta contra a escravidão, o povo cearense não podia ficar aquem do seu seculo e collocar-se na reta-guarda dos tempos que já la foram.

Assim entendeu elle de seu dever protestar contra o deshumano trafico, e um por um affluiram á praia mais de 1,500 homens de todas as classes e condidicções.

Lá já estavam os jangadeiros prestando os valiosos e indispensáveis serviços de sua profissão.

A elles, pois, se dirigiram os negreiros sollicitando o embarque dos infelizes que destinavam vender no sul.

**- No porto do Ceará não se embarca mais escravos!**

Esta resposta terminante e decisiva partio ao mesmo tempo de todos os lábios.

Não se sabe mesmo quem primeiro proferisse.

Era uma idéia que estava em todas as intelligencias, um sentimento que brotava em todos os corações.

Os negreiros recorreram a todos os expedientes: oferecimentos, promessas, suborno, ameaças; tudo, tudo foi baldado.<sup>31</sup>

O *Libertador* ainda complementa ao expor o caso peculiar da escravizada Luiza:

Entretanto, com a previdente cautella de quem faz um negocio illicito, os negreiros já tinham feito embarcar, aos primeiros albores da manhã, com verdadeira surpresa, uma partida de nova infelizes destinados ao mercado.

Entre elles se achava a escrava Luiza que o Sr. Galdino Francisco Linhares tinga convertido em propriedade sua, e que entretanto não podia ser vendida em face das garantias legaes de que dispunha.

<sup>30</sup> Para um melhor aprofundamento sobre o tema da Greve dos Jangadeiros no Ceará iniciada em 27 de janeiro de 1881 no porto de Fortaleza, é importante a leitura do capítulo 3 da dissertação de José Hilário Ferreira Sobrinho, que fala especificamente dos processos de resistências entorno dos embarques e desembarques de escravizados promovidos pelo tráfico interno. Ver: SOBRINHO, José Hilário Ferreira. “No Ceará não se embarcam mais escravos!”. In SOBRINHO, José Hilário Ferreira. “Catirina minha nega, Teu sinhô ta te querendo vende, Pero Rio de Janeiro, Pero nunca mais ti vê, Amaru Mambir”: O Ceará no tráfico interprovincial (1850-1881). Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História/UFC. Fortaleza, 2005. p. 107-161.

<sup>31</sup> *Libertador*. Fortaleza, Ano I, nº 3, 7 de fevereiro de 1881. “Os acontecimentos de 27, 30 e 31 de janeiro”. p. 1.

Em nome, pois, da lei foi arrancada de bordo á mandado d´autoridade competente e trazida á terra, debaixo da bandeira brasileira, ao som da musica, ao ribombar dos foguetes e no meio das aclamações d´um numeroso concurso de povo.<sup>32</sup>

O jornal da *Sociedade Cearense Libertadora* fez menção aos veículos de imprensa que noticiaram o emblemático feito no porto de Fortaleza. Citando o *Cearense*, o *Gazeta do Norte* e o *Constituição* que “registraram o grande acontecimento, e maravilhados pela sua importância não esqueceram de mencionar que a ordem publica não foi alterada”<sup>33</sup>. Prosseguiu em sua “gazetilha” sob o título de “A verdade”, um agradecimento “a imprensa de nossa capital”, que “fez justiça ao character do povo cearense”. Posto isso, reitera afirmando que o jornalismo cearense noticiou os fatos como uma “simplicidade biblica” e os resultados desse evento se converteu no ataque a ordem dos negreiros, “que perderam tudo, e nem acham mais com que especular”.<sup>34</sup>

Como já bem noticiou o *Libertador*, o *Gazeta do Norte* também publicou o comentado fato, mesmo que de forma tímida ao impacto do movimento, a folha exclama:

Hontem deu-se nesta capital um factu que exprime perfeitamente o grao de intensidade e extensão com que se tem propagado as generosas aspirações abolicionistas em nossa província, solo fertilissimo, onde sempre germinarão e florescem as ideias nobres e elevadas.

[...]

[...] Sr. João da Fonseca Barbosa, procurador da camara municipal, mandou dar embarque a 23 escravos com destino as provincias do sul.

[...]

Uma revolta operou-se immediatamente entre eles [jangadeiros] e nenhum prestou-se a conduzir para bordo, as pobres creaturas que a ambição ia atirar para muito longe da terra natal, afastar de todas as affeições, alem do muito que lhes pesava o martyrio da escravidão.

[...]

Quando isso se passava a *Libertadora Cearense* teve denuncia de que o Sr. Gaudino Francisco Linhares fizera embarcar pela manhã uma escrava, que aliás, possuía cem mil reis de peculio. – Sem demora lançou mão dos recursos legaes e fez voltar para a terra a escrava, depositou o peculio e evitou o embarque da mesma.<sup>35</sup>

[...]

O *Gazeta do Norte* noticia a Greve dos Jangadeiros, mas não apoia integralmente o movimento, na medida que “para essa folha liberal, a abolição da escravatura deveria acontecer segundo o espectro das leis e sem rupturas radicais” (MESQUITA, 2021, p. 254). O autor ainda exemplifica a visão da gazeta aos canoros hinos deferidos à Lei do Ventre Livre, uma vez que

<sup>32</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 3, 7 de fevereiro de 1881. “Os acontecimentos de 27, 30 e 31 de janeiro”. p. 1-2.

<sup>33</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 3, 7 de fevereiro de 1881. “Os acontecimentos de 27, 30 e 31 de janeiro”. p. 2.

<sup>34</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 3, 7 de fevereiro de 1881. “A verdade”. p. 4.

<sup>35</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano I, nº 21, 28 de janeiro de 1881. “Embarque de escravos”. p. 2.



a lei decretada por Visconde de Rio Branco, no ano de 1871, “satisfazia o *desideratum* da escravidão nessa nação, sem abalos, sem commoções violentas que demoram sinão fazem retrogradar o progresso dos povos”.<sup>36</sup>

Em relação às outras folhas citadas, mesmo não havendo edições de 1881 na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital) do jornal *Constituição*, o mesmo defendia a causa abolicionista, ao passo que para os conservadores graúdos (ala opositora dos conservadores miúdos do jornal *Pedro II*), “a abolição simbolizava liberdade, patriotismo solidário a D. Pedro II, autonomia civil e moral, regeneração da pátria, a superação de velhos preconceitos e redenção social” (FERNANDES, 2004, p. 89). Com isso, ainda completa evidenciando que os “ecos da imprensa partidária tentou minimizar diferenças políticas diante de questões sociais tão emergentes como a abolição” (FERNANDES, 2004, p. 89).

Diante das contradições em relação à escravidão e à abolição demonstradas pela imprensa cearense - quase como uma ironia - o *Libertador* cita algumas ações consideradas desleais ao movimento abolicionista, feitas na surdina por negreiros em ativa no Ceará. Na sessão “Só pelos diabos...” a folha cita o Barão da Ibiapaba, o já conhecido Joaquim da Cunha Freire, um dos maiores traficantes de escravizados do Ceará e fundador do *Constituição*. Este último, jornal que se dizia apoiador e defensor das liberdades, fez com que o *Libertador* expusesse seu idealizador, ao explicitar sua artimanha:

É esta a inventiva que prorrompe da boca de todos os negreiros desde o dia 27 de janeiro.  
Tem havido cousas que matão o appetite e tirão o somno.  
Exemplo:  
[...]  
O Sr. Barão de Ibiapaba despachou á meia noite uma jangada para avisar os *molequinhos* que não embarcassem mais para o porto da capital.  
O *Pedro II* não deu notícia dos acontecimentos de 27, 30 e 31 de janeiro e largou-se atrás de uns *escravos fugidos*.<sup>37</sup>  
[...]

Denunciar os negreiros era a proeza do *Libertador* e desmascarar os que se diziam aliados a sua causa também. “Os abolicionistas [...] utilizaram-se do jornal [...] para expressarem-se politicamente, criticando duramente aqueles que agiam contra seus interesses. Os que manifestavam contra ou se negavam a ajudar eram execrados pelos membros da diretoria” (CAXILÉ, 2005, p. 37). É dessa forma que a referida gazeta mostrava sua missão, ao

<sup>36</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano II, nº 149, 13 de julho de 1881. “Hontem”. p. 2.

<sup>37</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 3, 7 de fevereiro de 1881. “Só pelos diabos...”. p. 7.

escancarar os compactadores da escravização, ao mesmo tempo em que buscavam fundos para emancipação dos cativos, na tentativa de oficializar a libertação total da província.

Nesse sentido, a *Sociedade Cearense Libertadora* acabava assumindo o papel de vanguarda, enfaticamente afirmado em sua folha e exposto pela historiografia elitista cearense do final do século XIX. Atendidos como os únicos que tiveram a proeza de cederem à liberdade, o discurso grandioso promovido pelo *Libertador* acabou ofuscando outros processos importantes de resistências de negras e negros cearenses, além de movimentos populares liderados por ex-cativos, que trouxeram na prática a emergência pela abolição. Por isso, o enorme alcance e aceitação da folha acabaram dando aos abolicionistas o título de “apóstolos da liberdade”, ao nível de autoridades políticas de prestígio.

O *Libertador* teve o fluxo contínuo de publicações até a edição nº 18, em 26 de agosto de 1881. Mas, ao final do mesmo ano, trouxe edições especiais, a exemplo da edição de nº 19 em 28 de setembro sobre o comemorativo da Lei do Ventre Livre e da fundação da *Perseverança e Povir*. Finalizando o ano com sua última edição especial, de nº 20 em 8 de dezembro, trazendo as comemorações do primeiro aniversário da *Cearense Libertadora*, sob os auspícios da Imaculada Virgem (GIRÃO, 1984). Daí, volta apenas em 1882, em tipografia própria, em 2 de novembro. O novo prelo veio diretamente de Londres a bordo do Amazonense, chegando ao Ceará, em 27 de agosto de 1882, sendo novamente bem recebido pela população na sua reinauguração (STUDART, 1924).

Após o evento da abolição e mudança de diretoria, o *Libertador* começou a circular como órgão do Centro Republicano e finda suas atividades com o advento da República, ao fundir-se com a folha do *Estado do Ceará* (antiga *Gazeta do Norte*, órgão da União Republicana, partido da coligação dos Accioly), criando conjuntamente, a gazeta *A República*, cujo primeiro número saiu, em 09 de abril 1892 (GIRÃO, 1984). Dentre eles, com mais de vinte e seis anos em atividade, o *Constituição* também termina suas atividades com a Proclamação da República, que teve seu gerente Antônio Moreira de Souza, nomeado como administrador dos Correios do Ceará, devido a sua vasta experiência administrativa no órgão jornalístico (FERNANDES, 2004). Dessa forma, é possível perceber que mesmo após as mudanças conjunturais do Brasil, os condutores da imprensa do século XIX, no Ceará, ainda detinham influência política e social, adequando-se a nova realidade e prosseguindo a tradição familiar de permanecerem nos espaços do poder.

## 2. TRAJETÓRIAS, MOBILIZAÇÕES E ORGANIZAÇÃO DA CAMPANHA ABOLICIONISTA CEARENSE

Em ações coletivas, as sociedades libertadoras cumprem um papel de organização financiadora e articuladora das abolições, que ocorrerão no Ceará. Como já citada, a *Sociedade Perseverança e Porvir* (1879), que dela surge a *Sociedade Cearense Libertadora* (1880), foi a mais expressiva organização abolicionista da capital, que buscou fomentos para as manumissões de escravizados da província. Assim, mesmo com a hegemonia e aceitação, surge outro grupo de abolicionistas não compactuantes com formas mais “radicais” de liberdade, seriam eles os “embuçados e insinceros” do *Centro Abolicionista 25 de Dezembro*, com fundação no dia 19 do último mês do ano de 1882 (GIRÃO, 1984). Como se não bastasse o embate com os negreiros, havia ainda a disputa entre abolicionistas.

Além da presença maçante das agremiações abolicionistas masculinas, é importante salientar, a presença das mulheres na elaboração de projetos coletivos para fins emancipadores, como é o caso das *Cearenses Libertadoras*, que de forma solene, nos salões do Clube Cearense, oficializaram sua fundação, em 6 de janeiro de 1883. Sua diretoria provisória era composta por:

Diretora Geral: Maria Tomásia Figueira Lima; 1ª Vice-diretora: Carolina Cordeiro; 2ª Vice: Luduvina Borges; 1ª Secretária: Jacinta Augusto Souto; 2ª: Elvira Pinho; Tesoureira: Eugênia Amaral; Diretoras: Virgínia Salgado, Maria Faria de Oliveira, Joana Antônia Bezerra, Isabel Rabelo Silva, Francisca Rangel Bezerra, Luísa Torres de Albuquerque. Francisca Borges da Cunha Mamede, Isabel Vieira Teófilo, Jovina Jataí, Branca Rolim, Francisca Nunes da Cruz, Francisca Joaquina do Nascimento, Jesuína de Paula Pimentel, Maria d’Assunção dos Santos Castro, Maria Teófilo Martins, Stefânia Nunes de Melo, Marieta Pio de Castro, Nerina Martins de Sá. (GIRÃO, 1984, p. 153)

Contudo, além das consagradas da capital, Sales (2016) traz uma informação sobre as libertadoras do interior cearense, “ressaltando que a primeira sociedade libertadora no Ceará foi a de Baturité, organizada em 25 de maio de 1870” (p. 17), dando, assim, força para a fundação da *Sociedade Redentora Acarapense*, em 8 de dezembro de 1882. Dela também surgiu a *Sociedade Libertadora Artística Cearense*, ambas formadas por estudantes, senhores da sociedade e artistas, que se viram motivados pela liberdade e na busca por incentivos monetários para alforria de cativos da Villa do Acarape (LOPES FILHO, 2014).

As “cruzadas” dos abolicionistas, pelo sertão do Ceará, ocasionaram o financiamento e a negociação de alforrias promovidas pelo fundo de emancipação, fornecido pelas sociedades emancipadoras. Por esta razão, notou-se que a partir de 1883, houve uma onda de emancipações em massa, nos primeiros meses do ano, com a criação de diversas sociedades regionais, que

tinham o objetivo de arrecadar fundos e cadastrar os escravizados para as libertações em cada vilarejo ou cidade do solo cearense (FERREIRA, 2015).

A campanha dos abolicionistas se efetiva, em 1 de janeiro de 1883, com a libertação da Villa do Acarape, a primeira do Brasil, noticiada em tom de festa nos veículos de comunicação e anunciada como o ponta pé inicial ao que viria a ser o êxito da “emancipação total”, no Ceará, em 25 de março do ano seguinte. No entanto, a efetivação das alforrias que levou Acarape a ser a pioneira do Brasil a abolir todos seus cativos, não estaria diretamente associado ao “protagonismo” dos seus negociantes da liberdade. Uma vez que, “Acarape havia sido escolhida para o início das libertações coletivas pela sua relativa proximidade da capital e facilidade dos transportes, por estradas de ferro, e porque era o município em que restava o menor número de cativos a alforriar. Trinta e dois apenas” (GIRÃO, 1984, p. 147).

Diante de um cenário peculiar e específico de cada vila ou cidade, vimos o prosseguimento da ação dos abolicionistas para a efetivação da empreitada libertadora. Dessa vez, mais precisamente no dia 2 fevereiro, tivemos Pacatuba e São Francisco (Uruburetama), que alforriaram seus cativos, que logo mais, em 25 de março de 1883, veio Icó e Baturité para celebrarem em suas terras a abolição financiada. É o que diz o *Libertador* com louvor em suas edições de abril<sup>38</sup>, nas citações de Eduardo Campos (1984):

A província inteira convulsiona-se na grande revolução civilizadora de uma ideia humanitária - afirma o editorialista. Do sul ao norte, do leste a oeste do Ceará, por todos os ângulos de sua superfície, ouve-se o brado gigante da redenção.

Ninguém quer ficar estacionário. Os municípios se agitam em concerto harmônico de liberdade, e ao passo que estalam os últimos elos da cadeia da escravidão no Acarape, Pacatuba, São Francisco, Baturité e Icó, outras circunscrições territoriais se abrasam aos clarões da ideia vencedora.

O som da gargalheira, que se despedaça, desperta as populações de todas as cidades, vilas e povoações da província. O Ceará quer ser feliz à luz do princípio nivelador de todas as classes sociais (CAMPOS, 1984, p. 30).

O entusiasmo com as primeiras libertações deu gás para a continuação desenfreada de alforrias organizadas pelas lideranças abolicionistas, fato que fortaleceu o movimento seguinte, que veio no mês de maio, para ser mais exato, a partir do dia 20, tornando-se a data que marcou a libertação de Maranguape e Mecejana, que segue, nos dias 23 e 24, com Aquiraz e Fortaleza, respectivamente. Esta última, capital da província, palco de concentração dos maiores eventos

---

<sup>38</sup> Edições do *Libertador* não disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Sendo possível encontrar edições a partir do número 147, referente a 11 de julho de 1883.

políticos do Ceará, com forte cobertura da imprensa fortalezense, que garantia os holofotes necessários para a divulgação da abolição, uma vez que começava a ecoar por todo Império.

Figura 2 - Capa do jornal *Constituição*: em homenagem ao dia 24 de maio<sup>39</sup>



A abolição de Fortaleza, ou melhor dizendo, da “metrópole do abolicionismo”, como destaca o *Constituição*, chegou com grande exuberância editorial, ao mesmo tempo em que estreou com grandes expectativas sobre qual seria o impacto desta divulgação. Por essa questão, a folha conservadora exclama que “a extinção da propriedade servil, na Fortaleza, é d’um efeito tão decisivo para seu desaparecimento total, que bem se pode dizer que o dia 24 de maio firma, na história do Ceará, a data da obrogação da negra instituição, tão velha, como a mesma província, tendo as raízes na noite dos tempos”. A declaração ainda minimiza a situação escravista instalada na província, com o argumento da não participação do Ceará no comércio do tráfico negreiro em seus portos, para eles “fomos os primeiros a proclamar a anexação livre, e os únicos talvez do império, que não admittimos o trafico directo. O escravo negro nos vinha

<sup>39</sup> **Constituição**. Fortaleza, Ano XX, nº 57, 24 de maio de 1883. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=235334&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=4515>. Acesso em: 05 de Dezembro de 2021.

pelo commercio com as provincias, impossivel de evitar-se”. Assim, finaliza o discurso de abertura da edição especial com a frase de efeito, ao dizer que “a importação directa, porem, a forma mais negra do pecado de Cahin, essa nunca se fez para o Ceará”<sup>40</sup>. Situação bem diferente do que constatou Sobrinho (2005), quando o mesmo expõe o episódio da presença de dois navios negreiros que chegaram por “acidente” na Barra do Rio Ceará em 1834, episódio narrado “na correspondência do Presidente da Província, o "Sr. José Martiniano Alencar", pai do romancista José de Alencar, ao Ministro da Justiça, o "Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Alves Branco" (p. 37), quando o mesmo afirma um contrabando de mais de 150 africanos embarcados em terras cearenses.

Mesmo em discursos, que fugiam da realidade, a exaltação da campanha de Fortaleza deu fôlego para o prosseguimento das investidas abolicionistas no interior do Ceará. Acompanhadas em junho pela libertação de Soure, no dia 3, e Pedra Branca, no dia 8. Finalizando o que Ferreira (2015) define como a primeira onda de emancipação em massa da província.

Em uma pausa de dois meses, a segunda onda de emancipações (FERREIRA, 2015) chega após as comemorações e compromissos exclusivos da *Libertadora* pela emancipação de Fortaleza. Com a repercussão incisiva da capital chega setembro de 1883 anunciando as alforrias de Pereiro, no dia 27, e Viçosa em 29. Seguido por Canindé no mês seguinte, erguido por grandes comemorações organizadas simultaneamente com a Festa de São Francisco, padroeiro da cidade:

Não podemos nos admirar que o importante município sertanejo de Canindé teria momento mais propício para decretar ao mundo sua nova condição de terra livre. A festa de Canindé estava marcada para a quinta culminante de uma semana movimentada na cidade. Quinta-feira dia 4 de outubro de 1883, dia de São Francisco, padroeiro da cidade. O prestígio político de tal acontecimento parecia ser grande pois para Canindé afluíram não só uma comissão representante da “Sociedade Libertadora Cearense” mais uma outra composta por respeitáveis senhoras, as “Senhoras Libertadoras” (BEZERRA, 1906, p. 64 apud MARTINS, 2014, p. 12).

Em comemorações constantes por todo o Ceará, a exemplo da festa de Canindé, é possível perceber o quão são orquestradas as abolições, atingindo grandes públicos ao efeito de levar ao conhecimento da população os autores por trás da benfeitoria. Acrescentados pelo vislumbre e o anseio da imprensa pela abolição, ao passo em que replicam os interesses desses abolicionistas e fortalecem seus discursos sobre a pauta emancipacionista no crescente debate que expandiu-se de forma ligeira no território brasileiro. Não ficando apenas nos grandes

---

<sup>40</sup> **Constituição.** Fortaleza, Ano XX, nº 57, 24 de maio de 1883. “A libertação de Fortaleza”. p. 1.

centros urbanos, tornando-se assunto emergente na sociedade em geral e no passe de informações entre escravizados (BARBOSA, 2010).

As informações circulavam, os eventos se aglomeravam e as alforrias continuavam. Nesse sentido, veio ainda no mês de outubro, o município de São Pedro de Ibiapina festejar no dia 11 suas libertações, dando sequência ao que viria no dia 22, com os municípios de São Benedito e Várzea Alegre na alforria de seus escravizados. Seguindo em dezembro pelos municípios de Pentecoste dia 8, São Mateus em 27, Jaguaribe-Mirim e Brejo Seco no último dia do ano. Atos que finalizam as libertações de 1883.

Sem tempo para espera, logo no primeiro dia do ano de 1884, vieram as alforrias de Trairi, complementadas no dia seguinte com os agraciados de Sobral, Santa Quitéria, Aracati e União. No dia 8 do mesmo mês, Cachoeira e Lavras, 18 Tamboril, 26 Sant'Anna, e 28 Independência. No último dia de janeiro foi a vez das cidades de Camocim, Cascavel, Morada Nova e Acaraú. Adiante, fevereiro esbanja alforrias, dessa vez em São Bernardo e Granja, nos dias 2 e 10 respectivamente. No mês de março, mais conhecido como o mês da abolição no Ceará, é possível conferir no “Quadro de Luz”<sup>41</sup> do *Libertador* as alforrias do período sem datas específicas, mas que englobam o sentido explícito de “último” mês da escravidão no Ceará. Como é possível perceber no quadro a seguir:

Figura 3 - Quadro de luz: a escravidão é um roubo

SOCIEDADE PERSEVERANÇA E PORVIR.			SOCIEDADE DAS CEARENSES LIBERTADORAS		
MUNICIPIOS LIVRES			MUNICIPIOS LIVRES		
QUADRO DE LUZ			QUADRO DE LUZ		
A escravidão é um roubo.			A escravidão é um roubo.		
MUNICIPIOS LIVRES	Datas de suas libertações	Escravos existentes em 1881—Relatório do senador P. Leão Velloso	MUNICIPIOS LIVRES	Data de suas libertações	Escravos existentes em 1881—Relatório do senador P. L. Velloso
1 Acaraú	1 de Janeiro de 1883	115	30 Sant'Anna	26 de Janeiro de 1884	941
2 S. Francisco	2 de Fevereiro	427	31 Independência	28	301
3 Pacatuba	2	218	32 Camocim	31	413
4 Ico'	25 de Março	731	33 Cascavel	31	807
5 Baturité	25	789	34 Morada-Nova	31	367
6 Maranguape	20 de Maio	847	35 Acaraú	31	440
7 Soure	3 de Junho		36 S. Bernardo	2 de Fevereiro	1972
8 Fortaleza	24 de Maio	4.273	37 Granja	10	413
9 Mecejana	20		38 Quixeramobim		
10 Aquiraz	23	440	39 Boa-Viagem		1924
11 Pedra-Branca	28 de Junho	457	40 Iguaú (Velha)		251
12 Perciço	27 de Setembro	465	41 Maria Pereira		438
13 Viçosa	20	323	42 Barbalha		356
14 Canindé	4 de Outubro	516	43 Palma		414
15 Pentecoste	8 de Dezembro		44 Riacho do Sangue		451
16 S. Pedro de Ibiap.	11 de Outubro	135	45 Quixadá		288
17 S. Benedito	22	153	46 Príncipe Imperial		127
18 Várzea-Alegre	27 de Dezembro	490	47 S. João do Príncipe		978
19 S. Mateus	31	565	48 Imperatriz	Março	882
20 Brejo-secco	31	550	49 Crato		835
21 Jaguaribe-mirim	31	219	50 Ipiú		736
22 Trairi	1 de Janeiro 1884	2.300	51 Assaré		512
23 Sobral	2	619	52 Missão-Velha		355
24 Santa Quitéria	2 de Janeiro	4150	53 Limoeiro		608
25 Aracaty	2		54 Saboeiro		365
26 União	8	500	55 Campo-Grande		210
27 Cachoeira	8	768	56 Aracúz		978
28 Lavras	8	614	57 Jardim		466
29 Tamboril	18		58 Milagres		586

<sup>41</sup> *Libertador*. Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “Municípios livres”. p. 1.

Documentada a partir do “Quadro de Luz”, as alforrias nele expostas é referente ao Relatório do Senador P. Leão Velloso de escravizados existentes, em 1881 no Ceará. Sendo esse o parâmetro que o *Libertador* usa para definir a quantidade de cativos libertos em cada município. Até onde é real a informação daquele órgão prestada aos seus leitores? Não a terá divulgado a entusiasmo da campanha? Eduardo Campos (1984) em seu estudo sobre a imprensa abolicionista, acaba indagando os números apresentados pelo *Libertador*, na medida em que “pomos dúvida, a analisar as informações tomadas aos jornais da época, algumas contraditórias, como a que é repetida pelo historiador Raimundo Girão, entendendo ser a população escrava da ordem de 31.516 pessoas, indicativo baseado em registro feito pelo Libertador do dia 1º de janeiro de 1884” (CAMPOS, 1984, p. 34). O autor ainda traz outros dados que contrapõe-se aos explicitados pelo jornal abolicionista, que “fica-se em dúvida, pois na edição do dia 27 de julho do ano anterior aquela folha inventariava os escravos da província, e o número ficaria em 16.556, bastante próximo do inventário oficial (Relatório do Barão de Guarajá) que estimava, a 7 de maio do mesmo ano o total de 19.157 cativos” (CAMPOS, 1984, p. 35).

Os números inflados apresentados pela SCL se mostraram numa tentativa de gerar um maior impacto sobre as ações emancipacionistas. Mas, para os libertadores, pouco importava a exatidão ou a veracidade dos números, uma vez que o que valia mesmo era pôr em evidência o processo abolicionista e a efetivação das liberdades. Proporcionando, assim, um sentimento de bravura e luta, no “entusiasmo das quadras plausíveis que se abatem sobre o Ceará, dando a seu povo considerável otimismo” (CAMPOS, 1984, p. 36).

## 2.1 Villa do Acarape: “o rosal da liberdade”

*Redenção o teu nome na história*  
*É luzeiro de eterno fulgor*  
*Faz lembrar tão brilhante vitória*  
*Que nos enche de orgulho e de amor.*

*Quando a pátria gentil de Iracema*  
*Quis seus filhos cativos livrar*  
*Tu tiveste esta glória suprema*  
*De o primeiro grillão rebentar.*

*De teu solo se ergueu, sobranceiro*  
*Um punhado invencível de heróis*  
*Desprendendo este brado altaneiro*



Não queremos escravos entre nós.

*Este gesto sublime, imponente*

*Noutros peitos a chama ativou*

*A senzala fugiu de repente*

*Martírio em prazer se tornou.*

*Nossa aurora no vasto horizonte*

*Protetora e fagueira surgiu*

*Na cidade, na aldeia e no monte*

*Tudo em flores e festa sorriu.*

*Salve Oh! Pátria, torrão adorado*

*Que os escravos quiseste remir*

*Relembrando o teu belo passado*

*Temos hoje mais fé no porvir.* (Bis)

(Grifo meu)

Autor: Vital Bezerra

Música: Monsenhor Mourão

“No centro da planície que o rio Pacoti verdecera em cana-de-açúcar e pomares abundantes, oferecia-se como oásis florido, terno recanto de aprendizado aos olhos do que a procuravam fugindo à agrestia do sertão combusto” (GIRÃO, 1984, p. 159). No cenário descrito por Raimundo Girão (1884) localizava-se a nomeada Villa do Acarape, fundada e desmembrada de Baturité por lei provincial nº 1255 em 28 de dezembro de 1868. Sendo hoje a atual Redenção, que foi elevada à condição de cidade pela lei provincial cearense de nº 2167 em 17 de agosto de 1889.<sup>42</sup>

“Redenção o teu nome na história”, título designado em alusão a sua consagração de primeira vila do Brasil a abolir seus escravizados, em 1º de janeiro de 1883, um ano antes da abolição do Ceará e cinco anos antes da Lei Áurea no Brasil. Fazendo emergir ao longo de sua história uma série de símbolos e significados referentes à escravização e a “redempção” como marco histórico, que reverbera em seus espaços públicos, desde a sua fundação. Fato consumado e divulgado pela imprensa cearense ao destacar a importância do evento para a consagração do Ceará no mapa do pioneirismo abolicionista. Nesse sentido, o jornal *Constituição* diz: “Acarape deu o primeiro sinal de combate, e no dia 1º de Janeiro de 1883 o

<sup>42</sup> Dados conferidos mediante informações concedidas pelo IBGE, ao título “História Redenção Ceará-CE”. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/historico>. Acesso em: 03 de Novembro de 2021.

heroico municipio hasteava a bandeira branca da Liberdade e dizia ao mundo civilizado: aqui, não ha mais escravos”<sup>43</sup>. Processo este noticiado pela grande imprensa local, havendo repercussão até mesmo em ares internacionais. Era a pequena vila entrando para História!

“Um punhado invencível de heróis, desprendendo este brado altaneiro, não queremos escravos entre nós”. Neste trecho do hino municipal, a menção dos heróis representa a massa de abolicionistas cearenses e de outras províncias, que puseram em prática o esquema que colocou seus nomes na história do Brasil: “Redenção comemora o pioneirismo da abolição, conquistada pelos heróis abolicionistas e pelas sociedades libertadoras, mas, ao mesmo tempo, traz o silenciamento da participação efetiva das populações negras na luta por sua liberdade” (GOMES, 2021, p. 2). O reflexo do apagamento da resistência negra se intensifica nos processos abolicionistas, na medida em que, se constitui na memória a exaltação dos “heróis” - homens em sua grande maioria brancos, de famílias possuidoras de escravizados - e na contramão firma-se em monumentos históricos o sofrimento da população negra escravizada, ocasionando a fixação de seus corpos a este estigma:

A identidade negra, outrora elaborada pelo estigma das ideologias opressoras, hoje é ressignificada pelas ideologias dos movimentos sociais de maneira assertiva à resistência contra a opressão. No que tange às representações simbólicas, na cidade de Redenção existem dois monumentos relacionados diretamente às populações negras: um denominado “Negro Liberto” e outro, “Negra Nua”. Em ambas as representações, junto aos corpos negros monumentalizados, visualizam-se as correntes quebradas. No primeiro, destaca-se a tradicional imagem de um escravizado quebrando as correntes. No segundo, a figura de uma mulher negra, ajoelhada, dócil, com as correntes quebradas e agradecendo aos céus pela liberdade. Em comum, as representações simbolizam uma liberdade concedida, passiva, sem protagonismos. (GOMES, 2021, p. 2-3).

“A senzala fugiu de repente, martírio em prazer se tornou”. Com alforrias voluntárias e compradas, mesmo sem registro de números exatos, a Villa do Acarape tornou o primeiro dia do ano de 1883 em um evento de caráter nacional. “O pioneirismo abolicionista do Acarape só foi possível pela vontade da iniciativa privada de alguns senhores influenciados pelo desenvolvido movimento libertador que culminou na confraternização do dia 1º de janeiro de 1883, momento em que o governo local anunciou a extinção da escravatura” (SALES, 2016, p. 18). Seguindo em direção a Acarape, pela linha férrea de Baturité, embarcando às 07:00h da manhã de Fortaleza e chegando às 10h30min na estação de Cala-Boca - nome da localidade que hoje é sede do município de Acarape – o embarque dos membros da *Sociedade Cearense Libertadora* e alguns políticos da cena abolicionista, foi marcado por muita celebração na

<sup>43</sup> **Constituição**. Fortaleza, Ano XXI, nº 33, 25 de março de 1884. “Abolição do Ceará”. p. 4.

comunidade local. “A praça da Matriz semelhava um jardim: leques, palmeiras, crótons, arbustos floridos, bandeiras e variegadas cores a tremular nas fachadas dos prédios” (GIRÃO, 1984, p. 161). Ao que parece, era como se a senzala nunca tivesse existido, mas que na realidade não foi bem assim, pois:

[...] os integrantes motivados pela causa abolicionista, contataram todos os donos de escravos da Villa, com o intuito de identificar quais deles concederiam a carta de alforria aos cativos sob sua posse.

[...] alguns senhores de escravos concordaram em ceder à carta de alforria ao seu escravizado, sob a condição dele permanecer trabalhando como servo [...]. Outros recusavam-se a conceder a alforria, mesmo sob condição de servidão, porém venderia a alforria do escravo. (LOPES FILHO, 2014, p. 26).

De forma a elucidar tais circunstâncias, o jornal *Gazeta do Norte* da facção liberal referenciou a abolição com uma sequência de fatos recorrentes aos movimentos libertadores, intitulado-os de “festas abolicionistas”<sup>44</sup>. Marcando Acarape pela celebração da “redenção dos últimos escravos existentes no município”. Evento disputado entre “senhoras e cavalheiros” que “concorreram a assistir à redenção dos últimos cativos d’aquella circumscrição, o 1º município livre da provincia”. A “redenção do Acarape”<sup>45</sup> teve a sua grande sessão presidida por João Cordeiro, presidente da *Sociedade Cearense Libertadora*, que também contou com a presença de outros oradores, aplaudidos à medida que se ocupavam na tribuna, José do Patrocínio, General Tibúrcio, José Liberato, Justiniano de Serpa, João Cordeiro, Antonio Bezerra, entre outros. Além da elite fortalezense, a concorrência para o evento abolicionista também se mostrou presente entre as pessoas de regiões próximas, como as da vila de Baturité e Pacatuba. Das organizações abolicionistas, fizeram-se presentes a *Cearense Libertadora*, *Libertadora Acarapense*, *Club dos Libertos* e a *Artística Libertadora*. Episódio este, palco do “theatro de uma conquista brilhante”, que se tornou um “acontecimento auspicioso” para a vila do Acarape. Fez-se como ponta pé inicial para “um eterno padrão de glorias da história” no Ceará.

Esta memória festiva foi alimentada por uma longa e larga produção de textos, escritos, sobretudo, por membros do Instituto Histórico do Ceará e, em nível mais local, por uma profusão de equipamentos públicos, como o obelisco na Praça da Liberdade, o busto da Princesa Isabel, na Praça da Princesa Isabel, ou popularmente Praça da Matriz, a estátua do negro liberto na praça já citada anteriormente, o painel da Negra nua, erguido na principal entrada da cidade e o Memorial da Liberdade. (OLIVEIRA, 2014, p. 25).

<sup>44</sup> *Gazeta do Norte*. Fortaleza, Ano III, nº 1, 03 de Janeiro de 1883. “Festas Abolicionistas – Acarape”. p. 3.

<sup>45</sup> *Gazeta do Norte*. Fortaleza, Ano III, nº 2, 05 de Janeiro de 1883. “Redenção do Acarape”. p. 3.

Diante dos efeitos simbólicos da abolição redencionista, os registros sobre o consagrado dia aqui exposto é o reflexo da bem sucedida campanha abolicionista financiada pelas *Libertadoras*. Não é à toa que Capistrano de Abreu no *Constituição* fez lembrar da importância da saudosa vila na edição especial que comemorava a “abolição” do Ceará em 25 de março de 1885. Pois “O Acarape remido, remiu a província inteira. O Ceará também há de remir todas as suas irmãs, humilhadas ainda na abjecção, e que serão amanhã irmãs na glória e no heroísmo”<sup>46</sup>. Mesmo com toda grandeza, a promoção da primeira vila abolida do Brasil não chegaria ao nível esplendoroso do projeto emancipacionista da província do Ceará. Os preparativos para a gloriosa festa já dizia muito sobre o nível social dos frequentadores do evento, perceptível nos anúncios e comunicados que pairavam nas mais diversas folhas da imprensa.

## **2.2 “Aos ricos champagne de 1ª qualidade”: os anúncios da festa da liberdade**

A comoção da elite cearense em torno do 25 de março era perceptível nos seus mais variados espaços de atuação, sendo eles no campo da política, no âmbito social ou na economia. Esta última, gerando grandes lucros com a venda dos mais variados produtos para o incremento da festa libertadora da província, que homenagearia os abolicionistas em atuação em um evento construído para celebrar os feitos dos “homens de bem” que “compadeceram” em prol de uma causa humanitária.

O capricho na elaboração dos anúncios de produtos usados, na festa da abolição cearense, eram repletos de ornamentos gráficos que simbolizavam o luxo e o cuidado do anunciante com o seu público alvo. Eram impressos nas gazetas cartazes de produtos diversos como adereços, roupas, comidas e bebidas dedicados exclusivamente para o dia 25 de março. Com promoções imperdíveis, usufruídas unicamente por pessoas influentes de famílias tradicionais, ou seja, somente a elite fortalezense e do interior da província.

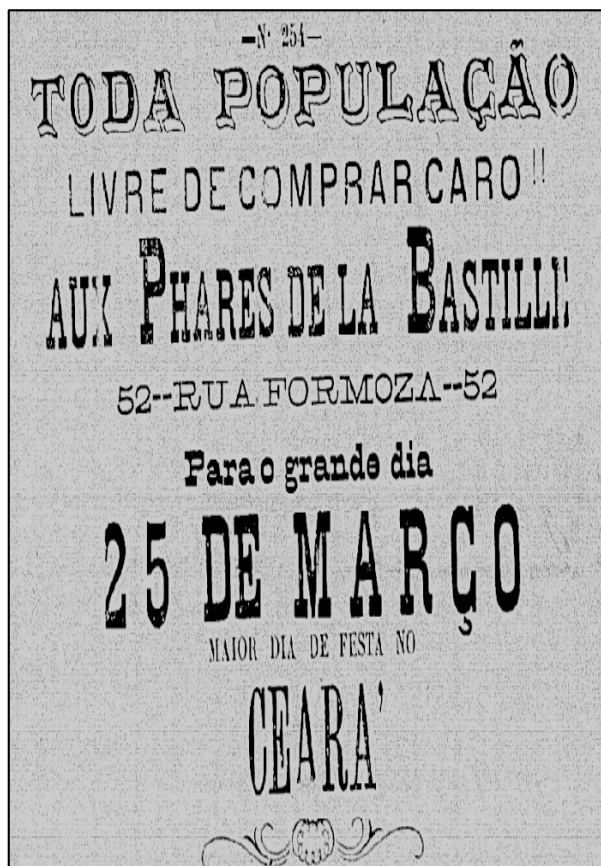
Para o êxito nas vendas, as estratégias deveriam ser as melhores e erguidas de atributos visuais, como fontes ousadas, símbolos sofisticados e chamadas criativas. Ao passo em que a escrita também deveria ser considerada, como chama atenção Campos (1984), sobre a linguagem empregada nas gazetas do século XIX, que transparecia elegância e objetividade,

---

<sup>46</sup> *Constituição*. Fortaleza, Ano XXI, nº 33, 25 de março de 1884. “O Ceará redimido”. p. 1.

tornando-se a maior expertise dos corpos editoriais. Tudo construído para causar boa impressão ao leitor-consumidor.

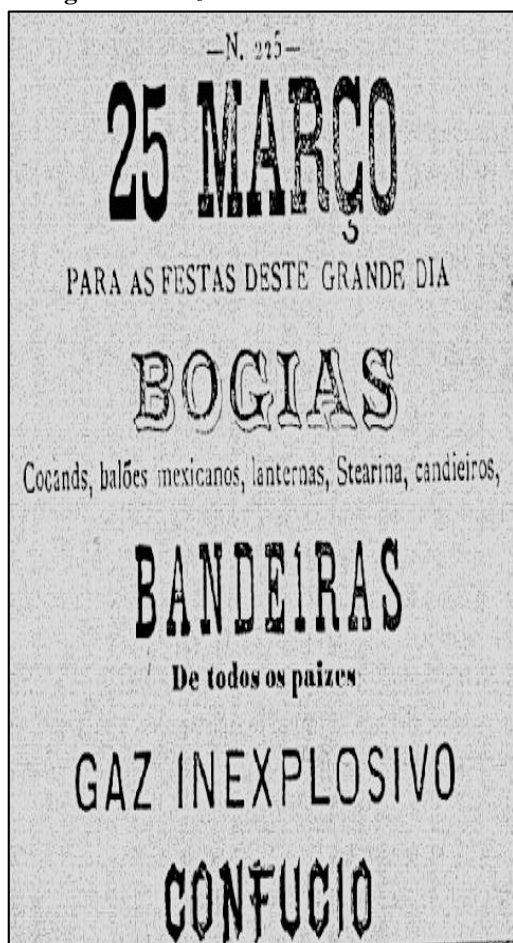
**Figura 4** - *Gazeta do Norte*: toda a população livre de comprar caro<sup>47</sup>



Expressivos e eloquentes, os “anúncios”, referentes à festa da abolição, no Ceará, demonstram exatamente o seu público alvo: as pessoas com o maior poder aquisitivo da província. Representados por letras diferenciadas, símbolos exuberantes e formatos chamativos, as divulgações presentes nas gazetas eram os seus conteúdos de maior destaque, ocupando às vezes, 3 das 4 folhas dos periódicos. Preenchendo geralmente a primeira folha, que devido à grande quantidade de anunciantes, seus anúncios recomeçavam na terceira, indo até a página final do jornal. Nesse sentido, Schwarcz (1987) evidencia que a quantidade de propaganda de um periódico era um sinal da sua recepção positiva na opinião pública, pois de acordo com a autora, os periódicos mais lidos, geralmente tinham suas páginas recheadas de anúncios (*apud* MESQUITA, 2021). Dessa forma, quanto maior for o espaço do anúncio na publicação, maior foi a quantia para estar ali.

<sup>47</sup> *Gazeta do Norte*. Fortaleza, Ano IV, nº 62, 19 de março de 1884. “Anúncios”. p. 1.

Figura 5 - *Gazeta do Norte*: ornamentos



Remetidas a grande festa da abolição promovida pelas maiores autoridades da província e dos abolicionistas “detentores” do feito, o clima festivo pairava antes mesmo do grande dia, com anúncios, desde o começo do mês de março de 1884, nos jornais *Gazeta do Norte* e *Libertador*. Tendo entre eles, muitas vezes, os mesmos anunciantes que reverberavam o seu poder na disputa por espaço e lucro ao dia 25 de março.

“Cocands, balões mexicanos, lanternas, stearina, candieiros, bandeiras de todos os paizes”<sup>48</sup>, vislumbrava um sentimento vitorioso, gozado de orgulho por ato tão “grandioso”. Por isso, em meio a imensa ansiedade, os anúncios já projetavam o que seria o espetáculo promovido pela elite cearense. Na medida em que estes anúncios, majoritariamente, viam-se destinados ao público consagrado pela abolição ou até mesmo os contrários a ela.

Em presságios, que antecederiam o acontecimento, muitos anúncios já traziam à tona o que de fato seria a tão divulgada festa da abolição. Não desprovida de intencionalidade, esta data, muito bem exclamada, já havia sido marcada antes mesmo da “liberdade total da província”. Uma vez que “em meados de fevereiro de 1884, cerca de 45% dos municípios cearenses não tinham mais escravos e a data da emancipação completa fora prevista para 1º de junho. Depois, a previsão é recuada para 25 de março, aniversário de 60 anos da Constituição” (MARTINS, 2012, p. 38). É nesse sentido que o alarde dos anúncios se oficializaram ao antecipar a festa da abolição, ao passo em que “os jornais de Fortaleza publicavam reclames (...) das casas comerciais da cidade, anunciando a chegada de mercadorias especialmente para o dia 25 de março” (MARTINS, 2012, p. 38).

<sup>48</sup> *Gazeta do Norte*. Fortaleza, Ano IV, nº 62, 19 de março de 1884. “Anúncios”. p. 1.

Figura 6 - *Libertador*: chegou a tempo<sup>49</sup>

**CHEGOU A TEMPO**  
**PARA O DIA 25 DE MARÇO**  
**APROVEITEM**  
**GUARANY**  
**CASA DE MODAS**  
**RUA DO MAJOR FACUNDO N. 92**  
**DESPACHOU**

Um esplêndido sortimento de lã e seda, fazenda chik do vigor da moda.  
 Filó branco bordado de duas larguras.  
 Lenços grandes e lindíssimos e por preços baixos.  
 Lenços de seda de todos os tamanhos.  
 Gravatas Plaston (fingindo colete).  
 Camizas brancas para meninos.  
 Chapéus de feltro para menino.  
 Botinas de setim branco n.º 31, 32, 33, 34, 35, 36 e 37.


**GRANDE QUEIMA EM**  
**CALÇADOS PARA HOMENS**

As vestimentas, calçados e adereços à venda, são alguns elementos apresentados que evidenciam a elitização do evento. Itens que colaboram para a distinção entre ricos e pobres, provocando em muitos casos, competições entre os próprios consumidores, sobre quem estaria mais a altura do evento, na disputa de egos e na construção do *status* de “conquista” para o efeito da abolição. Não é por acaso, que os anúncios de vestuários foram os mais presentes nas capas dos jornais *Gazeta do Norte* e *Libertador*. A exemplo, temos a publicação destinada “ao bello sexo” – referindo-se a mulher daquela época – presente em ambos os jornais, buscaram vender “flores de pena d’Aves, o que há de melhor e nunca vindo a este mercado”<sup>50</sup>, vendidas na *Loja das Machinas* em Fortaleza. “Vinda ao Ceará pela primeira vez”, foi o elemento persuasivo do anúncio, na medida que a “exclusividade” seria um elemento de destaque interessante para o uso nas festividades, tendo em vista a visibilidade e poderio evidenciados sobre o conglomerado de pessoas com as melhores e mais caras vestimentas. Por isso, na mesma edição e página dos já citados, o *Libertador* mostra o quanto era “barato” ficar bem vestido(a):

<sup>49</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 62, 20 de março de 1884. “Anúncios”. p. 1.

<sup>50</sup> Anúncio presente nas primeiras páginas do **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 62, 20 de março de 1884. “Anúncios”. p. 1. E na **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 62, 19 de março de 1884. “Anúncios”. p. 1.

Figura 7 - Libertador: é barato!

Para o dia  25 de Março.

**ATENÇÃO!** **APROVEITEM!**  
O GRANDE QUE MA  
NA  
ESTRELLA DO ORIENTE  
FITA ASUL LARGA PARA FACHAS  
O metro 500 réis.

Brillantina para fazer os vestidos brancos do programma  
o metro á **300 réis!**  
Chitas e Cretones côres fixas á **390 réis o metro!**

**UM PAR DE COLLERINHOS**  
E PUNHOS PARA SR.<sup>a</sup>  
**POR 500 REIS**  
**E' BARATO!!!**

Previnimos as Exm.<sup>as</sup> Famílias que o queima não é só para  
estes artigos que annunciamos, e sim para muitos outros que  
por falta espaço deixamos de mencionar.

NÃO TEM AMOSTRAS DE CHITAS  
ARÉAS & C.<sup>a</sup>

Com o sucesso dos vestuários, a alimentação também configurava-se como um ponto alto. De queijo suíço a salame, eram anunciadas as comidas mais requintadas para comemorarem bem vestidos o banquete da “libertação”.

Figura 8 - Libertador: bem servidos!<sup>51</sup>

**NOVIDADES PARA 25 DE MARÇO**

**RENDEZ-VOUS DES AMIS**  
acaba de receber pelo *Brazil* os  
melhores artigos para petisco.

**QUEIJOS SUISSO**  
muito frescos, escorrendo manteiga e de excel-  
lente gosto.

**PASSAS**  
muito novas, unicas no mercado, e de primo-  
tosa qualidade.

**SARDINHAS**  
frescas em massa de tomate, sem competi-  
ção no seu genero.

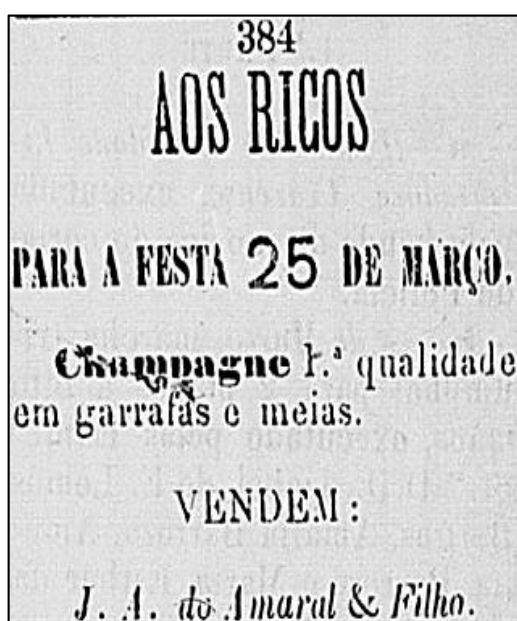
**SALAME**  
saboroso, preparado especial e de 1.<sup>a</sup>  
qualidade.  
So no RENDEZ-VOUS DES AMIS de  
*Augusto Pereira & C.*

<sup>51</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 62, 20 de março de 1884. “Annuncios”. p. 1.



Com artigos de decoração, roupas e comidas da mais alta qualidade anunciadas nas folhas das gazetas, para complementar a festa faltava-lhes a bebida. Nesse caso, um belo champanhe foi anunciado. Mas, só que dessa vez, a bebida originária da França veio com um importante recado no *Libertador*: “Aos ricos para a festa 25 de março champagne 1ª qualidade em garrafas e meias”<sup>52</sup>, vendidos por J.A. do Amaral & Filho. Direto ao ponto, como explicitado no anúncio, só os ricos daquela província poderiam pagar a bebida para usufruto do 25 de março, fato este, que só evidencia a elitização do evento popular.

Figura 9 - *Libertador*: “aos ricos”<sup>53</sup>



É nesse clima que o *Libertador* faz um convite de título um pouco contraditório. “Venham todos”<sup>54</sup>, é assim que os membros da *Sociedade Cearense Libertadora* convidam para o dia da abolição. Sob a designação de que a “festa é popular, como todas as grandes festas”, a mesma seria “em honra de uma causa santa, como todas aquelas que engrandecem os povos pela consciencia do saber”. E acima de tudo, o convite do *Libertador* ainda exala modéstia, ao dizer que dessa forma constrói-se a “festa da democracia, sem luxo e sem riqueza, mas abundantes de entusiasmo e de grandeza”. E complementa o seu chamado ao dizer: “venhão, portanto, todos ao banquete publico, onde o ultimo será o primeiro, e o primeiro o ultimo”.

<sup>52</sup> *Libertador*. Fortaleza, Ano IV, nº 62, 20 de março de 1884. “Annuncios”. p. 4.

<sup>53</sup> *Libertador*. Fortaleza, ano IV, nº 62, 20 de março de 1884. “Annuncios”. p. 4.

<sup>54</sup> *Libertador*. Fortaleza, Ano IV, nº 62, 20 de março de 1884. “Venham todos”. p. 2.

### 2.3 Festival abolicionista: o dia 24 de março

O mês de março do ano de 1884 consolidou-se como o mês da abolição no Ceará. Por esse motivo, durante este período, realizou-se eventos por toda a província em celebração ao dia da libertação. Como designou o jornal *Gazeta do Norte*, o “Festival Abolicionista” tratava-se de uma programação celebrativa, ocorrida na capital Fortaleza, que inicialmente ocorreria durante os dias 24, 25, 26 e 27 de março. Ou seja, eram eventos especiais antes, durante e depois do marco abolicionista no Ceará. O anseio pelo dia 25 era tão grande que “assistimos á um grande e deliberante successo, á um espetáculo esplendoroso que mesmo os discipulos da redempção da provincia nem quasi se àtreviam à esperar”. E diante da espetacularização do evento, “a nossa capital vestio-se de galas porque quebravam-se as gargalheiras que infelizmente prendiam os escravos”.<sup>55</sup>

Organizado pelo governo provincial, entidades políticas e sociedades libertadoras, o Festival Abolicionista monta o seu palanque nas ruas e em solenidades privadas, usando-se de simbolismo e signos para a construção de uma memória coletiva. É o que Guy Debord (2003) chama de *fazer ver*, onde o mundo real se converte em simples imagens, onde estas acabam se tornando seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. É um típico *modelo* que chama a atenção de um coletivo, a partir de ornamentações propositais que constitui-se espetáculo:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. (DEBORD, 2003, p. 15).

Diante desse contexto, executado por uma elite dominante, o projeto emancipador do Ceará veio a culminar-se no mês de março, momento definido pelo *Libertador* como um “acontecimento sem igual na historia do seculo” com “saudações e festejos dignos do nosso nome e do nosso passado, impressionando indelevelmente a alma de toda a população”<sup>56</sup>. Por esta razão, cabe à reflexão proposta por Debord (2003), quando o mesmo diz que a especialização do poder, ou seja, a mais velha especialização social, que está na raiz do

<sup>55</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 66, 01 de abril de 1884. “Festival abolicionista I”. p. 2.

<sup>56</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Para comeeçar”. p. 2.

espetáculo “é o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso. É o autorretrato do poder no momento da sua gestão totalitária das condições de existência” (DEBORD, 2003, p. 21). É a manipulação do coletivo a partir do uso da força do poder político.

À vista disso, a consolidação da abolição como espetáculo veio mais forte a partir da aproximação do evento histórico. Na medida em que elaborações de estratégia e logística foram feitas para a execução em grande escala do evento. Desse modo, considerou-se que apenas o dia 25 do mês março não daria conta em celebrar tamanha conquista social e política. Então, no decorrer do festival, foram acrescentados os dias 28 e 29 de março para completarem o programa, ao passo em que “longo, múltiplice, imenso e variado foi o jubilo popular”<sup>57</sup> para a criação do Festival Abolicionista, que, entre comissões e programas, fez sua estreia anunciando-se já em atos sublimes marcados para o dia 24 de março de 1884.

Com uma programação vasta, os eventos que antecederam o 25 de março movimentaram a capital Fortaleza e também regiões vizinhas. Com uma cobertura em peso da imprensa cearense, era possível sentir o quão grandiosos eram tais acontecimentos ao descreverem cada detalhe do ocorrido durante o Festival Abolicionista. Até quem não esteve presente, as edições posteriores da imprensa se encarregaram de aproximar o seu leitor sobre os principais episódios das comemorações em colunas especiais, que se espalhavam facilmente aos ouvidos da população.

O “Festival Abolicionista” foi um termo utilizado pela *Gazeta do Norte* em suas colunas especiais sobre o detalhamento dos eventos da abolição, logo mais, veio o *Libertador* com sua coluna “Acontecimento sem igual” com o mesmo propósito. A folha liberal acaba por descrever os eventos até o dia 25 de março e a folha da SCL nos fornece uma cobertura até o último dia do designado espetáculo. Então, cabe ressaltar que os eventos aqui descritos são referentes ao que foi exposto nas referidas gazetas em suas colunas especiais. Que já, no dia 24 de março, realizou-se “o banquete dos pobres” e “a festa das harmonias”, conferidos na programação que antecede o dia 25.

### 2.3.1 O banquete dos pobres

A programação do dia 24 de março do Festival Abolicionista começou a ser executada. Desta vez, com um banquete destinado aos pobres da província. Sendo este, o primeiro evento

---

<sup>57</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Para começar”. p. 2.

programado da grade de compromissos de uma caravana de líderes políticos, religiosos e militares do Ceará. Uma cerimônia de “caridade” aos mais necessitados da província, mais especificamente, um jantar com limites de beneficiados.

Com previsão de início às 13:00h, o jantar beneficente foi dividido em duas sessões, cada uma com uma quantidade de 58 cartões de acesso para distribuir aos pobres, número este, que simbolizava os 58 municípios redimidos da província. Um destes jantares teve lugar nos salões do Instituto de Humanidades do Padre Bruno da Silva Figueiredo e o outro na casa de Maria Justina de Abreu Albano, esposa de José Albano Filho no Outeiro das Educandas.<sup>58</sup>

A imprensa, ao relatar este momento, descreve-o como “verdadeiramente popular a festa da liberdade devia começar por um hymno á caridade, fazendo soar as vibrações dos sentimentos generosos da família cearense”, foi como destacou o *Gazeta do Norte*. E continua ressaltando “aquelles que passaram dias affadigosos e noites não dormidas, torturados pela fome, pelos desânimos e pelas angustias deviam tambem folgar e rir”<sup>59</sup>, completa a folha liberal. Já o *Libertador*, endossa esse momento em palavras de grandeza e de glória, ao admitir que “o povo cearense não esqueceu do infortunio”, pois “abraçou-o e deu-lhe a cordialidade da felicidade publica”. E fecha a linha de pensamento ao salientar que “já não era mais uma utopia o bello e poetico sonho da egualdade humana”.<sup>60</sup>

Nos salões do Instituto de Humanidades, dava-se início ao festim dos pobres, acompanhado pela orquestração de duas bandas de música da polícia e do 11º Batalhão da Infantaria para dar solenidade ao ato, que por si só foi considerado “bello e digno do território livre do Ceará” pelo *Libertador*. Para a folha abolicionista, esse seria o momento “onde os princípios humanitários se traduzem nas mais sympathicas demonstrações do amor universal”. Ao passo do andar musical, começavam-se a preencherem os lugares que lhes cabiam nas mesas, “onde o delicado dos manjares porfiava com as flores que perfumavam o agape da Liberdade”, sentimento potencializado “quando o Exm. Sr. Presidente da Provincia entrou para derramar a alegria aquelles corações que sofrem os embates do infortunio”<sup>61</sup>, relato conduzido pelo periódico da SCL.

Além da presença de Sátiro de Oliveira Dias, presidente da província em exercício, encontravam-se presentes autoridades locais das mais variadas ocupações sociais que ofereceram donativos para a realização do banquete. Também estavam presentes o arcebispo

<sup>58</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 02 de abril de 1884. “Festival abolicionista II”. p. 2.

<sup>59</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 02 de abril de 1884. “Festival abolicionista II”. p. 2.

<sup>60</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Dia 24”. p. 2.

<sup>61</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Dia 24”. p. 2.

da Bahia, o D. Luiz Antonio dos Santos, além do diocesano D. Joaquim José Vieira<sup>62</sup>. Este último, para dar maior esplendor ao significativo ato, “veio lançar sua bênção, consagrando assim o convívio da liberdade”<sup>63</sup>. Diante da presença das autoridades, via-se cenas no entanto lastimáveis, como descreve o *Gazeta do Norte* em seu apanhado sobre o banquete:

Era commovente e grave o quadro d’aquelles velhos inclinados para o tumulo, uns em estado morboso, marcerados pela senectude, outros invalidos, sentindo uma alegria intima, suave como uma manhã de primavera, bafejar-lhes a fronte encanescida pela infortunio.

Alli como os cabellos em desalinho, vendo mais com os olhos d’alma do que com os olhos do corpo, envolvidos em modestas camisas já usadas ou em vetustos chales, mostrando uma magreza comsumptiva viha-se os cegos que tambem acudiram ao festim da caridade.

Alli com as faces macilentas, cavadas, envergonhando-se da baixella, temendo toca-la, descobria-se as viuvas que pareciam ocultar no recondito do coração o seu grande poema de dôr para inebriarem-se nos aromas que trescalavam das caçoilas do festim.<sup>64</sup>

Após presenciarem tamanha desigualdade social, foram servidos os primeiros 58 pratos para aqueles presentes. Todavia, a comissão do evento fez por assentarem-se ao banquete outros tantos que se aglomeravam em busca de alimento, fato que fez por ultrapassar o número de beneficiados com o jantar. Também, durante a refeição, elaborou-se uma distribuição de esmolas em dinheiro entre os convidados, “fazendo-lhes esquecer nesse dia as dores e os soffrimentos, dando uma côr menos sombria á miséria”<sup>65</sup>. Desse modo, de acordo com o *Libertador*, somaram-se cerca de 113 necessitados que usufruíram do primeiro momento do jantar em homenagem a primeira província livre do Império.

Em prosseguimento, “a musica desprende as ultimas notas na sua doce harmonia, e ao silencioso grottegar da lagrima de consolação que vertia o pobre, se alliou o entusiasmo da consciencia do bem que havia feito”<sup>66</sup>. No entanto, não foi o Instituto de Humanidades o único cenáculo de confraternização social, na medida em que “um coração tão generoso como a grandesa da terra que lhe deu o berço, também abria as portas do seu tecto ao convívio da indigência”. Palavras destinadas a Maria Justina de Abreu Albano, definidas pelo *Libertador*, quando a mesma oferece sua chácara pessoal para a realização de outro banquete. Ação esta, que fez por incrementar a programação do Festival Abolicionista.

No Outeiro das Educandas, local do segundo momento do banquete, além dos anfitriões,

<sup>62</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 02 de abril de 1884. “Festival abolicionista II”. p. 2.

<sup>63</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Dia 24”. p. 2.

<sup>64</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 02 de abril de 1884. “Festival abolicionista II”. p. 2.

<sup>65</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 02 de abril de 1884. “Festival abolicionista II”. p. 2.

<sup>66</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Dia 24”. p. 2.

também se encontravam as designadas “heroínas da caridade”, seriam elas as Exmas. Senhoras Maria Thomasia Figueira Lima, Maria Albano da Frota, Anna Leopoldina Passos, Francisca C. de Oliveira Lima e Rita Pinheiro Cavalcante, que secundaram ações importantes para a realização do evento, como bem menciona o *Libertador*. A comissão, encarregada por este segundo banquete, também, encontrava-se presente, compondo-a estaria Joaquim Dias da Rocha, José Albano Filho, Padre Antonio Joaquim de Góes, Gil Amora e Justiniano de Serpa. Figuras que organizaram este momento incluído no programa das festividades.

O *Libertador*, por sua vez, acabou detalhando este momento ao relatar que encheram-se três vezes a grande mesa do vasto salão, reinando sempre a maior profusão na distribuição das iguarias. “Havia mesmo um contentamento geral: todos sentiam-se felizes, inebriando-se nas doçuras inffaveis do amor do próximo, como no enlevo da propria felicidade”. Os sentimentos descritos foram acompanhados pela vibração sonora do instrumental do 11º Batalhão da Infantaria, contando novamente com a presença do arcebispo da Bahia e do bispo do Ceará, que lançaram bênçãos sobre a refeição da caridade. Juntamente com presidente da província fizeram “as honras á pobreza no divino agape da egualdade social”<sup>67</sup>. Não diferente do primeiro momento, no Outeiro das Educandas as autoridades viam à sua frente cenas desoladoras de fome e miséria, não muito corriqueiras ao cotidiano de suas relações. Diante desse fato, a planejada ação, que englobou os festejos abolicionistas, veio em forma de benfeitoria perante uma realidade miserável. O *Libertador*, por sua vez, acabou endossando essa ideia:

O exemplo era tão novo, como edificante!

Quem não admirou a plena cordialidade da benemerita comissão das Angelicas Senhoras que ministraram á mesa?

Quem não teve uma frase de louvor, uma nota de admiração que render á benemerencia dos proprios infelises que mostraram-se todos n’altura da honra, com que eram penhorados?!

Tanta ordem, tanta regularidade nunca vimos imperar em outras festas onde, muitas veses, preside á mesa o sórdido egoísmo, cortejando as paixões dos seus convivas na torpe bachanal, onde transborda em gotas corrosivas o veneno lethal do mundanismo, das taças de cristal.

No convivio dos infelises, na confraternisação de suas dores com a felicidade publica, houve um *quid divinum* que o coração humano pode sentir, mas não soube definir.

Dos recônditos d’alma, da profundesa dos seus mysterios, que jamais ninguém sondou, prorrompeu a lagrima e veiu como um cântico novo saudar a magestade de scena sublime e sacro-sancta que abriu a porta á todas as ovações do grande triumpho.

---

<sup>67</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Dia 24”. p. 2.

A charidade que havia iniciado a sua brilhante manifestação, lhe deu também o divino selo de sua grandesa.<sup>68</sup>

A caridade exercida pelas autoridades, beneficiou durante este dia, no Outeiro da Educandas, cerca de 235 pessoas que passavam fome. Houve também, a entrega de esmolas em dinheiro distribuídas pelas autoridades no local a cada um dos necessitados. Além do mais, a folha da *Sociedade Cearense Libertadora* ainda reiterou, em sua edição, que não houve um só que saísse com as mãos vazias. Fato que excedeu todas as expectativas e raias traçadas no programa da festa, sob um jantar destinado aos pobres daquele entorno.

Pelo entardecer do dia, finalizou-se os dois banquetes, que inicialmente teve a sua idealização estimada a um número que representasse duas vezes a totalidade de municípios livres da província, alargou-se, porém, de tal forma que se acolheram durante os dois momentos cerca de 348 convivas. Ou seja, não imaginariam que a parcela de miseráveis da província, mais precisamente nas adjacências dos eventos, superaria um número simbólico de 58 pessoas.

O *Libertador*, durante a sua cobertura sobre o Festival Abolicionista, acabou trazendo outros detalhes importantes sobre as confraternizações, o mesmo ressaltou que o Banquete dos Pobres esteve realmente na altura dos grandes sentimentos de caridade do povo cearense. Também nos informou sobre os momentos de formalidade entre as autoridades ali presentes. O jornal acabou relatando as condolências do anfitrião do segundo banquete, José Albano Filho, aos convidados que incluíam brindes, saudações e honrarias. Brindes aos “dois príncipes da Igreja Brasileira que tinham acento a mesa, os Exms. Srs. Arcebispo da Bahia e Bispo da Diocese”. Saudações ao “preclaro Sr. Dr. Sátiro Dias, o Presidente Libertador, que teve a ventura de ligar seu nome as glórias do Ceará”. E honrarias aos membros da *Sociedade Cearense Libertadora*, à Diretoria Geral das *Cearenses Libertadoras*, ao Clero Cearense, ao Partido Abolicionista, à Família Albano e muito mais. Sendo esta, nas palavras do *Libertador*, “uma festa original e enormemente patriótica!”.<sup>69</sup>

Bem hajam os que concorreram para tão eloquente manifestação á Pobreza soffredôra e á Provincia que se fez Livre!

A véspera festival do grande acontecimento teve mais uma solenidade que jamais será esquecida.

Foram também convocadas ao convívio fraternal da jubilação publica todas as familias que carpem as dores de sua pobresa no supplicio do silencio e do recolhimento.

<sup>68</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Dia 24”. p. 2.

<sup>69</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual II – Dia 24”. p. 2.

A preciosa esmola que lhes chegou ao lar, deu-lhe o conforto da vida e as alegrias do festim em familia.

E depois, paes, mães e filhos, ao levantarem-se da meza, misturavam com o piedoso cantico de acção de graças o nome do Pastor Cearense que não esqueceu suas ovelhas no meio das pompas e das grandesas que o cercavam.

Bem hajam os virtuosos sacerdotes da primeira diocese livre, que honrando seu divino ministerio realisaram o assombroso prodígio da multiplicação dos pães da pobresa.

Em cada casa havia um festim: o mendigo matou a fome e o indigente prelibou a felicidade.

Por toda a parte a consolação e a doçura do regosijo publico.

Toda a população sentia-se animada, e predispunha-se para o imenso festival.

Fora-lhe motivo para a sua exaltação a grata noticia que circulou e BOLETINS por toda a cidade, communicando o ingresso dos municipios de Jardim, Milagres e Arneiroz no QUADRO DE LUZ.

O Ceará estava de facto e de direito constituido a primeira província livre do Brasil.<sup>70</sup>

Desde então, as autoridades do Ceará, diziam-se prontas para o dia da libertação da província, sentimento que se consumou pela inclusão dos últimos municípios ao quadro de luz e pelos eventos de pré-abolição que ocasionaram festividades e comemorações em Fortaleza. Em decorrência de tais eventualidades, disse o *Libertador* que, após este “acontecimento sem igual, reuniram-se immediatamente diversos libertos e percorreram em passeiata as ruas da grande capital”, completou dizendo que foi “ruidosa a expansão dos pobres martyres que acabavam de sahir dos ferros do captiveiro”<sup>71</sup>. Ao espocar de numerosos foguetes, também viu-se os ecos sonoros das aclamações à liberdade, ao povo cearense e ao Imperador abolicionista.

A folha da SCL fez uma retrospectiva dos eventos diurnos do dia 24 março e acabou por defini-los como “esplendidos!”:

24 de março foi um verdadeiro lausperenne: encheu todas as suas horas com festas e harmonias.

No <<Instituto de Humanidades>> um opíparo jantar aos mendigos honrado com a musica do 11º Batalhão.

No Outeiro das Educandas outro festival de caridade no mesmo gênero, e a ele fez honras a musica da Policia.

Nas casas das familias pobres o conforto do lar e as alegrias do convivio intimo.

Nas ruas e praças publicas a pesseiata popular dos libertos.<sup>72</sup>

<sup>70</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual II – Dia 24”. p. 2.

<sup>71</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual II – Dia 24”. p. 2.

<sup>72</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual II – Dia 24”. p. 2.



Com o final do Banquete dos Pobres, o *Gazeta do Norte*, em suas linhas, acabou por finalizar este momento: “consumida as oferendas que espontaneamente enviaram as famílias caridosas, deu-se por findo os banquetes, que como gotta crystallina de orvalho cahida sobre o calice da flôr, alimentaram os miseráveis”<sup>73</sup>. O *Libertador* por sua vez, ressaltou que foi por meio deste fato apresentado que a grandeza do povo cearense esteve fielmente daguerreotipada, ato sublime que impõe uma admiração universal<sup>74</sup>. Mas que não parou por aqui, pois o Festival Abolicionista estava apenas começando.

### 2.3.2 A festa das harmonias

Com o aproximar do anoitecer, a música tomava conta dos espaços públicos e se tornava o centro das atenções. Dessa vez, o banquete da caridade cedia lugar para a Festa das Harmonias. Marcada para as 21:00hrs no grande salão da Assembleia Provincial do Ceará, o prédio em estilo neoclássico recepcionou a caravana política, que acompanhava, desde cedo, os festejos da programação do Festival Abolicionista. “Como expressão directa do sentimento, os sons musicaes deviam tocar os corações, purificando-os, santificando-os, traduzindo as agitações do pensamento”<sup>75</sup>, expressões destacadas pelo *Gazeta do Norte*, que trará uma edição com detalhes primorosos sobre a eventualidade.

**Figura 10** – O palacete Alencar no encontro das harmonias<sup>76</sup>



<sup>73</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 02 de abril de 1884. “Festival abolicionista II”. p. 2.

<sup>74</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual I – Dia 24”. p. 2.

<sup>75</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 68, 03 de abril de 1884. “Festival abolicionista III”. p. 2.

<sup>76</sup> “Em 1871, foi concluído o Palácio Senador Alencar, localizado entre as Rua São Paulo, General Bezerril, Floriano Peixoto e Travessa Morada Nova. O edifício abrigou a sede da Assembleia Legislativa até 1977. No prédio, também funcionaram a Faculdade de Direito, Tribunal de Contas do Estado, Biblioteca Pública, Instituto do Ceará, Liceu do Ceará e o Tribunal Regional Eleitoral. Em 1990, o espaço foi restaurado e passou a ser sede do atual Museu do Ceará”. Palácio Senador Alencar, terceira sede da Assembleia Legislativa do Ceará. Disponível em: <<https://portaldoservidor.al.ce.gov.br/index.php/todas-as-noticias/item/41-malce-apresenta-exposicao-de-fortaleza>>. Acesso em: 24 de Abril de 2022.

Na ritualística do concerto estavam as presenças já comuns do Presidente da Província, do alto clero representado pelo arcebispo da Bahia e o bispo do Ceará, o chefe de polícia e demais funções públicas, das artes e letras, com seus mais seletos representantes. Estes, nas palavras do *Libertador*, “concorreram para dar realce e abrilhantar excepcionalmente esta festa”<sup>77</sup>. O evento de caráter elitista estampou riqueza sobre os detalhes decorativos e na composição erudita da organização. Momento que exigia uma vestimenta à altura, com cavalheiros e senhoras vestidos elegantemente para a ocasião noturna.

Os primeiros acordes já estavam sendo testados e o público presente “começou então a sentir-se as vibrações de umas notas ardentes que enchiam a alma de delirante e febril entusiasmo”<sup>78</sup>. Era o hino da *Sociedade Cearense Libertadora*, composto por Frederico Severo, por ocasião da libertação dos escravizados da província, que foi executado pela banda musical da polícia que encetava o concerto:

~ HYMNO ~

A´

*Sociedade Cearense Libertadora*

*ℑ*

Eia! A´s armas, soldados dos livres,  
Na vanguarda já sôa o tambor!  
Eis o motte de nosso estandarte;  
<< Liberdade, aos captivos, e amor. >>

**CORO**

Para sempre se apague da face  
Da formosa auri-verde bandeira  
Esse negro borrão, que nos mancha,  
E que avilta a nação brazilira.

*ℑℑ*

Os soldados de causa tão santa  
Jamais podem na lucta cahir!  
E se alguém succumbio na peleja.  
Não cahio, mergulhou no – Porvir.

<sup>77</sup> *Libertador*. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual II – Dia 24”. p. 2.

<sup>78</sup> *Gazeta do Norte*. Fortaleza, Ano IV, nº 68, 03 de abril de 1884. “Festival abolicionista III”. p. 2.

**[CORO 1x]**

*III*

Nossas armas são brancas e puras  
Tem no punho a palavra – Perdão! –  
Entre as dobras do nosso estandarte  
Aninhou-se uma deusa – A Rasão. –

**[CORO 1x]**

*IV*

Expulse do paiz das palmeiras,  
Onde o sol mais abraza e mais arde  
Os villões traficantes de escravos,  
Raça infame, nojenta e covarde.

**[CORO 1x]**

*V*

Todo o mundo que attento nos ouve,  
Bata palmas aos nossos heróes,  
Quando ver que não ha mais senhores,  
Nem escravos na patria dos sóes!

**[CORO 1x]**

*VI*

E que a aguia altaneira que vòa  
Pelo dorso dos serros azues,  
Leve aos astros, na garra gigante,  
A bandeira banhada de luz.

**[CORO 1x]<sup>79</sup>**

Depois da entoação do hino da SCL, começou então a ser executado o cronograma de músicas para a orquestração da Festa das Harmonias. Com artistas e músicos locais, cada performance foi desempenhada de forma única com melodias e intérpretes variados. A ordem das apresentações foi elencada pelo *Gazeta do Norte*, sob a divisão em treze atos:

<sup>79</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano I, nº 7, 24 de março de 1881. “Hymno a Sociedade Cearense Libertadora”. p. 4.

F

---

Marcha triumphal 25 de março, musica de A. Nepomuceno  
e executada em 2 pianos a oito mãos pelas Exms. Sras.  
D. D. Izabel Lemos Borges, Amalia Barroso,  
Amelia Barroso e Maria Esther da Silva;

FF

---

*La gandola nera*, balada para canto de  
A. Rotoli, executada pelo Sr. Benjamim Moura e  
acompanhado ao piano pelo Sr. Napomuceno;

FFF

---

*Violetta de carafa*, belíssima phantazia de concerto  
composta por H. Herz, executada pela Exm<sup>a</sup>. Sra.  
D. Marianna Justa;

FV

---

*Faust* da opera de Gosunod, grande duo para piano a  
quatro mãos, musica de Osborne, executada pela  
Exm<sup>a</sup>. Sra. D. Maria Justina de Abreo Albano e  
A. Nepomuceno;

V

---

*Ritorna vincitor*, suavíssima aria da Aínda, musica de  
Verdi, cantada pela Exm<sup>a</sup>. Sra. D. Cilicina Rolim,  
acompanhada ao piano pelo Sr. A. Nepomuceno;

VF

---

*Air* religiense de Stradella, musica de Lefebene Wely  
para piano, lauta, violoncello, e harmonium, executada  
pelos Srs. Crispim Amaral, Simplicio Montezuma,  
Guignard e A. Nepomuceno;

VFF

---

*Galope marche*, de A. Lavignac, para 2 pianos a oito mãos,  
executado pelas Exmas. Sras. D. D. Emilia Cunha,  
Maria Esther da Silva, Maria P. Rocha Salgado  
e Ernestina de Pina Vidal;

W.F.F

=====  
*La sirene*, fantasia para lauta de A. Terschak,  
 executada pelo Sr. Chrispim do Amaral,  
 acompanhada ao piano pelo A. Nepomuceno;

W.F.F

=====  
*Martha*, fantasia para piano, musica de Leybach,  
 Executada pelo jovem Rodolpho Borges;

W.F.F

=====  
*Guarany*, do celebre Carlos Gomes,  
 ouverture a quatro mãos de N. Celega, executado  
 pelas Exm<sup>a</sup>. Sra. D. Izabel Lemos Borges  
 e A. Nepomuceno;

W.F.F

=====  
 Fantasia para piano composta e executada  
 pelo Sr. J. Cahn;

W.F.F

=====  
*II Pescatore di coralli* ballada para canto,  
 de P. Tosti, cantada pelo Sr. Bemjamim Moura  
 e acompanhada ao piano pelo Sr. Nepomuceno;

W.F.F

=====  
 Grande fantasie triumphale ur I'hymne bresilien,  
 de Gottschalk, executada pela Exma. Sra.  
 D. Maria J. de Abreo Albano.<sup>80</sup>

Cavalheiros e damas presentes no evento “prestaram a cantar ou tocar no concerto desempenharam-se á geral contento, grangeando merecidas palmas”<sup>81</sup>. Dessa forma, “quando as auras conduziram as ultimas notas do piano, os aplausos enchiam o ambiente pefumado”<sup>82</sup>. Cheio de minúcias, a cobertura feita pela folha liberal nos deu mais detalhes sobre o que acabara de acontecer em tom quase poético:

Melodias ternissimas, transbordando em enchentes de poesia do lyrico salão, comoviam, como as harpas eólias nos salgueiros da Babylonia.

<sup>80</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 68, 03 de abril de 1884. “Festival abolicionista III”. p. 2.

<sup>81</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual II – Dia 24”. p. 2.

<sup>82</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 68, 03 de abril de 1884. “Festival abolicionista III”. p. 2.

O canto, ora doce e terno como o gorgueio do rouxinol, ora vibrante e completo, como o som do mymyby nas florestas, tinham um mixto de languidez e frescura que perturbava o systema nervoso exprimindo a linguagem suprema do sentimento.<sup>83</sup>

Com este clima contemplativo, estava-se esgotando as últimas horas do dia 24 e de repente soou vagarosamente doze horas no sino da catedral. Um estremecimento escoou-se pelo corpo e uma chuva de palmas, saudou a primeira hora do dia 25 de março<sup>84</sup>. O silêncio da noite deu lugar a uma girândola de fogos e por alvorada musical ao norte da cidade<sup>85</sup>. Foram estes os momentos iniciais regidos pela elite fortalezense para o que viria a ser o marco da abolição no Ceará.

Por meio de campanhas, comissões, festas e símbolos se construiu, por meio de eventos simbólicos, uma preparação do ato abolicionista culminado no dia 25 de março. Estes acontecimentos introdutórios serviram para evidenciar a grandiosidade e o quão especial seria este momento para quem o vivenciasse. Com o propósito de impactar as alforrias, em dias festivos, as comitivas numerosas de abolicionistas pelo Ceará, os destaques do comércio na imprensa e os eventos da programação fez tornar a abolição um episódio “espetacular”. Aos olhos de todos, em todos os jornais e em todas as prosas, a província do Ceará se tornava centro de debate e também de “liberdade”, este foi o requinte primoroso que os abolicionistas tanto queriam.

---

<sup>83</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 68, 03 de abril de 1884. “Festival abolicionista III”. p. 2.

<sup>84</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 68, 03 de abril de 1884. “Festival abolicionista III”. p. 2.

<sup>85</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual II – Dia 24”. p. 2.

### 3. “GLORIA IN EXCELSIS! O CEARÁ É LIVRE!”: ENTRE FESTIVAIS E REPERCUSSÕES DA ABOLIÇÃO

Numa história documentada e contada a partir da ótica de uma classe dominante, serão sempre bem-vindos os estudos históricos que acabam invertendo essa lógica de narrativas que não se detém a determinismos ou apenas aos vitoriosos, como bem destaca E. P. Thompson (1987) em sua história vista de baixo. O mesmo ainda ressalta que não podemos entender a classe - enquanto fenômeno histórico - apenas como uma “estrutura” ou “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente das relações humanas (THOMPSON, 1987). Relações estas que se desenvolvem a partir da classe em detrimento de uma formação social e cultural, “surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operam durante um considerável período histórico” (THOMPSON, 1987, p. 12).

Na realidade em estudo, a segunda metade do século XIX no Ceará trouxe uma onda de fenômenos sociais, políticos e econômicos advindos de aspectos comerciais em decorrência do forte apelo do mercado internacional aos produtos naturais da região. Em face ao exposto, entendendo que o desenvolvimento da classe se dá a partir de uma formação tanto cultural como econômica (THOMPSON, 1987), a necessidade de progresso perante a elite local cearense acabou evidenciando líderes políticos de famílias tradicionais como os verdadeiros incentivadores da “civilização” da província. Seguindo esta lógica, em uma realidade ainda escravista, a experiência de classe nesse contexto é determinada de acordo com E. P. Thompson (1987) diante das relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente. Ou seja, a hierarquia social imposta seguiu por narrativas dominantes, que contaram e decidiram os rumos da História.

A abolição, no Ceará, veio à tona como um evento operado por abolicionistas e unicamente enviesado por eles. Em vista disso, a necessidade de uma análise documental sobre o período exposto requer uma investigação sobre o propósito documental e os atores envolvidos. Sendo assim, procedimentos teórico-metodológicos encabeçados por E. P. Thompson (1987) em sua *história vista de baixo* e Carlo Ginzburg (1989) em sua *micro-história*, são destacados nesse estudo, pois auxiliam na busca de indícios e no encontro de protagonistas silenciados diante de uma documentação histórica confeccionada para esquecê-los.

Os eventos do 25 de março, no Ceará, foram reverberados na imprensa e nos encontros presenciais estrategicamente escolhidos nos pontos turísticos de Fortaleza. Como em uma obra de arte, esses acontecimentos cheios de mitos, emblemas e sinais, reforçam a necessidade da análise proposta por Carlo Ginzburg (1989), que nos faz refletir sobre o conjunto de elementos

que compõem as narrativas, as ornamentações e os significados entorno do Festival Abolicionista cearense. Impactado por uma forte comoção popular, as decisões políticas foram pautadas em razão do prestígio social referente ao marco histórico e como estes acontecimentos estariam associados à memória coletiva. É o que Pierre Nora (1993) entende sobre os lugares de memória, onde os mesmos nascem e vivem do sentimento onde não há memória espontânea, por isso existe a necessidade de criar arquivos e organizar celebrações, na medida em que se entende essas operações como não naturais.

### 3.1 O 25 de março nas edições especiais da imprensa cearense

O Evangelho nos diz, nos diz Jesus, que os anjos se alegram, fazem festa pela conversão de um peccador. Que não será pela conversão de um povo inteiro, que depois de detestar o seu erro, canta a victoria – a volta da ignominia para a gloria das trevas para a luz! Que festa, que concerto magnifico, esplendido das mais afinadas vozes é cantar louvores ao Altissimo, echoam n´este momento pelos espaços infindos! Os anjos fitam do céu um ponto mobil no espaço – a terra, e na terra um ponto mais luminoso – a heroica província do Ceará. Vêem em cada cidade, em cada villa, em cada canto grupos de homens, aglomerações de povo, movendo-se, agitando-se, indo, vindo, rindo, gritando, cantando, alegre, festivo, levado nas azas do mais santo entusiasmo.<sup>86</sup>

No dia 25 de março de 1884, o Ceará comemorava a libertação de “todos os cativos” presentes nas cidades e vilas da província. Com discursos apoteóticos, a imprensa em edições comemorativas se deleita dos mais pomposos adjetivos aos eventos abolicionistas, especialmente nesta data considerada emblemática por decretar tais “conquistas” dos vossos. Se tornando atualmente feriado estadual, a Data Magna<sup>87</sup>, celebra este período histórico, que reverbera o pensamento social cearense, com a ideia do fim pleno da escravização nas terras alencarinas.

Erguidas de exuberância estética, molduras elegantes e organização textual diferenciada, as edições especiais da imprensa no 25 de março de 1884 - marco da abolição da província do Ceará - carimbaram esta data ao “feito” dos seus: políticos e abolicionistas que assumem a autoria da abolição, promovida unicamente por suas “cruzadas” na província cearense. Adotando e divulgando essa concepção nos mais variados escritos de suas gazetas

<sup>86</sup> **Constituição.** Fortaleza, Ano XXI, nº 33, 25 de março de 1884. “O dia 25 de março no céu – Gloria in excelsis Deo”. p. 3.

<sup>87</sup> A Data Magna do Ceará foi instituída como feriado estadual no dia 6 de dezembro de 2011, por lei publicada no Diário Oficial do Estado (DOE). A iniciativa foi do ex-deputado Lula Moraes (PCdoB), que apresentou projeto neste sentido, na Assembleia Legislativa. Disponível em: <<http://al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/93639-2409032021datamagna>>. Acesso em: 12 Julho de 2021.



parabenizando a província e a gama política de correligionários do abolicionismo pela generosidade de tal ato.

Em uma terça-feira não convencional em Fortaleza, o *Constituição* (órgão conservador) em seu ano XXI, na edição especial de nº 33, trouxe o título “Honra e gloria ao dia 25 de março” e um subtítulo que resumiu muito bem o significado do movimento abolicionista: “Gloria in excelsis! o Ceará é livre!”, com a frase que veio do latim de significado “glória nas alturas”, expressão esta, utilizada por uma elite letrada e religiosa, que se diziam porta-vozes da abolição.

Figura 11 - Capa do Jornal *Constituição*: honra e glória ao dia 25 de março<sup>88</sup>



Seguindo o tom festivo, o *Gazeta do Norte* (órgão liberal), em sua edição nº 64 do seu ano IV, possuía o seguinte título: “Edição especial em homenagem á libertação da província”, seguido com a frase: “jaz por terra a escravidão!”. Chamada que conecta-se ao título audacioso do *Libertador* (órgão da Sociedade Cearense Libertadora) que chegou a dizer, “Homenagem a provincia do Ceará pela libertação total dos seus escravizados”, na edição de nº 63 do seu ano IV, coberto por uma moldura de correntes e flores nas extremidades em sua primeira página.

<sup>88</sup> **Constituição**. Fortaleza, Ano XXI, nº 33, 25 de março de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=235334&pagfis=4519>. Acesso em: 10 de Outubro de 2021.

Figura 12 - Capa do jornal *Gazeta do Norte*: em homenagem a libertação da província



Figura 13 - Capa do jornal *Libertador*: homenagem a província do Ceará



Diante do exposto, tem-se o objetivo de analisar o discurso da imprensa cearense, em especial dos jornais *Constituição*, *Gazeta do Norte* e *Libertador*, em suas edições especiais de 25 de março de 1884. Com isso, de forma secundária, entender o *status* de glória atrelado aos abolicionistas perante o movimento emancipador da província; e compreender a importância do discurso impresso da elite para a construção do imaginário da abolição no Ceará. Ao mesmo tempo em que seguimos esta empreitada com as seguintes indagações: Por que aos abolicionistas foi atribuído o papel de efetivação da abolição no Ceará? E, como a imprensa contribuiu para a divulgação de uma abolição “bem sucedida”? São essas perguntas de caráter

<sup>89</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 25 de março de 1884. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103950&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=3598>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2021.

<sup>90</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=229865&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=136>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2021.

gerador que buscarão problematizar os discursos elitistas empregados nos jornais e a apropriação destes pela sociedade.

O processo metodológico se fez a partir de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2001), oriundo de uma análise documental (CELLARD, 2008), com o uso de técnicas da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2006). Esta última, caracterizada por três perspectivas importantes aos discursos empregados nos jornais em investigação: a desconstrução e unitarização; estabelecimento de relações (o processo de categorização); e a construção de um metatexto (descrição, interpretação, compreensões e teorizações). Tornando, essa experiência analítica do *corpus*, uma tentativa de categorizar, *a priori*, as narrativas dos agentes das elites cearenses encorpadas ao: i) Discurso Abolicionista (*Sociedade Cearense Libertadora*); ii) Discurso Partidário (liberal e conservador); iii) Discurso Religioso (padres, bispos, arcebispos e clérigo); e iv) Discurso Intelectual (ex-membros da Academia Francesa).

Sendo essa uma tentativa de evidenciar os discursos e entender que estas subcategorias, são intersecções de uma categoria só: a do Discurso Político, produzido por uma pequena parcela de agentes detentores do poder, numa sociedade oligárquica e de famílias tradicionais (CARVALHO, 2003), que usufruíram dos jornais cearenses para a promoção de interesses privados. Usando-se do 25 de março de 1884<sup>91</sup> para vangloriar-se de uma “abolição” pautada apenas como conquista de uma classe política.

As similaridades dos escritos da *Constituição*, da *Gazeta do Norte* e do *Libertador* são evidentes, com destaque para textos de autoridades católicas. As capas do periódico conservador e do *Libertador* repetem publicações de Luiz, arcebispo da Bahia e Joaquim, bispo do Ceará parabenizando a abolição da escravidão no Ceará. No periódico conservador o religioso baiano ressalta “o generoso exemplo” do Ceará ao “levantar o grito civilizador da Liberdade, nobilíssima idéia, que a Igreja Catholica em todo tempo proclamou”; já o bispo cearense afirmou que “a religião e a patria não podem ser indifferentes a este facto” utópico vivenciado pelo Ceará “por intermedio de seus ministros” que “entoará canticos ao Senhor por tão boa nova”.

---

<sup>91</sup> Ao contrário do que muitos imaginam, em 25 de março de 1884, não ocorreu nenhuma aprovação de lei ou decreto provincial determinando o fim da abolição no Ceará. Desde 1883, campanhas abolicionistas começaram a promover em diversas cidades cearenses a compra da liberdade de escravizados com recursos do fundo de emancipação ou recursos levantados pelas libertadoras. Acarape foi a primeira vila em que a liberdade de todos escravizados foi comprada ou concedida pelos proprietários, outras seguiram o exemplo. A Assembleia Provincial também aprovou a cobrança de taxas que deixaram o comercio interno inviável, fazendo que os proprietários, com receio de perder suas propriedades através das fugas, optassem pela alforria com garantia de remuneração ou prestação de serviços. Assim, em 25 de março de 1884, ocorreu em Fortaleza uma proclamação de que todas as vilas do Ceará libertaram seus escravizados, portanto, um ato com teor mais simbólico do que impacto legal, uma vez que a maioria dos cativos e cativas já estavam em liberdade. Embora, como aponta Eduardo Campos, em 1886, ainda havia registro da manutenção da escravidão em Milagres (CAMPOS, 1984a).

O *Gazeta do Norte*, diferente dos demais, convidou o Padre José Albano para festejar com eles sob o seguinte pronunciamento: “a Igreja Catholica commentario viva das doutrinas do divino Libertador, cheia de ternura acolheu no seu regaço os infelizes captivos”. Ao mesmo tempo que assegura as “energias da caridade” dos “sacerdotes cearenses” – abolicionistas - a um ato de “caridade no grandioso empreendimento da Redempção da Provincia”.

Dentre tantos escritos congratulando o “Ceará livre” das mais diversas autoridades aos grandes líderes religiosos, a mais alta gama da sociedade estava presente nas vastas edições dos periódicos cearenses exaltando o dia 25 de março. Diante da exuberância de tais palavras, as declarações nas gazetas são capazes de fornecerem um deslumbre ao leitor, ao ponto de passar despercebido o seu real sentido, ao fortalecer um imaginário social muitas vezes não condizente com a realidade impressa.

“O dia 25 de março no céu” texto do padre Constantino, presente no jornal *Constituição*, em seu subtítulo traz a emblemática frase *Gloria in excelsis Deo*, expressão do latim que acrescentou “Deo” para o “Glória a Deus nas alturas”. A publicação prossegue, neste caráter litúrgico, para a nítida associação da prática dos abolicionistas como uma ação divina e os escravizados como infelizes pecadores em busca da salvação, que seria a liberdade. É a alegoria dicotômica entre céu e inferno, onde os libertadores estavam no alto e os escravizados decretados à margem. E exclama:

É um espetáculo novo, singular, único na história do mundo, nos fastos da humanidade! [...] Anjos do Senhor, que constastes as lágrimas de tantos milhares de infelizes [...] Sim! Sim! Dizem, repetem, clamam, exclamam, gritam, echoam, misturando-se, confundindo-se as vozes de....31,000 infelizes, cujas lagrimas foram enchugadas, cujos prantos foram acalentados, cujas dores foram acalmadas, cujas angustias foram consoladas.<sup>92</sup>

Distribuídas a uma elite letrada, as edições dos jornais impressos, que circulavam pela província cearense, acabavam sendo uma das principais fontes de informação à população da capital e do interior. Por isso, na persuasão pela adesão ao movimento libertador, mesmo com grandes divergências, havia um consenso diante da maioria dos partidos políticos – a partir de uma pressão externa contra a resistência interna - ao associarem a abolição como um ato de progresso e civilização para a população. Dessa maneira, os agentes partidários queriam atrelar seus nomes a esse feito histórico, iniciando uma corrida pela glória de serem pioneiros na libertação (MARTINS, 2010). É nesse sentido que as propagandas da abolição atendiam à pressa de disseminar o repertório moral abolicionista entre a população urbana, que acabou

---

<sup>92</sup> *Constituição*. Fortaleza, Ano XXI, nº 33, 25 de março de 1884. “O 25 de março no céu”. p.3.

usando a imprensa no intuito de sensibilizar para mobilizar (ALONSO, 2012). Nesse sentido João Lopes enfatiza:

Justo orgulho devem sentir os libertadores cearenses ao escrever a phrase final d'este curto capítulo da historia do Brazil. Nenhuma porção da família brasileira fez mais pela patria e pela humanidade. Foram elles quem completou a obra da independencia politica do paiz, foram elles quem organisou a verdadeira jornada para o progresso.<sup>93</sup>

Por conseguinte, o Discurso Abolicionista do *Libertador* em sua edição especial de 25 de março de 1884, buscou inovar, em seus mais diversos artigos selecionados para a comemoração, relacionando a ação de seus companheiros a uma batalha épica: “os libertadores feriram a primeira batalha nos campos negreiros”. Com o título “A obra da loucura” o autor de pseudônimo J.T., deixa sua narrativa ainda mais interessante, quando acrescenta os vilões: “os espíritos enfesados e as intelligencias myopes, duvidando do resultado de tão ousado commettimento, emprestaram-lhes os qualificativos mais improprios”. Com uma narrativa heroica e pretenciosa, o desfecho dessa emblemática batalha se deu após vencerem os “incessáveis empecilhos”, e foi dessa forma, que os abolicionistas “não recuaram, após uma luta titanica, onde empenharam a vida e a honra, baniram finalmente das plagas cearenses o monstro escravidão”.<sup>94</sup>

Ainda na construção de uma narrativa, que eleva os abolicionistas à condição de heróis, Frederico Borges, em “O combate de hoje e a victoria d’amanhã”<sup>95</sup>, associou o trajeto dos abolicionistas pelas vilas do interior do Ceará com o movimento das cruzadas na Idade Média<sup>96</sup>: “Não ha mais suseranos, nem pariaás; patricios, nem servos da gleba. A cruzada libertadora nivelou os homens civilmente. A pugna foi tremenda.” Os “homens da liberdade” seriam os servos da missão para a conversão cristã, sendo ela o primeiro passo para se conseguir a graça da liberdade. “Si a resistencia não se manifestou pela voz atroadora do canhão, nem pelo tinir da arma branca, é que o ataque se fez pela palavra inspirada dos apostolos abolicionistas” método reforçado também pelo “echo magico do jornalismo”.

As produções de Frederico Borges são bem emblemáticas por exaltar ao máximo a instituição libertadora. Como membro da *Sociedade Cearense Libertadora* e conseqüentemente ativo no *Libertador*, o mesmo também esteve presente nas linhas do *Constituição* e nos eventos

<sup>93</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 25 de março de 1884. “Gazeta do Norte”. p. 2.

<sup>94</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “A obra da loucura”. p. 2-3.

<sup>95</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “O combate de hoje e a vitória do amanhã”. p. 2.

<sup>96</sup> Segundo o historiador Jacques Le Goff (2005), um dos mais destacados estudiosos da Idade Média, percebe-se as cruzadas como uma das formas de transformar o estado de guerra recorrente no Ocidente em uma causa santa: a luta da Igreja Católica Apostólica Romana contra os infiéis.

da abolição, assim, suas palavras não poupadas ao 25 de março também foram expressas na folha dos conservadores, a título de “data gloriosa” divididas em 7 partes, expressa-se o entusiasta:

*Triumph a revolução ingente da  
philantropia humanitária. A bastilha  
secular do erro, da compreensão e da  
ignominia allue-se ao camartello do  
abolicionismo cearense!*

*O 25 de Março assignala uma data  
data memoravel, e unica nos fastos da  
historia nacional. E' o termino glorioso  
da campanha regeneradora no solo  
cearense, e o inicio da mesma evolução  
civilizadora em todo o paiz.*

\* \*

\*

[...]

*Hontem, foi a <<Libertadora Cearense>>  
a incarnação viva da abnegação, -  
o heroismo masculino na alma da mocidade, -  
que levantou o grito de guerra.*

*Hoje, é um povo inteiro, o Ceará, que  
forma as cohortes abolicionistas, e marcha  
para a conquista de uma patria livre!*

*A <<Libertadora>> ganhou a batalha  
imorredoura da redempção da provincia.*

*O Ceará ha de erguer gloriosamente  
o pendão da victoria na grande  
campanha da libertação do Brazil.*

[...]

\* \*

\*

[...]

*A epopeia luminosa, que acaba de  
escrever-se no Ceará, deve ser a columna  
de fogo, que tem que guiar os novos  
romeiros do abolicionismos.*

[...]

\* \*

\*

*Hoje, fez-se a apotheóse dos vencedores.  
E' o epilogo sublime da obra  
ingente de nossa grandeza moral.  
Ahi estão confundidos com multidão,  
os valentes batalhadores da ideia triumphante!  
Abolicionistas brasileiros! aprendei  
com elles a energia heroica do sofrimento,  
da perseverança, e do sacrificio!  
Cearenses! corôae os vossos heroes!  
E, que as benções, e as alegrias do dia  
de hoje suavistem os agros das lutas,  
e o fél do calix de amarguras, que tantas  
vezes tragaram.*

*O mais compre á justiça da posteridade!<sup>97</sup>*

<sup>97</sup> **Constituição.** Fortaleza, Ano XXI, nº 33, 25 de março de 1884. “Data gloriosa”. p. 3.

Os discursos de Frederico Borges são exemplos concretos da exaltação abolicionista cearense, sob a glorificação conferida aos brancos na efetivação da “província livre”. Palavras constatadas na maioria dos relatos presentes nas edições especiais da imprensa, que buscaram carimbar na História, os atos dos “valentes batalhadores” em sua “philantropia humanitária”. Prática esta evidenciada nas folhas, marcada pela exclusão da presença negra cearense nos atos para a libertação de seu povo, em razão do dia 25 de março ser um data planejada para a comemoração e felicidade dos “vossos herois” sob “o heroísmo masculino na alma da mocidade” abolicionista, fazendo-se vista grossa para outros protagonismos tão importantes quanto os anunciados nos palanques públicos.

A associação da abolição ao discurso de bravura, sucesso e compaixão reflete o legado que os abolicionistas queriam atrelar a vossos nomes nesse processo histórico. João Cordeiro, também membro da *Sociedade Cearense Libertadora*, expressou seu discurso no *Libertador* afirmando que “a escravatura cearense evaporou-se nas chamas do patriotismo masculino do povo democrata, que prefere a pobreza à barbárie de ter seus irmãos no cativeiro!”. João Cordeiro, ainda reiterou: “aqui – no Ceará, não há mais senhores!”<sup>98</sup>, parafraseando o enfático grito dos jangadeiros ao proibirem o tráfico de escravizados no porto de Fortaleza, ao dizerem que “no Ceará não se embarcam mais escravos!”. E Cordeiro ainda prosseguiu afirmando que, a partir da ação dos seus, foi “aberta a primeira brecha, vencida a primeira batalha”, discurso que apagava novamente as resistências dos escravizados, através das fugas, da conquista limitada da autonomia a partir das leis ou da compra da própria liberdade através do acúmulo do pecúlio (SOBRINHO, 2020).

O “fim” da escravização era traduzido em benefício para a própria ala política executora, pois como relata Caxilé (2005), o *Libertador* referiu-se a liberdade “enquanto elemento principal para o desenvolvimento das letras, artes, indústria, lavoura, agricultura, e que tais desenvolvimentos somente poderiam ocorrer com o fim da escravidão” (CAXILÉ, 2005, p. 36). Esse discurso foi pautado, de acordo com Carlos Caxilé (2005), em uma tentativa de assemelhar-se a outras nações como a França e a Inglaterra, após os eventos abolicionistas no Ceará. Foi nessa levada que os abolicionistas visaram a abolição como o primeiro passo para uma evolução da província e não pouparam adjetivos ao declararem suas conquistas ao povo cearense.

Nessa perspectiva, os discursos escolhidos para apresentação nas gazetas não haviam sutilezas e tampouco modéstia. As edições especiais de 25 de março eram cobertas de certezas,

---

<sup>98</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “Está feita a primeira brecha”. p. 5.

convicções e exaltações aos abolicionistas e a seus méritos diante da abolição. Foi como disse Joaquim Barbosa Lima, no *Libertador*:

A consciencia do grande dever que cumpristes; as benções de 31 mil cidadãos, restituídos á liberdade; os applausos da humanidade e a historia que registrará vossos triumphos são a recompensa de todos os vossos sacrificios.

A religião, e a moral muito vos devem.

Sois os apóstolos, sucessores do immortal Visconde do Rio Branco, que já havia estatuido que o filho da escrava é livre.

Vós que não sois legisladores, mas sois apóstolos, pregastes - a liberdade, igualdade e fraternidade -.

Fisestes a mais bella, a mais santa das revoluções.

[...]

Fostes legisladores. Riscastes dos codigos criminal e civil as paginas negras e malditas.

Fostes patriotas. Os martyros cearenses semearão com seu sangue vilmente derramado, a liberdade politica: vós gloriosamente - sem effusão do sangue – fundastes a liberdade cirvil.

[...]

Vós – sem o poder civil, - inspirados no mais sancto patriotismo e nos sentimentos de caridade, conseguistes convencer aos habitantes desta heroica provincia que é vil o povo que tem escravos; e o povo ouviu os apóstolos da liberdade, e immortalizou-se.

[...]

Ahi estão as escholas que o patriotismo cearense creou – a instruir aquelle povo que veio das trevas.

E amanhã serão obreiros do progresso esses nossos irmãos, que vão habilitar-se para gosar connosco de todas as regalias sociaes no banquete da civilização.

[...]

Victoria, Libertadores!

Viva o dia 25 de Março!<sup>99</sup> (Grifo meu)

As frases pontuais de Joaquim Barbosa Lima demonstraram o retrato fiel da mensagem reverberada no *Libertador* ao evento da emancipação da província. A convicta honraria pela manifestação aos esforços dos abolicionistas se converteu em uma projeção não eficaz, ao equiparar a liberdade promovida pela *Libertadora* como uma ruptura imediata do sistema escravista, fazendo-se acreditar na ideia de uma cidadania plena para o ex-cativo ao “habilitar-se para gosar connosco de todas as regalias sociaes no banquete da civilização”. Suas boas intenções não foram regidas na mesma intensidade que as do pioneirismo para a abolição, que talvez a única tentativa foi ter concebido a disseminação da ideia de fim completo da escravização pelos atos de “caridade” da “mais santa das revoluções” encontrados nos escritos espalhados na província. A santa missão evidenciada por Joaquim Barbosa Lima fez “instruir aquelle povo que veio das trevas” tanto que a “religião e a moral tanto vos devem”.

Na *Gazeta do Norte*, João Brígido dos Santos também assume o papel de entusiasta da abolição, com frases audaciosas como a ideia de completa extinção do cativo na província e até mesmo a romantização sobre a saída do cativo da senzala:

<sup>99</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “A Cearense Libertadora”. p. 2.



Toda imprensa do Ceará toma parte nas festas de hoje, rendendo graças pela completa extinção do cativo na província; acontecimento, que pela sua grandeza ha de perpetuar-se na historia do paiz, e vem a ser tanto mais glorioso quanto procede de uma resolução firme e inabalavel da população.

[...]

A revolução, que vem de operar-se, não custou uma só lágrima! A violência e o roubo, que se tinham perpetuado, terminaram por uma benção do senhor ao escravo, que deixa o lar domestico, como filho que sabe ganhar a vida!

Foi um exemplo de humanidade sublime e edificante, que absolve o Ceará do peccado, que lhe veio na herança paterna<sup>100</sup>. (Grifo meu)

[...]

João Brígido, ao mesmo tempo que exalta a abolição no Ceará, acontecimento este, que “pela sua grandeza ha de perpetuar-se na historia do paiz”, suaviza a ação dos escravizadores ao transportar em sua fala um sentimento de “gratidão” que o escravizado teria ao deixar “o lar domestico, como filho que sabe ganhar a vida”. Esse apaziguamento, refere-se a um “exemplo de humanidade sublime e edificante”, que o autor quer expor ao romantizar a relação exploratória e desumana do cativo, dando a entender que o escravizado estaria indo embora, mas com saudade do que viveu. Seria essa, como define Genovese (1988), a construção do paternalismo, uma tentativa de humanizar as relações entre senhor e escravizado, uma vez que surgiu “da necessidade de disciplinar e justificar, moralmente, um sistema de exploração. Estimulava a bondade e a afeição, mas também, simultaneamente, a crueldade e o ódio” (GENOVESE, 1988, p. 22).

Sobre as relações paternalistas e a incessante pressão dos abolicionistas pela liberdade dos escravizados cristalizaram as cartas de alforrias cedidas pelos proprietários como ato de bondade, revertendo a imagem negativa dos escravizadores.

Essas formas de alforriamento, que foi em maior número nos últimos quatro anos de escravidão no Ceará, se por um lado garantiu ao escravo a condição de libertando e de livre, o que para ele seria bastante significativo, por outro lado dava ao senhor a garantia de não perder a sua “peça”. Assim, dá-se a liberdade, mas se mantêm o controle e o sentido de propriedade sobre o indivíduo. Fortalecem as relações de clientelismo e as práticas de controle social, um dado fundamental naquele contexto. Outro fato é certo: a observação de fontes como aquelas oriundas do tribunal de apelação mostra que a interpretação das leis, que já privilegiavam os ex-senhores, se fazia na quase totalidade dos casos no sentido do interesse do (ex)-senhor, conferindo ao direito de propriedade força maior. (RIBARD; FUNES, 2020, p. 26).

Em face ao exposto, completando a tríade de jornais, temos o *Constituição* para cumprir a sequência de discursos sobre as encorpadas edições do 25 de março. Antonio Pinto de

<sup>100</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 25 de março de 1884. “Gazeta do Norte”. p. 2

Mendonça, colaborador da referida folha, agradeceu os eventos da abolição pelo sentimento de “sofrimento e da pobreza”:

[...]

Que bello exemplo! que illustre fama, que o tempo não pode acabar! Os cearenses fizeram da realização de uma grande idéia e de um preceito humanitario a glorificação de seus próprios infortúnios. E' que o martyrio tem seducções invenciveis; como o sangue, que fecunda as crenças, projeta uma luz encantadora, que fascina a arrebatada os corações.

O Ceará redimido pelo soffrimento é a prova de que a pobreza não é uma infelicidade, mas uma realeza que tem seus dias de culto e veneração, uma magestade sem estrepito e sem orgulho, que se impõe pelo patriotismo e a virtude.

[...]

Honra ao Ceará, honra á magestade do soffrimento e da pobreza, cuja soberania nos fez todos irmãos sem outra diferença que a distincção dos talentos e virtudes<sup>101</sup>. (Grifo meu)

O discurso de Antonio Pinto de Mendonça pode até ser considerado esdrúxulo ao que se refere às expectativas sobre os acontecimentos sociais sobre o “fim da escravização”. Não em seu sentido positivo, mas ao pontuar o “sofrimento e a pobreza” diante condições do escravizado ao ato da abolição, ele não imaginaria que isso se perpetuaria ao longo da história cearense, justamente pela não inclusão de negras e negros às condições da cidadania, contrariando suas convicções que faria “todos irmãos sem outra diferença”. Nesse sentido, Paulo Rogério Gomes (2009) explicita muito bem essas condições, uma vez que:

[...] Porém, aludidas leis não tiveram eficácia no que se diz respeito à melhoria de vida vida negra/afrodescendente e/ou à correção das distorções das leis que o parlamento aprovou, como a Lei de Terras, que impedia o negro/afrodescendente de ter acesso à educação e à propriedade rural, única forma de ascender socialmente. (GOMES, 2004, p. 201).

Diante dessa realidade, foi nesse sentimento de “irmandade”, que prosseguiram os discursos especiais. “O Ceará é livre! Seus filhos são todos irmãos! Um sorriso de jubilo paira hoje em todos os labios. Não há um coração que não esteja a romper-se d’entusiasmo perante o facto grandioso que se realiza entre nós”<sup>102</sup>. Os versos contemplativos de Francisca Clotilde Barbosa Lima<sup>103</sup> no *Gazeta do Norte*, são um dos poucos citados por mulheres nas edições

<sup>101</sup> **Constituição.** Fortaleza, Ano XXI, nº 33, 25 de março de 1884. “O Ceará Livre”. p. 1.

<sup>102</sup> **Gazeta do Norte,** Fortaleza, Ano IV, nº 64, 25 de março de 1884. “Victoria!”. p.2.

<sup>103</sup> “Francisca Clotilde Barbosa Lima nasceu em 19 de outubro de 1862, na fazenda São Lourenço, em São João do Príncipe (atual cidade de Tauá), no sertão dos Inhamuns. É filha de João Correia Lima e de Ana Maria Castello Branco, casal de abastança financeira. Do sertão dos Inhamuns, a família se mudou para o Maciço do Baturité, nos anos 70 do século XIX, devido às grandes secas no Ceará. Realizou seus estudos iniciais com a professora Ursulina Furtado, no Maciço de Baturité. Na juventude (1877 a 1880), foi estudar em Fortaleza, no Colégio Imaculada Conceição, onde se fazia notar pelo seu espírito lúcido e suas inclinações poéticas: aos 15 anos, teve seu primeiro poema publicado na Imprensa (Horas de Delírio, O Cearense, 1877). [...] Em 1882, Francisca Clotilde solicitou o

analisadas de 25 de março de 1884. Fato que evidencia o apagamento historiográfico e documental sobre a participação das mulheres no cenário político e em outros espaços importantes da esfera pública, dominados em sua grande maioria por homens letrados. Clotilde, com sua vasta experiência na área da educação e simpática aos movimentos abolicionistas, também esteve presente no *Libertador* e de forma criativa trouxe “o Ceará é livre” em forma de acróstico, escrito dedicado “aos libertadores”:

**AOS LIBERTADORES.**<sup>104</sup>

**O** fim é este! Ousados paladinos  
**C** hegastes ao Thabor cheios de gloria,  
**E** a fronte ides alçar ao som dos hymnos  
**A** os canticos festivos da victoria!  
**R** esôe o brado augusto na amplidão:  
**A** qui hojese estreita um povo irmão!  
**E** livre o Ceará, reina a igualdade:  
**L** ivres somos! Triumpho a nobre idéia!  
**I** mmensa se levanta a liberdade  
**V** encendo aos belos cantos da epopeia!  
**R** ompe as brumas de céu loura alvorada  
**E** a aurora de Deus, surge abrasada!

Além de Clotilde Lima, houve também a presença das *Libertadoras Paraenses* que congratularam a província cearense pela honraria da abolição. Foram elas: Felisbella Aurelia de Paula Ribeiro, Catharina Innocencia Santos Lopes, Felicidade Perpetua de M. Espinosa, Maria Virgínia de Paula Ribeiro e Antonia Amelia de Paula Ribeiro, diretamente da sala de sessões da *Libertadora Visconde do Rio Branco* no Pará. Ao escreverem para Frederico Borges, evidenciaram seus sentimentos perante o ato da liberdade, “desejando esta novel Sociedade organizada pela <<28 de setembro>> significar quanto adere ás humanitarias idéias cuja apotheose se fará no dia 25 do corrente n’essa heroica provincia – Ceará”. E prosseguem:

---

Exame de Capacidade, para ser professora e, após ser aprovada, foi nomeada interinamente para a 2ª cadeira do sexo feminino de Fortaleza (professora das primeiras letras - ensino público primário). No ano de 1884, inscreveu-se para o concurso de provimento efetivo para as cadeiras do ensino primário superior (2 vagas foram disponibilizadas) anexas à Escola Normal (inaugurada em 22 de março de 1884). [...] Assim, em 27 de junho do mesmo ano, foi nomeada professora para a cadeira feminina superior anexa à Escola Normal; portaria assinada pelo Presidente da Província, Antonio Pinto Nogueira Accioly. Dessa forma, passou a ser a primeira mulher a lecionar na Escola Normal” (ROCHA, 2018, p. 289-290). Participou da campanha abolicionista e foi defensora da emancipação feminina, expressos em sua obra mais famosa *A Divorciada* publicada em 1902.

<sup>104</sup> **Libertador**, Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “Aos libertadores”. p. 3.

A Sociedade Libertadora <<Visconde do Rio Branco>>, que partilha dos sentimentos generosos dos heróis dessa pugna incruenta que de coração se associa com o povo cearense no justo jubilo de que se acha possuído, senteria profundamente se deixasse de fazer ouvir sua espontânea adesão nos actos solemnes, da proclamação da Liberdade geral de toda provincia. Será para nós motivo profundo gratidão, se merecermos a honra de ser aceita por V. S.<sup>a</sup> esta incumbência de nosso ao seu reconhecido patriotismo<sup>105</sup>.

Assim como as *Libertadoras Paraenses*, outras agremiações de fora do Ceará também prestaram suas homenagens a província, ao exemplo do *Club Abolicionista Rio-Grandense*<sup>106</sup> e a *Sociedade Maçônica 24 de Junho*<sup>107</sup> de Mossoró. Ambos no *Libertador* com seus versos escritos em forma de rima, como os demais exaltaram os abolicionistas cearenses e as suas lutas pela “nova Redempção”.

A “nova Redempção” cearense, já exportada para as outras províncias, significou o êxito da promoção das *Libertadoras* em fazer do Ceará - a partir dos “seus esforços” políticos - o pioneiro na abolição de seu povo escravizado. Deram ênfase na autocelebração redencionista, que alcançou os ouvidos do império e o Ceará, “terra da luz”, tornou-se o caminho para o paraíso. No entanto, como afirmam Ribard e Funes (2020) esse processo foi incompleto ou limitado, ao que de fato se propusera.

A abolição da escravatura no Ceará é um dos marcos fundadores de sua história e talvez o último grande feito de seus “heróis”, cantado em verso e prosa. Presença incondicional na historiografia cearense, o processo abolicionista — não só no Ceará — permite ao cativo recuperar a sua liberdade, ser homem livre; mas vem acompanhado de uma série de medidas controladoras, que colocam esse indivíduo no seu (in)devido lugar, fechando todas as possibilidades de uma ascensão social e de direito à cidadania. Colocado à margem da sociedade, reforça, assim, o distanciamento social, político e econômico entre a população negra (*morena*) e branca (*galega*). Termos que fazem refletir sobre a construção de uma ideologia racista, que faz desaparecer do processo histórico outras etnias, como negros e indígenas, e outras histórias, levando-nos a indagar sobre o papel social desempenhado por outros atores nessa história: os livres pobres, brancos ou não, bem como os libertos, negros, mestiços e indígenas. (RIBARD; FUNES, 2020, p. 27-28)

Dessa forma, ainda na exaltação do protagonismo cearense, o *Gazeta do Norte* trouxe João Lopes reforçando que a “eliminação do escravo na terra de José d’Alencar é um acontecimento tão grande em sua manifestação pura e simples, quanto complexo em suas ultteriores consequências”. Posto isso, ainda continua mostrando seu sentimento ao escrever que “a escravidão amanheceu hoje no derradeiro paroxismo”, pois “já não é preciso que os abolicionistas lutem para mata-la; é bastante que se preparem para cumprir um preceito de

<sup>105</sup> **Constituição.** Fortaleza, Ano XXI, nº 33, 25 de março de 1884. “Libertadoras Paraenses”. p. 4.

<sup>106</sup> **Libertador.** Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “O Rio-Grande do Norte ao Ceará. Ave, Redemptor!”. p. 4.

<sup>107</sup> **Libertador.** Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “Consummatum est! Ao Ceará livre!”. p. 4.

higiene social, sepultando-a”<sup>108</sup>. Com esse sentimento, pairado na cabeça dos redatores dos periódicos, perpassou à população a sensação de dever cumprido por meio da benfeitoria dos abolicionistas, distribuídas em massa nos veículos informativos por todo o Ceará. Sentimento este bem inspirado por Rodolfo Teófilo no *Libertador* a nos dizer que “tudo foi vencido! passou a tempestade! Senzalas e grilhões trocou a Liberdade, por flores, rizo e paz”<sup>109</sup>. E como vento, se espalhou pelo Brasil inteiro.

### 3.2 Festival abolicionista: os dias 25 a 29 de março

Nos próximos dias do corrente ano, o Festival Abolicionista do Ceará chegou ao seu auge. Com enorme projeção, os feitos para a chegada do 25 de março culminaram em celebrações simultâneas em Fortaleza, no Rio de Janeiro, em Londres e Paris que denotaram a intrincada teia de relações, local, nacional e internacional (ALONSO, 2015). A autora também enfatiza que “de teatro em teatro, de porto a porto, de Acarape a Paris, os abolicionistas granjeavam auréola de incansáveis e onipresentes [...]” (p. 229-230). Por esse motivo, a espetacularização da data carimbava os esforços destes senhores para a consagração do seu ápice político e social.

Em vista disso, a festa da abolição cearense surgiu como algo grandioso, positivo e indiscutível como apresenta Guy Debord (2003) em suas definições de espetáculo. Para o autor, esta categoria possui uma mensagem direta: “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 2003, p. 17). Na medida em que a atitude exigida a princípio é a aceitação passiva que, na verdade, já se foi obtida pelo seu monólogo da aparência. É o que chamamos de aceitação coletiva amparada pelas circunstâncias sociais do *ser* e pela ornamentação do que se *ver*.

Desta forma, os enredos abolicionistas percorreram os dias 25 a 29 de março e circularam documentados em colunas especiais da imprensa, em especial a do *Libertador* e do *Gazeta do Norte*, onde trouxeram detalhes eminentes do Festival Abolicionista. Portanto, realizados nos mais emblemáticos pontos turísticos de Fortaleza, a programação das festividades prosseguiu pelo “dia da abolição no Ceará”; com o *Te-Déum* na Catedral São José, com a “Sessão Literária” da classe caixeiral; na “visita a Cadeia Pública de Fortaleza”; na

<sup>108</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 25 de março de 1884. “Gazeta do Norte”. p.2.

<sup>109</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “À Cearense Libertadora”. p. 3.

“grande marcha cívica”; também com “a marcha triunfal da jangada” e no “meeting popular”. Ou melhor dizendo, uma semana intensa.

### 3.2.1 O dia da abolição no Ceará

Brilhante, majestoso e soleníssimo foi o raiar da aurora que teve as comoções de um imenso alvoroço que agitou toda a população<sup>110</sup>. Nas palavras do *Libertador*, o dia já começava frenético ao som de 21 tiros que cruzavam o espaço ao norte da cidade, mas que nos ouvidos soavam como alvorada musical na “Fortaleza d’Assumpção”<sup>111</sup>. Era uma agitação febril e nervosa que dominava o povo cearense que parecia sacudido pela eletricidade<sup>112</sup>. Nestas últimas, as palavras do *Gazeta do Norte*, concretiza a demonstração de entusiasmo ao relatar que a capital estava tracejada de novas roupagens, arcos triunfais e dísticos comemorativos, na espera do aguardado pronunciamento oficial pelo fim da escravização.

A comoção pelo dia da abolição se transformava em festa acompanhada de musicalidade. A música da polícia fazia estrondar todos os seus instrumentos e delirava de contentamento ao povo que os acompanhavam<sup>113</sup>. Desde a 11:00h da manhã, o público dirigia-se ao pavilhão da Praça Senador Castro Carreira (hoje conhecida popularmente como Praça da Estação) com aclamações e exaltação aos libertadores cearenses. Local escolhido estrategicamente para realizar a solene sessão consagradora da redenção da província, por ser próximo do Palácio do Governo, do Paço Episcopal, da Estação Central da estrada de ferro de Baturité e a porta da redação do *Pedro II, Constituição, Gazeta do Norte, Libertador* e da *Sociedade Perseverança e Porvir*.

Em um dia de sol radiante, a população dos arredores de Fortaleza movimentou-se até o centro da cidade. Pelo caminho, era fácil notar a presença de flâmulas, bandeiras, estandartes e galhardetes que flutuavam em todas as partes, dando à cidade um “aspecto gracioso e bisarro das pompas festivas”.<sup>114</sup>

O cujo centro da Praça da Estação erguia-se, em forma circular, um grande barracão para a realização do momento solene. O anfiteatro, construído em espaço público, viu-se cercado por uma multidão de aproximadamente 4 mil pessoas com a chegada do meio-dia. Com a presença de um número elevado de senhoras e cavalheiros, que tomavam assento à direita e à

<sup>110</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Dia 25”. p. 2.

<sup>111</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Dia 25”. p. 2.

<sup>112</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 69, 04 de abril de 1884. “Festival abolicionista IV”. p.2.

<sup>113</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Dia 25”. p. 2.

<sup>114</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Dia 25”. p. 2.

esquerda da mesa principal, colocada sobre um estrado elevado ao som das bandas da 11ª Infantaria e da Polícia, como afirma o *Libertador*.

Os acentos principais do evento foram ocupados por pessoas da mais alta distinção, que fizeram suas entradas simultâneas ao som das notas musicais das bandas. Os senhores D. Luiz, arcebispo da Bahia, e D. Joaquim, bispo diocesano, formava a classe clerical dos acentos. Também tomaram lugar os representantes da imprensa, o chefe de polícia, o corpo consular e etc. À frente dos demais, estava Maria Thomazia, diretora geral das *Cearenses Libertadoras*, que trouxe uma legião de 58 senhoras que representavam os 58 municípios livres da província, vestidas de branco com uma faixa azul, gravado em caracteres dourados o nome das localidades emancipadas, que também seguravam ramagens típicas das lavouras de cada circunscrição municipal.

**Figura 14** - Praça Senador Castro Carreira, palco da Sessão Magna<sup>115</sup>



Aproximadamente às 12h15min, anunciou-se a chegada do presidente da província acompanhado de sua família, ao mesmo tempo em que subiram no ar girândolas de foguetes em diversos pontos da Praça Castro Carreira. Ao sentar ao centro da mesa, Sátiro Dias foi

<sup>115</sup> Foto colhida por Luciano Carneiro, década dos anos de 1930/Arquivo Assis Lima. “O Campo da Amélia que ficava defronte da Estação Central teve uma parte transformada em uma praça conhecida como “Praça da Estação”. Em 1882 chamaram-na de “Senador Carreira”. Aos 24 de maio de 1900 foi erguida a estátua do General Sampaio, e o local foi batizado de “Praça da Via Férrea”, pois a Rua da Cadeia teve o seu nome trocado para homenagear o General Sampaio, assim como a Rua do Patrocínio pelo dia 24 de maio. Na gestão do Prefeito Raimundo Girão, aos 31 de dezembro de 1932, fora assinado a lei nº 075 e a Praça da Estação ou Via Férrea, oficialmente passou a se chamar “Praça Castro Carreira”. Praça da Estação um campo histórico. Disponível em: <<https://assislima.com.br/2021/03/09/praca-da-estacao-um-campo-historico/>>. Acesso em: 29 de Abril de 2022.

recepcionado pelos presentes com muitos aplausos e com o povo em pé à espera de sua palavra. O *Gazeta do Norte* também nos informa que, a partir desse momento, foi reproduzido o hino patriótico da redenção da província, cantado por senhoras cearenses do grupo lírico italiano, que esteve presente a poucos dias na capital.

Extinta a última vibração das notas do festejado hino, ergueu-se Sátiro Dias e o silêncio restabeleceu para que o presidente da província iniciasse a Sessão Magna com o seu discurso da libertação. Em tons graves, o *Libertador* transcreve o discurso completo, sendo citadas aqui algumas partes consideráveis:

[...]

Pois bem: o sol de 25 de Março de 1884 ilumina a um tempo a grande data do juramento de nossa Carta Constitucional, e justifica as minhas esperanças glorificando o nome de brioso povo cearense.

[...]

Bem hajam os vossos esforços, cidadãos Cearenses! bem hajam os cruzados da redenção dos captivos! Bem hajam os sanctos louros que vos engrinaldam a frente nesta hora abençoada pela philosophia christan, e glorificada pelos applausos do seculo!

[...]

Representante de um governo, que respeitou sempre a vossa obra, e estima a vossa gloria, eu vos trago uma palavra de congratulação em honra do primeiro cidadão e melhor amigo do paiz, de Sua Magestade e o Imperador, que animou a vossa coragem enviando uma perola do seu diadema ao sol do Acarape.

[...]

Quando amanhan, ao sopro ardente das virações no norte, que queima como fogo os vossos campos, ou ao som festivo das chuvas do ceu, que fertilisam as vossas varzeas, ouvirdes o sertanejo entoar a sua canção monotona e saudosa, a guiar o seu rebanho, ou curva-se sobre o nobre instrumento de trabalho, não hajás medo de dizer-lhe: levanta a frente, irmão, e enxuga o teu suor; canta desassombrado, e sabe que de hoje em diante és homem; tens o direito de sentir e de pensar.

#### O escravo nem podia sentir...

Quando em vossas fecundas serras, por entre os laranjaes em flôr passarem as virgens esbeltas como a corça, e travesas como a borboleta de Maio, podereis dizer-lhes: - Vinde donzellas, é também para vós a corôa de flores de laranjeira: tendes o direito de amar, de ser esposas e mães.

#### Antes era o abysmo da perdição...

Quando, em fim, ouvirdes, por entre os vossos cafesaes cheirosos essas risadas argentinas, que os anjos ensinam ás crianças, chamae-as a vós, como o Christo, e dizei-lhes: - ride, meninos, ride! Sereis jovens e homens, amareis livremente a escolha de vossa alma, e tereis uma familia!

#### Antes nem a innocencia podia bem, conhecer os carinhos e affectos maternas...

Eis aqui, senhores, os deliciosos frutos da vossa obra grandiosa.

Que hei de dizer-vos mais? Uma só palavra, mas a grande palavra da redempção.

Levanto-me para pronuncia-la, e convido-vos a ouvi-la de pé.

[...]



Ave, libertas!

Em homenagem á razão e ao direito, aos grandes principios da civilização e da humanidade, para honra do reinado do Sr. D. Pedro II, e para gloria immortal do povo cearense, em nome e pela vontade deste mesmo povo, proclamo ao paiz e ao mundo:

-

A provincia do Ceará mão possúe mais escravos!

Viva Sua Magestade o Imperador!

Viva a Constituição e a Liberdade!

Viva o glorioso dia 25 de Março!<sup>116</sup> (Grifo meu)

O discurso de Sátiro Dias nos aponta para questões importantes, quando o mesmo reconheceu as condições sub-humanas do escravizado, ao relatar que a vida destes não era usufruída de sentimentos; ou que as mulheres escravizadas eram consideradas o abismo da perdição; bem como as crianças negras não conheciam a inocência, muito menos o carinho e afeto maternal. Diante dessa realidade em cativeiro, em suas palavras, essa situação poderia mudar após a abolição, ou já teria mudado, ao referir tais situações vivenciadas pelos cativos juntamente com termo “antes”.

O *Libertador* acabou trazendo outros detalhes sobre a Sessão Magna, ao dizer que, muitas vezes, o presidente da província, em seu discurso, foi interrompido devido aos inúmeros aplausos durante sua fala, e que, por fim, acabou sendo ovacionado de pé pelos presentes na praça central. E neste momento “coube ao Sr. Carlos Monteiro e Souza, concessionario das linhas telefônicas do Pará, a honra e gloria de dar a vóz de fogo a bateria da Fortaleza de N. S. d’Assumpção, que immediatamente salvou com 21 tiros, annunciando a toda a Cidade e ao Oceano tão grande acontecimento”<sup>117</sup>. Com isso, imediatamente os telegrafistas das linhas submarina e terrestre comunicaram ao mundo sobre a abolição cearense, que nas palavras da folha da SCL foi uma ideia grandiosa, que até hoje consta na história do Brasil.

Após a fala de Sátiro Dias e alguns acontecimentos solenes, vieram, à tribuna, cidadãos da alta sociedade cearense para contribuírem neste evento com seus discursos. Eram falas elaboradas, carregadas de saudosismo e de poder simbólico sobre as narrativas que formalizaram a autoria da abolição. Davam-se os créditos pela emancipação do Ceará aos abolicionistas, bem como às autoridades provinciais em exercício no Ceará. Diante disso, seguimos então com a ordem dos discursos conferidos mediante a sequência da coluna especial, “Acontecimento sem igual” da Sessão Magna disponível no *Libertador*:

<sup>116</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 01 de abril de 1884. “Discurso”. p. 3.

<sup>117</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Sessão Magna”. p. 2.

**Tabela 2** - Ordem dos discursos da Sessão Magna da abolição do Ceará <sup>118</sup>

Ordem	Orador(a)	Encargo	Discurso
1º	Sátiro de Oliveira Dias	Presidente da Província do Ceará	Proclamou o fim da escravização no Ceará.
2º	Antônio Dias Martins Junior	Representante da <i>Sociedade Perseverança e Porvir</i>	“Foi conciso e extremamente feliz ao apresentar sua mensagem sendo amplamente aplaudido”.
3º	Justiniano de Serpa	Representante da <i>Sociedade Cearense Libertadora</i>	“Declarou de si todas as honras e glórias, e atirou sobre o povo cearense as palmas e os louros da victoria, compromettendo-se não descansar enquanto o Brazil fosse um paiz de escravos!”.
4º	Frederico Borges	Representante da <i>Sociedade Cearense Libertadora</i> e da <i>Sociedade Visconde do Rio Branco</i>	“Fazendo um panegyco da mulher na santa cruzada da redempção dos cativos, entregou ao Exmº Bispo diocesano, em nome da illustre cearense Maria Amelia de Souza, uma caneta e penna de ouro, com que devia ser escripta a acta d’aquella solemidade memoravel”.
5º	Maria Tomásia Figueira Lima	Representante da sociedade das <i>Cearenses Libertadoras</i>	“Em phrase singela e angelical tocou todos os corações, derramando em todas as almas os effluvios ardentes de seu entusiasmo e dedicação á causa sacrosanta dos captivos”.
6º	Gonçalo de Lagos	Representante da imprensa	“Representando as redações da Constituição, Diario de Noticias e Província do Pará, jornais d’aquella nobre provincia, que associavam-se fraternalmente as nossas glórias”.
7º	Ernesto Lassance	Engenheiro e chefe de obras da estrada de ferro de Baturité	“Como filho e representante da provincia do Rio de Janeiro em tão grandioso festim abolicionista, o orador proferiu um notável discurso, mostrando a excellencia do trabalho livre”.
8º	Guilherme Studart	Representante do corpo consular	“Em nome do governo, que representava, e nos de seus dignos companheiros, congratulou-se com a provincia pela extincção do elemento servil no sólo cearense”.
9º	Manoel Bezerra de Albuquerque	Presidente da Libertadora Militar e representante de seus denodados companheiros de exílio do 15º Batalhão da Infantaria	“Affirmou que seus interpostos companheiros d’armas, de longe, compartilhavam as alegrias do triumpho, e continuavam a ser os mesmos soldados inquebrantaveis da redempção”.
10º	João Brígido dos Santos	Leu uma carta em nome das redações do <i>Diario do Gram-Pará</i> e do <i>Diario de Belem</i>	“Veiu em seguida á tribuna o major, que leu uma brilhante mensagem”.

<sup>118</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 65, 02 de abril de 1884. “Sessão Magna”. p. 2-3.

11º	José Mariano da Costa Nunes	Representante da Loja Igualdade	“Proferiu um breve e expressivo discurso”.
12º	Confúcio Pamplona	Representante da <i>Sociedade Reform Club</i>	“O digno moço expressou em phrases entusiasticas todos os sentimentos de congratulação a felicitação da illustre associação, de que é membro”.
13º	Almino Álvares Afonso	Representante do <i>Club Abolicionista Rio Grande do Norte</i> e mais oito associações	“Como sempre, o illustre orador, esteve admirável, reproduzindo em vivas e inspiradas cores os diferentes quadros do movimento libertador”.
14º	Padre Góes	Sacerdote da província da Bahia	“O moço sacerdote regosijou-se por poder levar á sua provincia a noticia de tão esplendido acontecimento, de que teve a felicidade de ser testemunha”.
15º	Antonio Bezerra de Menezes	Representante da <i>Sociedade Cearense Libertadora</i>	“Alma de poeta, e verdadeiro bardo das campanhas abolicionistas, elle recitou uma poesia lindissima, canto mimoso do soldado apoz as glorias da victoria”.
16º	Antonio Pinto Nogueira Accioly	Deputado cearense	“O distincto orador, valente defensor do nome cearense no parlamento no parlamento, sentiu-se dominado de inexprimivel contentamento ao assistir aquelle grandioso expectaculo, resultado do civismo do povo heróe”.
17º	Souza Mello	Poeta	“Coração sempre aberto ás grandes causas, Souza Mello brindou a festa da liberdade com uma bella producção poética”.
18º	João Lopes Filho	Representante da <i>Abolicionista Cearense da Corte</i>	“O orador, inspirando-se nos grandes actos de patriotismo d’essa distincta associação, saudou o Ceará no dia de seu esplendido triumpho”.
19º	Francisca Clotilde Barbosa Lima	Educadora, escritora e jornalista cearense	“Que em versos lindos e entusiasticos cantou o brilhante feito, que immortalisava o Ceará”.
20º	D. Angela	Professora de Arronches (atual bairro da Parangaba em Fortaleza-CE)	Sem detalhes sobre o discurso.
21º	Antonieta Gurgel	Representante do município de Messejana (atual distrito da capital Fortaleza-CE)	Sem detalhes sobre o discurso.
22º	Amélia de Menezes	Representante do Colégio de Santa Cecília	Sem detalhes sobre o discurso.
23º	Joaquim Fabrício	Representante da <i>Sociedade 19 de Outubro</i>	“Pronunciaram bem elaborados”.
24º	Oliveira Paiva	Representante da <i>Sociedade Propagadora do Ensino Popular</i>	“Pronunciaram bem elaborados”.
25º	Delphim Junior	Representante da <i>Sociedade Mutualidade</i>	“Pronunciaram bem elaborados”.
26º	Raimundo Teodorico	Representante da <i>Sociedade Club dos Libertos</i>	“Pronunciaram bem elaborados”.

27º	João e Antonio Alencar	Duas crianças	“Duas innocentes e galantes creanças, recitaram com toda graça e garbo duas mimosas poesias. Dirse-hia a innocencia e a pureza d’aquellas almas de cherubins, corôando aquella sublime festividade!”.
-----	------------------------	---------------	---

Diante do exposto, o *Gazeta do Norte* nos recorda sobre tais discursos ao trazer indagações sobre as eventuais narrativas arguidas pelos inscritos à tribuna. A folha ressaltou que “quem não vio o patriotismo ardente nos labios de A. Martins? As explosões na eloquencia de Antonio Bezerra? O talento e o alticismo na palavra de João Brígido? O civismo na elocussão de Justiniano de Serpa e Frederico?”. Não cansada de exaltar este momento conferido pelo público, a folha liberal continua citando alguns agentes desse momento e prossegue: “A abundancia e a colera civica no verbo de Almino? A invectiva energica na eloquencia de Antonio Pinto? A dedicação na phrase de D. Maria Thomazia?”. E finaliza ao enfatizar sobre o cosmopolitismo na dicção de Gonçalo Lagos, a ciência na eloquência de Lassance e a verdade na fala de Studart. Esses, de acordo com a gazeta, foram alguns dos destaques referentes aos discursos realizados em alto e bom tom na Praça Castro Carreira, “que irradiaram os labios eloquentes da mocidade cearense”.<sup>119</sup>

Após a conclusão dos discursos e poesias dos oradores inscritos - carregados de aplausos e entusiasmo por parte dos ouvintes - o presidente da província levantou-se e deu por concluída mais uma etapa do momento solene. Ao saudar o povo cearense, a província do Ceará, aos heróis libertadores e ao Imperador do Brasil, Sátiro Dias ordenou as duas bandas musicais a darem início ao hino nacional, que, de acordo com o *Libertador*, prosseguiu entre salvas de palmas e estrepitosas aclamações da imensa multidão. E, por volta das 15h30min, concluem a Sessão Magna da Abolição do Ceará.

Os espíritos e os corações voltaram-se para o céu, era o guia para a falange libertadora seguir até a Catedral da Fortaleza da Assunção, protetora dos combates e palco para o hasteamento da bandeira gloriosa da abolição. Com essas palavras, o *Libertador* acabou de definir o próximo passo, como descrito na programação do Festival Abolicionista. Dessa vez, dava-se início ao *Te-Déum*.

### 3.2.2 Na catedral de São José, *Te-Déum laudamos!*

<sup>119</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 69, 04 de abril de 1884. “Festival abolicionista IV”. p.2.

Com o entardecer do dia, por volta das 17:00h, a alta sociedade cristã do Ceará se dirigiu à catedral de São José, em Fortaleza, a fim de dar prosseguimento às comemorações referentes ao dia 25 de março. Neste momento, “repleto o templo do Senhor, invocado em divinas harminias o Espírito do Senhor subiu á tribuna sagrada, o nosso consocio o ilustrador Padre Frota, com a lucidez de suas demonstrações e energia de sua mascula eloquencia, estygmaticizou o monstro do escravismo”<sup>120</sup>. Era o início de uma ritualística cristã que evocava graças à província do Ceará pelo ato da abolição.

**Figura 15** - Catedral de São José no roteiro da abolição<sup>121</sup>



O termo *Te-Déum laudamos* vem do latim, que em tradução livre significa “a ti, ó Deus, louvamos”. Conta a tradição cristã que a expressão foi utilizada primeiramente por Santo Agostinho e pelo bispo Ambrósio, na catedral de Milão na Itália, repetidas vezes ao entoarem

<sup>120</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 66, 03 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual III – Dia 25 – Té-Deum”. p. 2.

<sup>121</sup> “A construção da primeira capela mor de Fortaleza foi decidida em fevereiro de 1699, mas a autorização só ocorreu por Ordem Régia de 12 de fevereiro de 1746. Concluída em 1795, a igreja foi demolida em 1820, quando foi vistoriada e encontrada diversas rachaduras no arco, ficando resolvida sua demolição para a construção de um novo templo. As peças sacras foram transferidas para a Igreja do Rosário, e só retornariam no dia da bênção da nova matriz, no dia 2 de abril de 1854, que recebeu o nome de Igreja de São José. A Igreja foi elevada à Catedral quando houve o desmembramento da Diocese de Pernambuco e foi criada a do Ceará. Em 1938 novamente sob a alegação de que estava prestes a ruir, esta também foi demolida e a pedra fundamental da atual catedral foi lançada em 15 de agosto de 1939, à época do arcebispado de Dom Manuel da Silva Gomes. A construção da nova catedral demorou mais do que o esperado, em razão das grandes secas, cujo socorro aos flagelados era sempre prioridade e denominava grande volume de recursos. Finalmente foi inaugurada no dia 22 de dezembro de 1978, tendo o padre Tito Guedes à frente de suas obras e como Arcebispo Metropolitano, Dom Aloísio Lorscheider”. As igrejas mais antigas de Fortaleza. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2016/06/as-igrejas-mais-antigas-de-fortaleza.html>>. Acesso em: 28 de Abril de 2022.

o evangelho religioso em forma de cântico. Desde então, “até o presente, tem sido este o cântico com que a Igreja dá graças ao Redemptor do mundo pelos benefícios de sua divina liberdade”. Por este motivo, no dia 25 de março, a igreja católica acaba adotando o *Te-Déum* como uma forma simbólica para expressarem “o fim da escravidão”, ao passo em que esta ação significaria “a mais digna da riqueza poética e musical da jubilação eucarística dos dois brilhantes astros do Christianismo”.<sup>122</sup>

Às 18:00h, quase noite em Fortaleza, via-se a catedral “revistida de galas, adornada de flores, os altares e os ministros ornamentados dos mais ricos paramentos”. Estes últimos, diáconos assistentes dos senhores prelados José Bemvindo de Vasconcellos e Vicente Macahiba, que também estiveram acompanhados da presença dos senhores Bellarmino, Ferrigno, Liberato, Menezes e pelos alunos do Seminário Teológico. Dessa forma, com altar composto, era hora de dar vez ao início das harmonias eclesiais. “Com a gravidade do canto gregoriano, o venerado pontífice diocesano entoou solenemente o divino cântico”:<sup>123</sup>

- *Te-Déum laudamos,*  
- *Te Dominium confitemur!*

Nós te louvamos,  
Excelso Senhor!  
Nós te enviamos  
Hymnos de amor!

No decorrer deste momento, houve de praxe a salva de 21 tiros acompanhados pela solta de fogos estrondosos para celebrar o momento espirituoso. Também, viu-se terminar com a mesma comoção o hino de ação de graças executado na catedral. O pontífice fez a benção aos presentes e da mesma forma “tomando, pois, em suas mãos o brilhante Ostensorio, abençoou o povo da terra da luz, fazendo o signal da cruz com a divina Eucharistia”. Diante disso, o *Libertador* em sua edição, frente a este momento de comoção, felicita Dom Joaquim José Vieira por ter realizado a nobilíssima intenção, que consignou em sua Pastoral, e reitera ao exprimir que “elle subiu ao alto da montanha do Senhor e offereceu-lhe as primícias da Liberdade com o precioso incenso da Terra Redimida”.<sup>124</sup>

Sob o azul do centro de Fortaleza, acentuou-se fulgurante a iluminação que adornava a cidade, contemplado pelos presentes, ao fim do evento cristão. Local onde a gazeta da SCL não

<sup>122</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 66, 03 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual III – Dia 25 – Té-Deum”. p. 2.

<sup>123</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 66, 03 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual III – Dia 25 – Té-Deum”. p. 2.

<sup>124</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 66, 03 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual III – Dia 25 – Té-Deum”. p. 2.

consegue dar mais detalhes sobre as características dos demais frequentadores deste episódio. Mas, de forma generalizadora, acabou definindo os frequentadores deste evento em “multidões” e “aglomerações”, dando a entender que havia presença massiva de pessoas a todo momento da programação, ou seja, um sucesso de público.

O jubilo publico transbordava: ninguem podia impor-lhe limites, nem traçar espaço a sua manifestação imponente, ruidosa e delirante d'enthusiasmo.

A festa era de todos, e cada um a celebrava de seu modo, sem destoar da harmonia geral, como as torrentes que se precipitavam e se engolfam na immensidade do Oceano.

Com a chegada da noite, os ânimos pareciam não terem fim. A folha abolicionista veio a destacar que o espetáculo universal das palmas e das flores, dos hinos e das aclamações, dava lugar para outras comemorações, desta vez sediadas no Teatro São Luiz<sup>125</sup>. “Em solemnização do dia imortal, o grupo lyrico do sympathico artista F. Scano, deu espetaculo, em grande gála, honrado com a presença do Exmo. Sr. Presidente da provincia e das duas comissões dos *Libertadores* e das *Libertadoras Cearenses*”. Digno de expansões populares concentradas internamente e no exterior do teatro mais importante da capital até então.

**Figura 16** - O espetáculo da abolição no Teatro São Luiz <sup>126</sup>



<sup>125</sup> “O Teatro São Luiz, de propriedade de Joaquim Feijó de Melo, tabelião público de Fortaleza, foi inaugurado em 1880, quando a cidade já contava com 35 mil habitantes. Lá se exibiram algumas companhias que se dirigiam a Belém e Manaus na época áurea da borracha. O Teatro São Luiz foi palco de inflamados discursos a favor da abolição, onde José do Patrocínio fez conferência; e local de uma homenagem a Carlos Gomes de passagem por Fortaleza que, do camarote presidencial, ouviu a ouverture do Guarani, por uma orquestra improvisada. Portanto, o São Luiz foi o teatro mais importante, antes da inauguração do teatro oficial, o José de Alencar”. (COSTA, 2013, p. 27).

<sup>126</sup> Antiga Rua da Misericórdia em frente ao Passeio Público, onde em 1877 funcionou o Teatro de Variedades, que logo após nos anos de 1880 a 1896 funcionou no mesmo local, o Teatro São Luiz / Foto do arquivo Nirez. Nos palcos de Fortaleza. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2014/10/nos-palcos-de-fortaleza.html>>. Acesso em: 29 de Abril de 2022.

A programação noturna ainda não havia cessado e as comemorações do dia 25 não houve uma pausa sequer. Da primeira até a última hora realizavam-se comemorações formais e informais, presentes e ou não no programa do Festival Abolicionista. Por volta da meia noite, o *Libertador* ainda noticia indícios festivos em locais públicos, como no Paço da Assembleia Provincial, com festejos ao som de “melodias ternissimas, transbordando em enchentes de poesia do lyrico salão, como as hárpas cólias nos salgueiros da Babylonia”<sup>127</sup>. Ainda é reiterado que este acontecimento foi de comoção geral e a chuva ruidosa de palmas parecia a tempestade que punha em revolução todos os elementos do mundo social.

O *Libertador* ainda enfatiza que não era o delírio que dominava o povo, mas um júbilo que tomava todas as expressões do entusiasmo. Por este reconhecimento, a folha, em sua coluna especial, agradeceu a imprensa local por tamanho compromisso com a cobertura dos eventos do Festival Abolicionista. Na medida em que “teve grande resultado nestas manifestações tão eloquentes, quão imponentes, a patriótica imprensa da capital”. Ao citar o *Pedro II*, o *Constituição*, o *Gazeta do Norte* e o próprio *Libertador*, a SCL congratulou estes pelas homenagens conferidas em forma de edição especial aos acontecimentos marcantes da consagração do Ceará como província abolida.

Bellos de patriotismo, fascinantes de amor e poesia, os seus brilhantes artigos fallaram ao coração da patria e vibraram todas as fibras da sentimentalidade humana.

Sob o generoso impulso que levou o jornalismo abolicionista a identificar-se com o regosijo publico, a *Perseverança e Porvir* e o *Instituto de Humanidades* davam novo realce aos esplendores da grande solenidade.

Crearam o jornal de occasião e depunham nas aras do civismo cearense as flores d’alma e as oblações da intelligencia.

Nada faltou á gloria do grandioso acontecimento que dava ao imperio brasileiro a primeira provincia livre.

Diante do reconhecimento de parceria por parte da imprensa, também, foi anunciado que a divulgação dos eventos possibilitou um reconhecimento maior do ato cearense, que “de todos os pontos mais importantes do Norte e do Sul afluíram telegramas de felicitação”. Por conseguinte, esta aclamação põe em destaque os abolicionistas cearenses como precursores da abolição no Brasil, “era o idolo do mesmo culto no Amazonas e no Pará, em Pernambuco e no Rio de Janeiro, e agitava sob a mesma comoção todas as estrellas da constellação do

<sup>127</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 05 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual IV – Dia 25”. p. 2.



Cruseiro”<sup>128</sup>. Sendo esta, a consolidação cearense no mapa do abolicionismo brasileiro, que tornou o dia 25 de março como a Data Magna do Ceará.

### 3.2.3 Sessão literária

O entusiasmo para as festividades se fortaleceu e, logo mais, no dia 26 surgiu na programação o evento de várias associações políticas e sociais. Neste caso, daremos destaque a Sessão Literária promovida pela classe caixeiral de Fortaleza. Desse modo, participando ativamente na arena política, o movimento caixeiral seguiu com maior força nos anos 1880, ganhando as ruas junto a outros movimentos, como republicanos e abolicionistas (POPINIGIS, 2016). Por essa questão, a autora cita que esses trabalhadores do comércio começaram a “se organizarem em torno dos direitos da categoria ao tempo livre e à instrução” (POPINIGIS, 2016, p. 660). Por esta causa, foi possível recapitular o convite feito pela classe abolicionista caixeiral para a construção de uma comitiva para a realização de um evento próprio nos festejos da abolição. No *Libertador* chegou a ver:

A directoria do Club Abolicionista Caixeiral convida a toda a classe caixeiral para uma reunião domingo 16 do corrente a 1 hora da tarde nos salões do Reform Club, cedido generosamente para esse fim.

Tratando-se do programma e attitude que se deve tomar nos festejos do dia 25 de Março corrente, pede-se com muita instancia o comparcimento de todos os moços do commercio, sem distincção de classe, e nacionalidade.

Ceará, 14 de Março de 1884.  
A *directoria*.<sup>129</sup>

O local do evento escolhido pela classe caixeiral foi a designada Praça do Palácio (hoje sendo a Praça General Tibúrcio, conhecida popularmente por Praça dos Leões), no centro de Fortaleza. Diante dessa informação, o *Libertador* indaga: “mas quem não conhece a lucta travada por essa turbamulta dos moços do commercio, para realisar festivaes solemnes em honra da Patria e da Liberdade? Foi assim que a Praça do Palacio apresentou um panorama tão agradável e admirativo!”<sup>130</sup>. A folha referiu-se a admirável decoração ornamentada no citado local à espera dos convidados para o evento literário.

A paramentação do evento chamou a atenção da imprensa e de todos que passavam pelos entornos da praça. Nela havia dezenove colunas, onde em cada uma estava a presença de

<sup>128</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 05 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual IV – Dia 25”. p. 2.

<sup>129</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 58, 14 de março de 1884. “Para 25 de março”. p. 3.

<sup>130</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 05 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual IV – Dia 26”. p. 2.

uma bandeira provincial do Brasil. Espalhadas por todo o espaço, as mesmas estavam ornamentadas com o nome de sua respectiva província e acompanhada de um pensamento dedicado ao povo cearense. Devido a este fato interessante, mostraremos aqui a ordem das bandeiras e as devidas considerações compartilhadas pelo *Libertador*:

**Tabela 3** - Ornamentação das bandeiras provinciais

Província	Bandeira	Mensagem
<b>Rio de Janeiro</b>		“Nobilita-se para a honra e vence pela razão”
<b>Mato Grosso</b>		“Ouve de muito longe o nosso hymno”
<b>Rio Grande do Sul</b>		“As tuas fronteiras são os alicerces da Liberdade”
<b>Paraná</b>		“Imita-nos, si queres marchar”
<b>Amazonas</b>		“Na tua corrente caudal deixa vogar a Liberdade”
<b>Bahia</b>		“A memoria do Rio Brancco seja o amuleto para a tua Liberdade”
<b>Espirito Santo</b>		“Rasga a túnica negra, ella te avilta”
<b>Sergipe</b>		“Fita-nos! O nosso brilho deslumbra-te!”
<b>Rio Grande do Norte</b>		“O decreto é nosso! Segue-nos!”
<b>Pará</b>		“Os factos são Decretos, depois de nós, tu!”
<b>Santa Catarina</b>		“Escravisar é matar a consciência!”

<b>Paraíba</b>		“O somno que dormes, mata-te a razão”
<b>Pernambuco</b>		“O teu heroísmo é grande! Marcha!”
<b>Minas Gerais</b>		“Es grande, mas pequena” Lava a nodôa que te mancha!”
<b>Goiás</b>		“Vence a distancia e vem aprender no livro do patriotismo”
<b>Piauí</b>		“O nosso choque abala-te! Caminha!”
<b>Maranhão</b>		“A tua indiferença é a desilusão de tua historia”
<b>São Paulo</b>		“A escravidão é um roubo!”
<b>Alagoas</b>		“Escreve na tua historia os nossos faustos!”

Com frases pontuais e decoração imponente, de acordo com o *Libertador*, este conjunto de “pensamentos formão uma das melhores faces dos desejos da classe caixeiral”. Na fala reproduzida pela folha da SCL, nesta ornamentação, foi possível perceber “um histórico ligeiro da evolução abolicionista de cada Provincia, formando um bello e simples incentivo, impulsionador talvez de um presente de trevas para um futuro de luz”. A justificativa sobre a escolha decorativa, veio como um “apelo a nobreza e altivez de nossas irmãs, que ainda achão irrezolvível esse problema humanitario que o Ceará acaba de propor”.<sup>131</sup>

O processo para o adornamento do espaço ainda prosseguiu com retratos do Visconde do Rio Branco e de Pedro Pereira como memórias sacrossantas “para os infelizes captivos, e para a patria”. Significando uma tentativa memorial e inconsciente na criação de um imaginário coletivo, que seguia com letreiros espalhados pela decoração, com nomes de agremiações e organizações políticas que se envolveram diretamente para a realização dos festejos. Também

<sup>131</sup> *Libertador*. Fortaleza, Ano IV, nº 67, 05 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual IV – Dia 26”. p. 2.

foram vistos os nomes de abolicionistas estampados em colunas do evento, bem como nomes de jornais e a lembrança de Dragão do Mar e dos jangadeiros.

O *Libertador* argumentou que cada nome, que se lia, indicava um lutador possante e decidido na cruzada civilizadora que engrandeceu a província. E para dar voz a estes agentes, ergueu-se na praça um vasto coreto, com sua frente sustentado por altas colunas e largas cortinas que emolduravam as entradas e a escadaria, porque ali, logo mais à noite, seria o lugar escolhido pela classe caixeiral do Ceará para a realização da sua Sessão Literária.

Eram 16 horas, quando tudo já se encontrava preparado na Praça do Palácio. Era um visual de multicores que aguardava a chegada da marcha cívica promovida pela classe caixeiral para antes do evento da Sessão Literária. Junto a uma comitiva de representantes da classe, havia também uma banda de música que acompanhava o desfile dos integrantes do movimento. Desse modo, via-se de longe uma aglomeração de pessoas que marchavam pelos arredores do centro de Fortaleza, caracterizado pela presença de estandartes nas cores “encarnado, branco e azul” com as iniciais do Grêmio Caixeiral.

**Figura 17** - Sessão Literária na Praça do Palácio<sup>132</sup>



Outros detalhes foram descritos pelo *Libertador*, que nos chamam atenção, como a presença na marcha de um carro coberto de flores entre ondulações de renda que conduzia o

<sup>132</sup> Praça ou Largo do Palácio em 1908 (hoje a conhecida Praça dos Leões) foi construída em 1877 em homenagem ao general cearense Tibúrcio, que participou da Guerra do Paraguai. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2009/10/praca-dos-leoes-ou-praca-general.html>>. Acesso em: 03 de Maio de 2022.

estandarte do Club Abolicionista Caixeiral levado por Maria da Conceição Pereira. Ainda no mesmo carro, sobre um fundo de veludo e cetim azul, estava pintado o aperto de duas mãos, uma branca e outra negra, de forma fraternal para a simbolização da união. Neste veículo, ainda conduzia Emília de Assunção Pereira, que levava um livro de veludo azul, onde se lia a seguinte frase bordada a ouro: “Classe Caixeiral Cearense – 25 de Março de 1884”.

Após este carro simbólico, em seguida acompanharam o desfile os paladinos da *Sociedade Beneficente Caixeiral*, que logo atrás chegaram os sócios da *Liberdade e Heroísmo* para complementar o bloco.

Outra alegoria se fazia presente, dessa vez, em outro carro acompanhado de cavalos brancos cobertos de rendas e fitas guiados a mão. Era um veículo coberto de cetim azul com “apinhamentos de escomilhas prateadas e multicores, serpeado de flores e machetado de lantejoulas deslumbrantes, que condensavam-se em flocos reverberantes de luz”. No mesmo automóvel, ainda via-se as escrituras das organizações da classe caixeiral, bem como, um escudo com o título “O Ceará Triunfante”.

Neste mesmo carro, tiveram outras performances peculiares, na qual três crianças vieram a representar o Ceará, o Brasil e a Escravidão. A representante do *Ceará* foi descrita como “a famosa Cecilia de 10 annos apenas, mas os olhos negros de ônix: os labios purpurinos e a face divinamente colorida davão-lhe a grandeza soberana da belleza moral desta Província. [...] em sua mão [...] tremulava um sol d’ouro esplendente”; a representante do *Brazil* era “a menina Luiza, 8 annos tão somente, mas de uma conformação de traços primitivos, puros e correctos. [...] Typo de indiana brasileira, a cabeça e collo se ornavão de pennas e na mão erguia o arco e as flechas das lutas vigorosas d’outrota”; o representante da *Escravidão* era “um menino negro com a trevosidade da instituição nefanda; cingido d’uma tanga azul, e tendo ainda nos pulsos, cadeias despedaçadas que tilintavam desassombradas”<sup>133</sup>. Para o *Libertador* essa trindade de alegorias tinha a propriedade significativa e impunha-se pelo domínio da razão e da grandeza das intenções que representava.

Depois do denominado “carro triumphal”, seguiram dezenove mulheres, uma atrás da outra, segurando uma bandeira de cetim azul, rendilhada de prata, tendo em caracteres dourados o nome das dezenove províncias do Brasil. “Elegantes e belas trajavam de branco e sobrepunham ao niveo *toilette* uma facha de azul celeste”<sup>134</sup>, disse o *Libertador*. Assim, formaliza esse momento ressaltando que em marcha cadenciosa as damas pareciam representar o advento das províncias brasileiras no congresso da liberdade, para onde as convocava o Ceará

<sup>133</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 68, 07 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual V – Dia 26”. p. 2.

<sup>134</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 69, 08 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VI – Dia 26”. p. 2.

em triunfo. Após esta ala, vieram os jovens do comércio, toda a corporação caixeiral, a companhia dos marinheiros e a multidão que afluía em ondas a solenidade.

Com a entrada da marcha na Praça do Palácio, a comitiva foi recebida pela *Sociedade Cearense Libertadora*, que logo foi possível avistar o “carro triumphal” estacionar sob o arco montado ao som de uma banda musical que tocava o hino da *Libertadora*. A folha da SCL descreve que durante o percurso da marcha via-se um tapete de confetes pelas ruas e das janelas das casas se via uma chuva de flores e palmas para os participantes da jornada alegórica.

Chegava-se às 19:00h, quando todos que, caminhavam pela marcha cívica, voltavam finalmente ao ponto de partida. Esta foi a introdução para o que seria o momento da Sessão Literária organizada pela classe caixeiral do Ceará. Nas palavras do *Libertador* a “multidão tumultuava como o mar nos dias de tormenta”, acompanhada de numerosas lanternas venezianas dispostas em várias direções formando “um labirinto caprichoso e intrincado”<sup>135</sup>. Depois deste momento, viu-se a grande maioria silenciar-se para a execução do hino nacional.

O pronunciamento do presidente da província veio logo depois, dando início para o que seria a Sessão Literária. O discurso, que abriu os trabalhos, emocionou todos os presentes, que por esse motivo o *Libertador* deu mais detalhes quando “a graciosa jovem D. Emilia d’Assumpção Pereira depoz nas mãos de Satyro Dias, o livro que conduzia na marcha cívica, e onde tinha de ser lançada a importante acta d’aquela brilhante sessão”. Além da citada, tiveram a palavra concedida, Antonio Papi Junior, representante do *Club Abolicionista Caixerai*; Antonio Braga Filho pela *Liberdade e Heroismo*; Confucio Pamplona do *Reform Club*; Joaquim Bezerra do *Grêmio Caixeiral*; Antonio da Costa Souza da *Beneficente Caixeiral*; e Manoel A. de Sydney da *Mutualidade Auxiliadora*. Além destes, também fizeram a oratória os representantes de Acaraé, Crato e da província do Rio Grande do Norte, nas pessoas de Antonio Matos Forte, Henriqueta de França e Joaquim Fernandez, respectivamente.<sup>136</sup>

Por volta das 20:00h, Sátiro Dias declarou por encerrada a Sessão Literária. E este, convidou as autoridades presentes a se dirigirem aos salões do Palácio Provincial devido à chuva que começava a cair naquele momento. “Penhorados ao cavalheiresco acolhimento que receberam, retiraram-se os ilustres convidados, e as 9 horas da noite a distinta Classe Caixeiral fasia a Perseverança e Porvir uma solemne manifestação de apreço”. Contudo, mesmo diante dessa adversidade, o novo local foi agraciado por música e discursos que acabaram terminando por volta das 22:00h. E a capital ainda usufruía de uma iluminação especial vista desde o dia

<sup>135</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 69, 08 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VI – Dia 26”. p. 2.

<sup>136</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 69, 08 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VI – Dia 26”. p. 2.

24 de março, que adornava seus edifícios, desde o palácio do governo até a mais humilde choupana, foi o que disse o *Libertador*.

### 3.2.4 Visita a Cadeia Pública de Fortaleza

A chegada do dia 27 foi marcada por um momento atípico, como já registrado no painel dos festejos abolicionistas. Nesse dia foi feita a visita à Cadeia Pública de Fortaleza<sup>137</sup>. A justificativa para esta programação, de acordo com o *Libertador* é que “o povo que redimira o escravo e matara a fome á pobreza soffredora, sentia a necessidade de completar a festa do heroísmo e da abnegação levando um raio de consolação e uma palavra de amôr aos povoadores do carcere, victimas da fatalidade ou da justiça humana!”<sup>138</sup>

Eram 13:00 horas, e a caravana da abolição fazia cumprir os compromissos da programação. O *Libertador*, com sua cobertura, informa-nos que estacionaram em frente ao edifício da Cadeia Pública, em Fortaleza, três carros embandeirados da companhia Ferro-carril, conduzindo o presidente da província, o chefe de polícia, o bispo diocesano, o secretário da presidência e vários funcionários da província, além das comitivas da *Cearense Libertadora*, das *Senhoras Libertadoras*, *Perseverança e Porvir*, *Club dos Libertos*, representantes da imprensa e de outras associações.

Recebidos por um grupo já presente no local, composto de senhoras e cavalheiros - sem mais detalhes de quem seriam - uma guarda de honra, postada em frente ao edifício, fez às primeiras autoridades da província as continências, acompanhadas de uma banda musical militar, que na ocasião executava o hino nacional. A gazeta da SCL optou por dar outros detalhes sobre o percurso da caravana ao dizer que estes foram “transpostos os degráos da escada da prisão, n’um vasto salão, do lado esquerdo, com janelas lateraes, teve lugar a brilhante sessão”<sup>139</sup>. Os encarregados pela cerimônia ocuparam a mesa que ficava na entrada do salão e

---

<sup>137</sup> “Antes do Plano Urbanístico de Herbster, Fortaleza contava com outros elementos que traduziam, no espaço físico, a tentativa de operar maior controle da expansão urbana. Os principais prédios estavam em processo de construção, por exemplo, a Cadeia Pública que começou a ser construída em 1850 e finalizada dezesseis anos depois. Entre o término da construção da Cadeia (1866) e o Plano Urbanístico de Hebster (1875) passaram quase dez anos, ao longo dos quais, a cidade ia acentuando o caráter normatizador característico de uma sociedade disciplinar”. (MARIZ, 2004, p. 95). Para mais detalhes sobre a construção e o modelo de funcionamento da cadeia pública do Ceará, verificar a dissertação de mestrado da Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvana Fernandes Mariz. In: MARIZ, Silvana Fernandes. “OFICINA DE SATANÁS: a Cadeia Pública de Fortaleza (1850-1889). Dissertação de (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de História. 2004.

<sup>138</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 70, 09 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VII – Dia 27 – na casa da detenção”. p. 2.

<sup>139</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 70, 09 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VII – Dia 27 – na casa da detenção”. p. 2.

seus acentos foram destinados às lideranças já citadas, com a inclusão do senador Castro Carreira na bancada.

Na presença da comitiva apresentada, estavam 58 presos enfileirados em representação simbólica a quantidade dos municípios redimidos da província. “Decentemente vestidos e alguns com fitas a tiracollo, contendo inscrições allusivas ás festas libertadoras, elles sentiam-se felizes, por terem o ensejo de associar-se ao regosijo publico, pelo resgate da patria”<sup>140</sup>. O *Libertador* ainda reitera, que mesmo assim, presa estava a alma destes a solidão do cárcere, perceptível nos olhares todas as amarguras e tristezas do coração.

Após um momento de silêncio antecedente a fala de Sático Dias, inicia-se o evento com o mesmo fazendo uma leitura de um telegrama do Ministro do Império, congratulando o Ceará pela libertação, dirigindo palavras de consolo e alento aos infelizes habitantes das prisões, que fez doar quatrocentos mil réis a instituição dos presos “pela caridade publica, como uma homenagem á desventura e á dôr!”. O *Libertador* nos informou que ruidosos aplausos vitoriaram à palavra do político, que a partir dessa manifestação veio a ordem religiosa em nome do bispo da diocese lembrar aos presos “que todo o sofrimento tem seu termo, havendo resignação e confiança em Deus e por isso pedia-lhes que purificassem sua alma e que buscassem na virtude o consolo possivel ás tristezas da vida na prisão”.<sup>141</sup>

**Figura 18** - Cadeia Pública de Fortaleza, o cárcere da liberdade<sup>142</sup>



<sup>140</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 70, 09 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VII – Dia 27 – na casa da detenção”. p. 2.

<sup>141</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 70, 09 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VII – Dia 27 – na casa da detenção”. p. 2.

<sup>142</sup> Foto aérea da Cadeia Pública de Fortaleza nos anos 70 do século XX, por Nelson Bezerra. In: BEZERRA, Nelson F. Cidade, saudade: Fortaleza anos 70. Terra da Luz, 2013.



Entre aplausos e satisfação política, o *Libertador* nos trouxe um momento interessante compartilhado em sua folha. Pois, era concedida a palavra a uma criança<sup>143</sup> presidiária de nome Anacleto, que fez um discurso em nome de seus companheiros de prisão. Foi descrito que a fisionomia, gestos e a voz do garoto, no momento da oratória, chamaram a atenção dos presentes, sendo perceptivos aplausos e lágrimas. “Nunca nos sentimos tão sensibilizados. Estávamos n’uma festa; mas parecia-nos ouvir de todos os lados as sombrias palavras do inferno dantesco”<sup>144</sup>. Desse modo, em um longo discurso, o jovem detento destaca:

[...]

Meus illustres senhores!

Si a vossa vinda á estes cárceres foi originada pela grande solemnidade que fizestes no momoravel dia 25, e que, não querendo deixar-nos em olvidação, viestes dar uma prova evidente do vosso enternicimento pelos desgraçados, então podemos dizer, sem trepidarmos, que o dia 25, foi como um astro rutilante, que adejando no nosso azulado firmamento, despedio scintillantes raios de liberdade, que ultrapassaram inevitavelmente os limites da TERRA DA LUZ [...]

[...] cumpro um dever santo, em render-lhes, em nome de meus irmãos de sofrimento, a dívida homenagem, não como captivos da prepotencia, mas como victimas da lei.

Dignissimos senhores!

Não obstante vivemos, como bem sabeis, n’esta dolorosa masmorra, tropeçando a cada momento pelo peso das tribulações e angustias, não poude isentar-me de vir, em nome de meus infelizes companheiros, agradecer do intimo d’alma o prazer que nos causastes em terdes vindo visitar esta casa de dôr e deixar em nosso corações, embora amargurados, numa vivificante lembrança de tão faustoso dia!

Concluindo, pois, imploro por mim e por meus desditosos companheiros, á S. Ex. Rvm. o Sr. Bispo Diocesano, que abençoando-nos, rogue ao Deus todo poderoso, que nos proteja em nossas afflições e nos livre do erro afim de que assim, possamos ter, em recompensa dos nossos sofrimentos n’esta vida illusoria, a consolação do valle das lagrimas e as esperanças fulgentes da eternidade.<sup>145</sup>

Diante de um discurso elaborado, notou-se a destreza na fala do jovem e o sentimento de gratidão às autoridades presentes. Visto isso, não se teve mais detalhes sobre o orador, muito menos outras características. Além desse momento atípico, também direcionaram a fala, aos detentos, as autoridades Almino Afonso, Padre Frota, Antonio Pinto Nogueira Accioly,

<sup>143</sup> “A Cadeia Pública de Fortaleza, nos anos de 1850 a 1890, contou entre os internos, com público bastante variado. Em arrolamento populacional de 1877, encontrava-se descrita a população carcerária da cidade: mulheres, crianças, idosos e homens. Não havia separação por sexo, idade, nem por crime”. (MARIZ, 2004, p. 26).

<sup>144</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 70, 09 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VII – Dia 27 – na casa da detenção”. p. 2.

<sup>145</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 70, 09 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VII – Dia 27 – na casa da detenção”. p. 2.

Frederico Borges, Oliveira Paiva e uma participação interessante de uma menina, filha de um preso que falou breves palavras que conquistaram os presentes.

Próximo a conclusão da sessão, o presidente da província chamou para se aproximar a mesa o preso Anacleto para um aperto de mão e dizer-lhe o seguinte: “o poder publico e a sociedade não descem, mas se elevam, apertando a mão do infortunio”. O gesto acabou gerando aplausos e bravos que cobriram a voz do representante do governo. O momento foi encerrado com os religiosos presentes dirigindo-se aos presos com palavras de amor e consolação em nome de Deus.

Ao saírem da sala, todas as pessoas presentes passaram a visitar a enfermaria e as celas dos condenados, ambas abençoadas pelo bispo diocesano como informou o *Libertador*. Também chega até nós a informação que além dos quatrocentos réis, também foram distribuídas a louça necessária para a serventia de todos os presos. Por esses acontecimentos, foram imensuráveis os sentimentos relatados pela SCL, ao dizer “sentimos não poder, pela estreiteza de espaço, e pela insufficiencia da pena, - dar uma idéia exacta do que foi essa festa -, a mais bella de todas a que temos assistido e aquella que mais de perto falou-nos á alma e ao coração”<sup>146</sup>. E foi com essa sequência de visitas que avança a programação abolicionista.

### 3.2.5 A grande marcha cívica

Por volta das 16:00 horas, começou a se aglomerar na Praça da Sé<sup>147</sup>, em frente à Catedral de Fortaleza, numerosos grupos que afluíam das redondezas. Naquele espaço, todos disputavam um lugar e uma posição na Grande Marcha Cívica que devia completar a solenidade do dia 27 de março. O *Libertador* revela que “foi bello ver a ordem irromper do chaos por entre as ondas do povo: da confusão dos que sahiam e do encontro dos que entravam, surgiam e ordenavam-se em alas todas as classes e corporações”<sup>148</sup>. Formando, assim, um longo e compacto esquadrão, juntamente com o hino da *Libertadora Cearense* de fundo musical regido pelo corpo policial presente.

Eis que, no meio de todo o caos, chega ao olhar de todos o “Carro Triumphal”, com o mesmo simbolismo do apresentado na marcha da classe caixeiral, mas regendo outras características ornamentais. O automóvel alegórico teve como guarda de honra o luzido

<sup>146</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 70, 09 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VII – Dia 27 – na casa da detenção”. p. 2.

<sup>147</sup> A Praça da Sé poderá ser averiguada na **Figura 15** intitulada “Catedral de São José no roteiro da abolição”.

<sup>148</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 73, 16 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VIII – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

batalhão dos cavaleiros de São João do Acre, chamando assim, todas as atenções dos que se faziam presentes no local. Era “um riquíssimo carro de 16 palmos de comprimento sobre douse e meio palmos d’altura, franjado de nuvens, adornado de escudos com o nome dos 58 municípios cearenses, deslumbrante de galas, sobrepujado de tropheos; ali occupava a mais elevada posição”.<sup>149</sup>

A criação artística envolvida no “Carro Triumphal” foi de responsabilidade de Antonio da Rosa e Oliveira, pois, de acordo com a folha abolicionista, só ele conseguiria dar vida e fazer falar a imagem da Pátria no dia sacrossanto de sua imortalidade. “Assim o precioso artefacto do notavel artista é mais para ser apreciado, do que descripto em um ligeiro artigo, em que a penna não pode dar á tela todas as expressões do colorido nem reproduzir as impressões que só a esthetica tem o poder de crer”.<sup>150</sup>

No topo do “Carro Triumphal”, de acordo com o *Libertador*, brilhavam com todas as graças da beleza e do amor as formosas cearenses que simbolizavam a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade. “A sublime triade tinha a doce e graciosa expressão das divindades do Olympo”. Dessa forma, representando a *Liberdade*, tivemos a jovem Maria Moraes, que segurava uma espada como quem vinga uma afronta e reivindica um direito; a *Igualdade* foi representada pela afrodescendente Ignez Maria da Anunciação, “aquella mesma que sahiu das senzallas para sentar-se risonha ao lado das luctadoras de sua redempção”<sup>151</sup>, nas palavras da folha da SCL a mesma ainda representava os proscritos da liberdade depois da horrorosa vida no cativo; e a *Fraternidade* foi retratada por Amélia Vieira Teófilo, com o porte e a majestade de uma deusa, desfraldou aos ventos o estandarte legendário da República do Equador. Desse modo, ali estavam “fielmente symbolisados os tropheos da terra da luz, e os louros do heroes que conquistaram a patria livre”.<sup>152</sup>

Depois de descrita a distinta ornamentação, dava-se início ao cortejo cívico. Ao som da banda de música da polícia seguiram as alas representativas da marcha.

A frente, encabeçando o desfile, estava o estandarte da *Sociedade Cearense Libertadora*, acompanhado dos cavaleiros de São João do Acre, composto também ao centro José Albano Filho, Cruz Saldanha à direita e João Tibúrcio Albano à esquerda. Após estes,

<sup>149</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 73, 16 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VIII – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

<sup>150</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 73, 16 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VIII – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

<sup>151</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 73, 16 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VIII – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

<sup>152</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 73, 16 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual VIII – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

vieram também flutuando nas brisas do levante, os estandartes da *Perseverança e Porvir*, *Liberdade e Heroísmo* e do *Reform Club*. Prosseguidos por Manoel Albano Filho ao centro, Francisco Braga Filho à direita e Confucio Pamplona no lado esquerdo.

O pelotão inicial dava abertura para a passagem do “Carro Triumphal” puxado por duas soberbas parelhas de cavalos russos, em cujo freios seguravam quatro etíopes, fardados como antigos soldados romanos. O *Libertador* veio a destacar também as representações das províncias brasileiras, “enfileiradas na mesma ordem, uma apoz a outra, seguiam as distinctíssima falange 19 virgens donairosas e belas, [...] que o Ceará convoca ao congresso humanitário da liberdade, igualdade e fraternidade nacional”<sup>153</sup>. Esta ala simbólica foi escoltada pelos cavaleiros do São João do Acre.

Após a passagem das citadas representações, veio ainda compor a Marcha Cívica os dois carros da patriótica classe caixeiral. Em seguida, em pelotões de 10, formando enorme massa popular, seguiram os representantes do Corpo Consular, as autoridades públicas, o Clero secular, os representantes da imprensa, o corpo do comércio e as comissões de todas as *Sociedades*, que teve como fechamento do pelotão a banda marcial do 11º batalhão.

Com a chegada da noite, percebia, no percurso da marcha, diversas luzes nas portas das residências, “parecia que as estrellas tinham descido do céu e fulguravam na Terra da Luz”<sup>154</sup>. Como designada pelo *Libertador*, a metrópole de abolicionismo foi coberta de palmas e flores e nas janelas dos sobrados nem mais lugar havia disponível. “D’aqui e d’alli, ás portas dos edificios particulares, no meio do prestito, queimavam-se fogos de Bengala. A’s cambiantes de uma variedade quasi sem numero de lanternas, de luzes, e de bicos de gaz, de flammulas e galhardetes, parecia fantástico ou divinal o espetaculo que se observava”<sup>155</sup>.

No roteiro de passagem da Marcha Cívica esteve a Praça Castro Carreira (Praça da Estação) e o Passeio Público<sup>156</sup> de Fortaleza, onde eram recepcionados por aglomerações que

<sup>153</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 74, 17 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual IX – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

<sup>154</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 74, 17 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual IX – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

<sup>155</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 75, 18 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

<sup>156</sup> “O Passeio Público, por sua vez, surgiu para satisfazer o desejo por uma área exclusiva de lazer público que Fortaleza carecia e outras grandes cidades brasileiras já possuíam. Deveria ser um espaço florido, arejado, reservado apenas para a fruição daqueles “belos tempos”, onde o footing (passeio a pé), o meeting (encontro entre pessoas) e o flert (flerte, paquera) pudessem ser aprazivelmente praticados. [...] O Passeio era um lugar para todos... mas separadamente. O logradouro possuía três planos; entretanto não havia nenhuma determinação oficial reservando cada um para as três distintas classes sociais. O fato é que tal acabou acontecendo “naturalmente”, no dizer dos cronistas da época. Mais plausível considerar que essa separação se deu por força do segregacionismo social reforçado pela onda remodeladora que beneficiava especialmente a área central urbana, espaço onde as elites residiam e detinham primazia”. (PONTE, 2000, p. 170-171).

observavam e aclamavam a passagem solene. “À pé, a cavalo, percorrem ainda uma vez toda a cidade, admirando mais detidamente as galas e os esplendores de sua decoração tão imponente, quão magestosa”<sup>157</sup>. A marcha veio a finalizar na Praça do Palácio, que ainda se encontrava ornamentada dos festejos anteriores. Nesta recepção, o *Libertador* estima um público de aproximadamente 15 mil pessoas, onde ouviu-se oradores e poetas dos mais variados grupos políticos.<sup>158</sup>

**Figura 19** - O Passeio Público na *Belle Époque* do Ceará<sup>159</sup>



Diante desse panorama, a gazeta abolicionista declara que tentou, sem êxito, descrever o que foi a Marcha Cívica do dia 27 de março. Assim, ainda expôs que, diante do sucesso das manifestações, as mesmas não haviam cessado, prosseguindo até o tardar da noite em comemorações particulares no palácio do governo.

### 3.2.6. Marcha triunfal da jangada

Ausente da programação do Festival Abolicionista, a Marcha Triunfal da Jangada foi organizada mediante a comissão<sup>160</sup> do comércio da Praça José de Alencar, que dirigiu-se até o

<sup>157</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 75, 18 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

<sup>158</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 76, 19 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 27 – a grande marcha cívica”. p. 2.

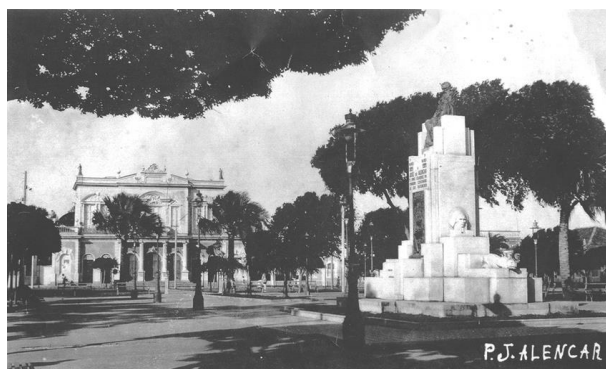
<sup>159</sup> Passeio Público de Fortaleza no início do século XX – imagem fornecida pelo Café Passeio. Disponível em: <<https://helenanogueiraciberjornalismo.wordpress.com/2012/06/05/passeio-publico-5-anos-aposarevitalizacao/>>. Acesso em: 05 de Maio de 2022.

<sup>160</sup> Esta comissão era composta de nomes como: Manoel Lopes da Silva, Francisco Leite Barbosa, João Bernardo da Silva Filho, Manoel de Souza Alvaro, Ernesto Borges da Silva, Maximiano Leite Barbosa e Antonio José de Souza. Disponível em: **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 76, 19 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.

palácio cearense para falar diretamente com Sático Dias, com a patriótica intenção de dar mais uma solenidade aos festivais da província livre. Atendendo à solicitação, o presidente da província respondeu que “se julgava feliz em poder corresponder à expectativa do povo Cearense, e que a illustre Comissão podia contar com o auxilio do elemento oficial nas manifestações que tinha em vista realizar”<sup>161</sup>. Em vista disso, o *Libertador* nos informa que o administrador provincial logo pediu as ordens necessárias para que o corpo musical da polícia comparecesse ao evento, ao passo em que também solicitou ao engenheiro das obras públicas que mantivesse a iluminação especial do Passeio Público até o dia 28 do corrente ano.

Com a solicitação acatada, a Praça José de Alencar foi o local escolhido para ser o ponto de culminância para a Marcha da Jangada. Devido a isso, começaram-se logo, os trabalhos decorativos da praça, que diante de uma “febril agitação do serviço” transformou-se em um palco do mais belo e garboso panorama. “Soberbas arcadas de palmas viridentes ornamentavam as suas ruas: d’aqui e d’alli, quem e alem tremulavam aos ventos estandartes e bandeiras de todas as cores”<sup>162</sup>. Desse modo, também foram colocadas duas elegantes colunas que fizeram simetria com outras duas instaladas nas extremidades do quarteirão. Onde, no vértice de cada uma, estavam presentes lanternas e bandeiras como adereços decorativos. Na medida em que “destacava-se sobre o parapeito de todas as casas uma longa e apinhada fileira de copos multicores destinados para a iluminação da noite”.<sup>163</sup>

**Figura 20** - Praça José de Alencar nas ondas da jangada!<sup>164</sup>



<sup>161</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 76, 19 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.

<sup>162</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 76, 19 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.

<sup>163</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 76, 19 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.

<sup>164</sup> Praça José de Alencar nas primeiras décadas do século XX (antes Jardim Nogueira Accioly da Praça Marquês do Herval) e a estátua do escritor José de Alencar (inaugurada em 01 de maio de 1929). Ausência do sistema cata-vento, cacimba e caixa-d’água. Fonte: Acervo Museu da Imagem e do Som do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/figure/Figura-11-Praca-Jose-de-Alencar-antes-Jardim-Nogueira-Accioly-da-Praca-Marques-do\\_fig6\\_323544206](https://www.researchgate.net/figure/Figura-11-Praca-Jose-de-Alencar-antes-Jardim-Nogueira-Accioly-da-Praca-Marques-do_fig6_323544206)>. Acesso em: 04 de Maio de 2022.

O *Libertador* nos oferece mais detalhes ao dizer que no centro da praça ergueu-se um lindo troféu, semelhante ao delta grego guarnecido de galhardetes, flâmulas e lanternas. Também foram vistos, nas próprias árvores do espaço, diversos adornos que deviam completar o lúdico cenário. Com orçamento liberado pela comissão executiva da província, esta por sua vez cifrou-se nas seguintes palavras: “gaste o que precisar e apresente a conta”.<sup>165</sup>

Com aviso prévio publicado em boletins ao público, logo na manhã do dia 28, durante o dia, a gazeta da *Libertadora* expõe que subiram ao ar diversas girândolas de foguetes e toda a Praça José de Alencar já estava na mais fervorosa comoção. Com a hora designada no programa desta ocasião, já se encontravam na praia as pessoas que realizariam o cortejo da Marcha Triunfal da Jangada. A gazeta fez por lembrar que este povo era o mesmo que, “nos dias 27, 30 e 31 de Janeiro e 30 de Agosto de 1881, tinha feixado o porto ao trafico infame e asqueroso da *mercadoria negra*”. Por esse motivo, a escolha da praia, como local de partida, foi em detrimento a Greve dos Jangadeiros, fazendo com que se tornasse a “Jangada Cearense que recebia na Corte do Imperio, e no empório d’Amazonia a mais esplendida e deslumbrante apotheose”.<sup>166</sup>

O entusiasmo das pessoas presentes fez perceber gritos em coro dizendo o seguinte: “A jangada! A jangada em frente!”. Em meio à multidão abria-se espaço para a passagem da “soberana nos mares cearenses”<sup>167</sup>, acompanhada por meninas vestidas de branco, faixa azul sobre o peito e buquê de flores à mão direita. O *Libertador* ainda nos diz que completavam esta mimosa e angelical falange diversos cearenses representantes dos municípios da terra livre. Também, podia-se ver, do alto do mastro da jangada, doze fitas verdes, cuja extremidade era segurada por mulheres também vestidas de branco.

Sobre a vela da jangada lia a seguinte frase: “30 de agosto, Salve, Chave do Mar!”. Sendo assim, três meninos faziam manobras na frágil embarcação para simbolizarem os jangadeiros em exercício, equilibrando-se no leme e na bolina da jangada. Às vezes esses mesmos garotos davam vozes de comando e repetiam o grito: “Aqui não embarca escravos!”<sup>168</sup>.

<sup>165</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 76, 19 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.

<sup>166</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 76, 19 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual X – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.

<sup>167</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 78, 22 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual XI – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.

<sup>168</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 78, 22 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual XI – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.

E após esta alegoria simbólica veio o pelotão dos marinheiros aprendizes, seguidos por jangadeiros que levavam a bandeira do Brasil.

Mais à frente do percurso, a jangada foi recebida pelo batalhão dos cavaleiros do São João do Acre, por diversas senhoras de carro e pela música do corpo de polícia. Foi nesta comitiva que a Marcha da Jangada seguiu até o Palácio Episcopal de Fortaleza, cercado do seu clero, “lá estava o Venerando Bispo esperando os seus diocesanos para abençoar os seus triumphos no dia solemne de suas glorias”. Logo após, tocaram o hino da libertação da província, dando posteriormente espaço para a fala na tribuna o Padre Belarmino José de Souza que saudou e abençoou o povo cearense.

Com o término do momento religioso, desfilou então a marcha, seguindo o itinerário traçado no boletim da manhã. Dava-se então a chegada ao destino principal, aproximavam-se dessa vez da Praça José de Alencar. Lá, puderam ouvir as poesias de Almino e Francisco Leite Barbosa, bem como, as oratórias de Rufino Antunes de Alencar, Justiniano de Serpa, Henrique Arraes, Francisco Bizerril e Francisco Pacheco. Estes foram, então, cobertos de aplausos e manifestações de euforia.

Com a chegada das 20h30min, tocava o ponto final da imponente manifestação, que naquele momento estimava-se a presença de mais de 5 mil pessoas. À vista disso, o *Libertador* explica, que o evento não finalizou por aquele momento, a marcha acabou dirigindo-se até a o Largo do Palácio, onde lá saudaram o presidente da província, que fez por corresponder à saudação realizando um discurso em homenagem a “terra da luz”. Diante disso, deu-se novamente a fala, a pedido do povo, ao “ilustrado Dr. Almino”, que “fechou com chave de ouro o santuario, que o patriótico e benemérito Corpo do Commercio da praça <<José d’Alencar>> tinha aberto ás expansões do culto da Religião, da Patria e da Liberdade. Bravissimo!”<sup>169</sup>. Depois desta cerimônia, em ato contínuo, ferveu depois, em ondas do mais grato prazer, a *soirée* para convidados especiais realizada pela classe caixeiral, nos vastos salões do Reform Club.

### 3.2.7. *Meeting* popular

Quase concluídos os festejos pela libertação da província, a Praça Senador Carreira foi novamente palco, dessa vez, do último momento solene programado no Festival Abolicionista. Este era o ponto facultativo para a decretação da “inviolabilidade do território cearense ao pé

---

<sup>169</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 78, 22 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual XI – Dia 28 – a onda sobre”. p. 2.



do homem escravo”<sup>170</sup>. Para este fim, o *Libertador* distribuiu convites impressos, que se espalharam por toda a cidade de Fortaleza, ao que eles vieram a chamar de *Meeting* Popular - em tradução livre seria uma espécie de reunião popular – mas esta seria ao ar livre.

Concretizava-se, no dia 29, por volta das 17:00h, o encontro de cavalheiros distintos, algumas senhoras e o povo que acompanhara todas as festividades no decorrer dos dias. O entorno da Estação Central já se encontrava dominado pela aglomeração, que foram sendo recebidos pela música marcial. Neste momento, já podia notar-se a presença de alguns membros da *Sociedade Cearense Libertadora*, que logo “ao penetrar na Praça a ilustre associação foi saudada com vivas e aclamações de entusiasmo e júbilo, subindo ao ar grande numero de gyrandolas de foguetes”. Logo após este reconhecimento, veio a público, ao som do hino da *Libertadora*, o já conhecido do público, o Dr. Almino, que “fez um discurso arrebatador, dizendo que o Ceará, desde o dia 25 de Março, deveria ser considerado o Canadá d’America do Sul; que o trabalho ingente do povo cearense não devia ser nullificado pela audacia e temeridade do negreiro do norte ou do sul [...]”<sup>171</sup>.

Após este momento, veio a tribuna, ao ar livre, Antonio Pinto Nogueira Accioly, sendo aplaudido e saudado pela multidão e disse: “que o legislador provincial já tinha patrioticamente trancado as fronteiras de nossa provincia á invasão negreira; que, portanto a grande reunião popular, que ali se effectuava, não era mais do que a sancção do povo ao pensamento da nobre e illustre Assembleia Porvincial de 1883!”. Diante destas palavras, se dirigiu à tribuna popular Frederico Borges, acrescentando o discurso anterior, ao ressaltar o povo cearense pelo discernimento na causa humanitária pela abolição. As pessoas presentes na praça contemplavam tais palavras a ponto de qualquer pausa ser motivo de aplausos e comemorações.

Nas oratórias conferidas pela população, o *Libertador* deixa evidente que estas foram suficientes para assegurar que, no território da província, não pisaria mais um só escravizado. Desse modo, a gazeta também explica que após este ato, “a enorme multidão desfilou em uma passeiata, na melhor ordem, e entre o mais intenso entusiasmo, indo parar em frente ao palacio episcopal”<sup>172</sup>. Neste espaço religioso, foi possível conferir a citação de poesias, discursos, felicitações e vivas.

<sup>170</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 78, 22 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual XI – Dia 29 – meeting popular”. p. 2.

<sup>171</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 78, 22 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual XI – Dia 29 – meeting popular”. p. 2.

<sup>172</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 78, 22 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual XI – Dia 29 – meeting popular”. p. 2.

Por este movimento circular, a multidão chega em frente ao Palácio da Presidência, para assim, dar início ao pronunciamento oficial de Sátiro Oliveira Dias, que finda seu discurso entre aclamações e contentamento dos presentes. Em face do exposto, o *Libertador* finaliza a sua coluna especial sobre este “acontecimento sem igual” que foi o Festival Abolicionista do Ceará. E conclui dizendo que foi assim, com chave de ouro, que se finalizou a série de festejos da redenção da província. Era o Ceará livre a 25 de Março que decretava o respeito eterno de sua liberdade.<sup>173</sup>

### 3.3 A abolição que vem do Norte: repercussões e oposições ao 25 de março

A repercussão da abolição, no Ceará, chegou à Corte e se disseminou nas capas das mais variadas edições jornalísticas de todo o Brasil, ganhando, assim, visibilidade e gerando grandes comemorações na província cearense e na capital do Império. Tendo forte colaboração da imprensa abolicionista, como por exemplo o *Gazeta da Tarde*<sup>174</sup> - incentivador ferrenho da propaganda cearense na Corte – que contribuiu de forma integral para a propagação das ideias políticas da “vanguarda brasileira”, que gerou grande impacto para a elite brasileira em seus mais variados aspectos (FERREIRA, 2010).

Mesmo antes do tão aguardado dia da abolição, já circulavam notícias em jornais do Rio Janeiro, sobre o dia em que seria comemorada “a libertação da província cearense”, gerando grandes expectativas em todos, indo da elite ao escravizado, entorno do referido ato:

[...] A emancipação total dos escravos no Ceará não havia se consumado ainda, entretanto, já figurava nas imaginações abolicionistas e na elite letrada da Corte e, quiçá, do mundo, como o grande evento que marcaria o final do século XIX.

As primeiras notícias que indicavam a data marcada para o fim da escravidão no Ceará impressas nos jornais da Corte foram divulgadas em meados do mês de janeiro de 1884, através de um telegrama publicado no *Jornal do Commercio*. Nesta publicação, a Sociedade Abolicionista Cearense anunciava a data da libertação total da província do Ceará e as comemorações que iriam ocorrer nas ruas da Corte. (FERREIRA, 2010, p. 98).

Com o grande fluxo de informações, viabilizado pelo desenvolvimento da tecnologia, vulgo telégrafo, Correios, via férrea, mercadorias e etc., juntamente com a o repasse de notícias

<sup>173</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 78, 22 de abril de 1884. “Acontecimento sem igual XI – Dia 29 – meeting popular”. p. 2.

<sup>174</sup> Lusirene Celestino França Ferreira (2010) nos informa que o jornal *Gazeta da Tarde* foi um dos jornais da Corte que mais apoiou a campanha abolicionista no Ceará, tendo o editor José do Patrocínio que viajou para o Ceará um pouco antes da província ter decretado o fim da escravidão.

entre livres e escravizados, fez tornar, as vésperas da abolição do Ceará, um dos eventos mais esperados no ano, com relevância nacional.

Os abolicionistas da Corte queriam transformar a abolição do Ceará em um evento que marcaria para sempre a nação brasileira, sendo um exemplo que deveria ser seguido por todas as províncias do Império. No editorial da *Gazeta da Tarde* do dia doze de março, a redenção dos cativos do Ceará é aclamada como os “primeiros clarões” que marcariam a História do Brasil e seriam cognominados de “festa Nacional”. (FERREIRA, 2010, p. 99).

Mas, diferentemente do que apontava a imprensa abolicionista carioca, haviam folhas do campo adversário - em sua maioria de caráter conservador - que acabavam por demonizar tais atos, pondo em cheque a questão da ordem social e a manutenção do *status quo*, bem como, os lucros gerados a partir da mão de obra escravizada. Ferreira (2010), em sua análise da repercussão da abolição cearense nos periódicos da capital da corte brasileira, traz à tona, movimentos contrários a efetivação da liberdade dos cativos, ao explicitar o jornal *Diário do Brasil* - periódico defensor dos interesses de proprietários escravistas – que alertava 3 dias antes, aos 22 de março de 1884, sobre os perigos que viriam com a circulação de notícias referentes ao 25 de março às lavouras do Sul:

Perigo Social:

[...] Não se está vendo o que se dá com a grande festa *Nacional*? Existindo, pois, o perigo social, como fica demonstrado, embora embryonario, cumpre tratar-se do antídoto antes que tome corpo e cresça.

Fujamos de toda e qualquer precipitação. Nada de imitar o magnanimo Ceará, o qual pauperrimo e exausto pela secca, depois de haver realizado o *valor* da parte *valiosa* de sua escravatura, lançou-se ao heróico commettimento de libertar o seu generoso solo da vergonhosa mancha com que até então vivera em santa paz, satisfeito e honrado. [...]

Quando factos destes são aceitos como objectos dignos de immitação e applausos, da-se indubitavelmente um largo passo na carreira do desconhecido e quiçá da ruina.

Decididamente o Ceará não pode servir de modelo. [...]

A palavra *emancipação* para os escravos não tem nem póde ter senão uma interpretação: - liberdade ampla e sem pêas de aceitar ou recusar trabalho como bem lhes aprouver [...]. (Grifos originais) (*apud* FERREIRA, 2010, p. 102).

Nesse sentido, com preocupações latentes, outra província de proprietários enriquecidos pelo trabalho de escravizado nas lavouras de café, a exemplo da província de São Paulo, trouxe de forma incendiária as notícias sobre a abolição cearense. Desde a libertação da Villa do Acarape, em 1º de janeiro de 1883, houve discussões fervorosas nos periódicos, debates políticos e nos cafezais paulistas sobre os rumos negativos que essas alforrias do Norte poderiam causar quando chegassem aos ouvidos dos cativos do Sul. Em proporções maiores, a

libertação da capital, Fortaleza, em 24 de maio de 1883, trouxe reações imediatas nos periódicos do Brasil, a exemplo do jornal republicano *A Província de São Paulo*:

Foi exatamente desta região do Império, de onde partiram as críticas mais incendiárias contra o movimento abolicionista cearense. Após a repercussão da libertação dos escravos da cidade de Fortaleza no Brasil, no dia 24 de maio de 1883, um articulista do jornal republicano paulistano *A Província de S. Paulo*, assinou um longo editorial com o pseudônimo Ralph e desferiu duras críticas contra a projeção da província do Ceará, como vanguarda do movimento abolicionista brasileiro. Embora esse periódico republicano fosse afeito ao debate das ideias científicas, ele não só era financiado pelos cafeicultores do Oeste Paulista filiados ao Partido Republicano Paulista, mas também era contrário à abolição imediata da escravatura no Brasil.

O posicionamento deste jornal e o temor de revoltas escravas no Sudeste, permitiram que Ralph difamasse o abolicionismo cearense e travasse uma disputa no teatro do jornalismo contra Domingos Jaguaribe Filho, em julho de 1883. Além de ter respondido à matéria de Ralph, transcrita pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, através do jornal antiescravista fluminense *Gazeta de Notícias*, este abolicionista cearense contribuiu para que o jornal *Libertador* apropriasse esse debate e projetasse essa província como vanguarda da liberdade. (MESQUITA, 2020, p. 680-681)

Mesquita (2020) relata que o posicionamento da folha republicana, financiada pelos cafeicultores do Oeste Paulista, vem ao encontro e ao apoio que a mesma tinha para a imigração europeia, como forma de troca do trabalho escravizado para o livre. Posição esta, que colaborava com a redução/eliminação da presença negra em seus entornos, na medida em que, associavam o aumento da criminalidade na região ao “perigo que vem do Norte”<sup>175</sup>. Expressão presente em alguns periódicos do Sul, ao referir-se ao que Sobrinho (2005) expõe sobre o tráfico interprovincial no Brasil, que teve o Ceará como protagonista de exportação, principalmente no decorrer do triênio de 1877 a 1879, período considerado a maior seca que o Ceará enfrentara. E o “perigo que vem do Norte” estava associado também à troca de informações entre escravizados traficados do Ceará com os trabalhadores do Sul sobre os movimentos de emancipação da província. Ação que se configuraria em possíveis revoltas e motins contra os abusos dos negreiros da região.

A imprensa paulista, especificamente o jornal *A Província de São Paulo*, fez duras críticas ao protagonismo abolicionista cearense e trouxe argumentos que se diziam convincentes ao teor de suas denúncias. Ralph – o pseudônimo por trás dos ataques – joga ao

<sup>175</sup> Para José Hilário Ferreira Sobrinho (2005) “o perigo que vem do Norte” seria “[...] em verdade as ações dos escravos vindos do norte que inquietaram a sociedade cafeicultora e forçaram medidas legais de contenção ao tráfico interprovincial, alimentando, assim, os discursos abolicionistas e o desencadeamento de outras ações de resistência a esse “comércio de carne humana”. A “onda negra”, que turvou o imaginário das elites da Corte, do Rio de Janeiro e de São Paulo, foi aumentada pela força do movimento dos jangadeiros, em 1881, que decretaram o fim do embarque de escravos, no porto de Fortaleza” (p. 145).

ar seus descontentamentos, chamando de anti-abolicionista o histórico das ações que possibilitaram o pioneirismo da província:

Uma província que ainda tão recentemente incidiu de modo tão eficiente e nefasto sobre as finanças do Império: uma província que por negocio despejou sobre suas irmãs do Sul hordas de escravos assassinos, habituados á malandrice e imbuídos em todos os instintos perversos alimentados pelo mais descuidado regimem educador e disciplinar; uma província em que pululavao <<os ladrões de casaca explorando os horrores da fome que alastrava as estradas de cadáveres insepultos e expostos a todos os animais carnívoros>>; uma província que ainda hoje estende a mão a pedir ao exausto erário nacional, quantiasas sommas para açudes e estradas, aterrada pela eventualidade de novas calamidades; uma província que nunca se destiguio por uma acção iniciadora de qualquer especie; - uma tal província inauflada entretanto de ridículas velleidades, apresenta-se como a iniciadora da immediata abolição do elemento servil no grande Imperio do Brazil (RALPH, 1883, p. 3 *apud* MESQUITA, 2020, p. 690).

E ainda complementou,

Estranhavel audacia: supino ridículo, cujos contornos ainda mais ressaltão á luz da analyse que ao lado da grotesca figura do Ceará agrupa em seus devidos planos de rela importancia, benemerencia patriótica e intensidade de criterio sociológico, as importantes e desprenunciosas províncias de S. Paulo, Rio-Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Minas [...] Sim, estas províncias, as mais importantes e benemeritas do patriotismo, tão diversamente caracterisadas, tão distanciadadas entre si pela situação geographica, pelo clima, producção e commercio, e índole de seus habitantes, encontrão-se todavia acordes em só pensamento – libertar a nação da instituição inconveniente da escravidão, porém de modo gradual, sem sacrificar a geração presente, mediante um complexo de medidas inspiradas na lei de 28 de Setembro, com as modificações, cuja necessidade foi se revelando pela experiência (RALPH, 1883, p. 3 *apud* MESQUITA, 2020, p. 691).

Por consequência dos ataques sofridos pela imprensa opositora do Sul, o *Libertador* teve o seu direito de resposta em 31 de julho de 1883, no ápice do período emancipacionista na província cearense, ao cenário de grandes alforrias investidas pelos abolicionistas nas cruzadas do interior a capital. Com o título “O Abolicionismo do Ceará e o Jornal <<A Província de São Paulo.>>”, a gazeta libertadora em seu editorial escracha seu opositor:

[...]

Um cobarde, cujo nome respeitamos, por nossa civilização o criterio, enviou a disernos pelo diario intitulado *A Província de S. Paulo*, em um artigo transcripto no *Jornal do Commercio*, de 8 do cadente mês, que o movimento abolicionista cearense é o resultado leviano dos galopins incendiarios, que não tem sentido patriótico, nem benemerencia publica!

E que não se explica a audacia cearense de dignificar-se de construir sua bella provincia a Patria dos homens livres, iniciadora do grande movimento do progresso emancipador, e a Terra da Luz, e da Redempção dos captivos!

[...]

Um *Ralph*, um anonimo, um parasita, um lagarta da civilização. Veden alma e honra por alto preço talvez, aos preclaros e insignes negrophagos de S. Paulo, para deitar pingos negros no procedimento espontaneo, e o mais glorioso, que ennobrece e preconisa o nome cearense!

[...]

O que dirá a isto o muito sábio e humanitário Sr. *Ralph*?!  
 Pense o que quiser; diga o que quiser!

O que não podemos perdoar, em nome da dignidade Brasileira, da honra de nossa História, e da Província de S. Paulo, é, que tão miseravelmente, profane com a boca perjura a memória querida dos denodados bandeirantes da terra, que é o berço da Independência!

[...]

Protestamos, os cearenses, em nome do Norte, contra a brutalidade e impolítica, com que nos assaltou um bandido da Imprensa do Sul, um Calabrez da civilização do século!<sup>176</sup>

[...]

As repercussões sobre este embate foram diversas e se dividiu entre a posição do *Libertador*, que buscava uma abolição imediata, e *A Província de São Paulo*, que defendiam uma libertação gradual. Mas, na verdade, o que estava em jogo era a busca pelo protagonismo do Ceará (*Libertador*) e a perda do lucro do trabalho escravizado nas lavouras do Sul (*A Província de São Paulo*). Sendo estes, os interesses das elites, que traziam em primeiro plano suas ganancias diante da pressão externa para o extermínio da escravidão no Brasil. A partir do debate emergente sobre as resistências de escravizados, que acarretaria mudanças sociais que não poderiam fugir do controle dos detentores do poder social.

Era o que Celia Maria Marinho de Azevedo (1987) dizia por “onda negra, medo branco”, posto que, evidenciou alguns preceitos da abolição como um projeto para não engendrar revoltas populares negras de proporções irreparáveis. Ao passo que i) a escravidão não se sustentava na fase incessante do Brasil pela busca do progresso e civilização; ii) a construção da ordem era necessária, sem a qual não haveria progresso, por ordem entende-se a abolição acompanhada de medidas capazes de impedir a desordem, isto é, a ação desgovernada de negros; e a abolição com ordem seria complementada com os elementos do progresso, os imigrantes; iii) sem escravidão, as famílias ficariam livres dos negros e seus costumes até então pervertidos e demonizados (AZEVEDO, 1987).

Diante do exposto, o projeto abolicionista da elite cearense se ornamentou, no dia 25 de março de 1884, como uma tentativa em discurso de solucionar o grande problema social enfrentado com a escravização. Nas edições comemorativas da imprensa cearense, o *Gazeta do Norte*, sob a autoria de A. Telemaco, que relembra o embate entre a imprensa do Norte com a do Sul sobre o dado pioneirismo da província do Ceará. Referente ao fato, o mesmo relembra essa questão e muito mais:

---

<sup>176</sup> **Libertador**. Ano III, nº 164, 31 de julho de 1883. “O abolicionismo do Ceará e o jornal <<A Província de São Paulo>>”. p. 2.

25 de março de 1884 vem ainda aumentar o esplendor daquelle dia, e constituir a pagina mais brilhante da historia patria pelo heroismo com o Ceará resolveu o grande problema social – a libertação dos captivos.

[...]

Por diversas vezes vimos a imprensa negreira do sul do imperio dizer que se promovemos a liberdade dos escravos é porque <<os possuimos em numero insignificante>>.

Nada mais injusto que semelhante apreciação.

Que importa o numero?!

Porventura será mais generoso aquelle que tem mil e dá quinhentos, do que o que tem só 20 e dá todos 20?

Seria um absurdo a affimação da primeira hypothese.

[...]

Convença-se portanto, quem procura a mesquinhar os nossos sentimentos, que, se assim procedemos não é pelo pequeno numero.

A razão é outra – é que o coração cearense tem uma fibra tão robusta, que abraça com mais energia as grandes idéias para converte-las em facto consummado.<sup>177</sup>

Na tentativa de justificar a glória do pioneirismo cearense, não só a gazeta liberal como todas apoiadoras do movimento emancipacionista, elevam o Ceará ao ápice da vanguarda social. No esforço de apagar qualquer crítica que venha a desmerecer a árdua investida dos abolicionistas em prol do bem-estar do seu povo. Por essa razão, a campanha foi inspirada e acompanhada por todo o país com direito a passeatas e festas por todo o Império. Mesmo com certos empecilhos.

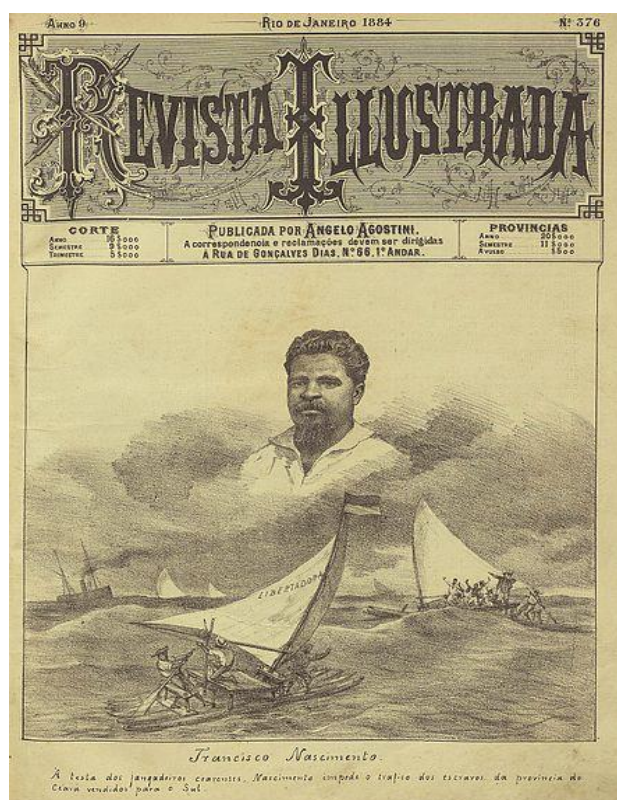
Contudo, os ares de denúncia nas páginas dos jornais conservadores não pararam a campanha pela libertação de escravos na Corte. Os jornais abolicionistas, além de colocarem as homenagens ao Ceará nas primeiras páginas, com letras garrafais, por vários meses, não deixaram de divulgar os preparativos dos festejos que ocorreriam na Corte para comemorar a abolição cearense. (FERREIRA, 2010, p. 49).

Os eventos na Corte brasileira foram marcados por apresentações atípicas, como por exemplo o desfile de Francisco do Nascimento, o popular Dragão do Mar, sob a jangada que fez história no porto de Fortaleza com a Greve dos Jangadeiros, nas ruas do Rio de Janeiro. A chegada de Dragão do Mar, a bordo do paquete *Espírito-Santo*, na Corte, é anunciada em tons de euforia. Todo o percurso feito pelo jangadeiro foi minuciosamente noticiado. Por essa questão emblemática, a maioria dos jornais cariocas divulgaram e acompanharam as festividades abolicionistas em homenagem à libertação dos escravizados no Ceará. As notícias eram ricas em detalhes, que iam desde o início do cortejo da jangada até uma descrição mais minuciosa dos adornos que enfeitavam as ruas e coloriam os teatros da capital do Império (FERREIRA, 2010).

<sup>177</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza, Ano IV, nº 64, 25 de março de 1884. “Sue libertas”. p.3.

Dragão do Mar virou símbolo de resistência e foi anunciado como herói pelas ruas do Rio de Janeiro. As homenagens não culminaram apenas nos espaços públicos, elas também estavam presentes na imprensa. Como foi o caso da edição dedicada exclusivamente a Chico da Matilde e suas contribuições para a abolição no Ceará da *Revista Ilustrada*<sup>178</sup>, órgão carioca com publicações satíricas, políticas e abolicionistas de grande circulação nas ruas do Império. Com o título, “Francisco Nascimento: a testa dos jangadeiros cearenses, nascimento impede o trafico dos escravos da provincia do Ceará vendidos para o Sul”, a *Revista Ilustrada* expõe com grande esplendor a ilustração do mestre das jangadas.

**Figura 21** - *Revista Ilustrada*: Francisco Nascimento impede o tráfico<sup>179</sup>



“Bravo!... Bravíssimo!...” foi dessa forma que a revista carioca iniciou a exaltação ao movimento que fez do Ceará anunciar o seu pioneirismo na abolição do Brasil. Com Dragão do Mar aos céus sobre jangadas em águas cearenses, a capa torna-se emblemática pelo simbolismo

<sup>178</sup> Periódico semanal, editado e publicado por Angelo Agostini (1843-1910), no Rio de Janeiro, entre os anos 1876 e 1898. Veiculava, regularmente, textos e imagens intercalados nas oito páginas de cada número da revista. As imagens - charges, caricaturas e retratos - ilustram e evidenciam os acontecimentos políticos, sociais, econômicos, culturais, assim como os relatos da vida cotidiana, na segunda metade do século XIX, que são os temas recorrentes em todas as edições da *Revista Ilustrada*. Disponível em: <http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/4938>. Acesso em: 06 de Dezembro de 2021.

<sup>179</sup> **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, Ano 9, nº 376, 1884. “Francisco Nascimento”. p.1.



como foi retratado Nascimento - figura tão importante para o fim do tráfico negreiro no porto da capital, antes mesmo das ondas de emancipações em massa pelo sertão nordestino - . Pois “foi realmente com grande entusiasmo e a mais louvável simpatia, que os fluminenses festejaram a abolição no Ceará. O contentamento foi quase geral: todos pareciam dar-se alegres, as mãos, animados pelos mesmos pensamentos”<sup>180</sup>. Fato que explicita a grandiosidade da repercussão da abolição cearense, culminada em festas abolicionistas pelo Brasil e em grandes proporções na capital do Império.

De fato, essa é apenas uma das faces do movimento abolicionista e dos festejos que ocorreram na Corte. Como podemos perceber, entre os diversos agentes que participaram das homenagens ao *Ceará Livre*, estavam libertos, escravos, barões, artistas, comerciantes, jornalistas, enfim, diversos indivíduos, muitos deles, anônimos, e que foram eclipsados da história da abolição por não estarem ligados diretamente às associações e agremiações abolicionistas. A própria colaboração dessas pessoas com prendas, manifestações, passeatas, demonstram como as *culturas políticas*, - enquanto práticas culturais e de politização das ações dos indivíduos - dos diversos agentes sociais estavam sendo criadas, recriadas e forjadas a cada instante. Essa politização das ações dos atores sociais demonstra os múltiplos sentidos e a importância que essas práticas culturais tiveram para a gestação e a circulação de uma atmosfera política favorável ao fim da escravidão, tendo a participação de diversos agentes sociais e alcançando as ruas. Com efeito, a participação dos diversos indivíduos - sem nome e sem rosto, denominados “povo” - contribuiu para que esses eventos nas ruas da cidade Imperial tomassem dimensões inesperadas e transformassem o cenário político da abolição no Império. (FERREIRA, 2010, p. 58).

Por essa razão, não faltou muito para que as festividades e as promoções bem sucedidas dos abolicionistas tomassem grandes proporções no Brasil e até mesmo fora do país. Em decorrência das aclamações cearenses, outras províncias buscavam um destino semelhante ao da província do Ceará. Nesse sentido, Angela Alonso (2015) nos informa que as províncias do Amazonas e do Rio Grande do Sul, com suas abolições em 10 de julho e 07 de setembro de 1884 respectivamente, representaram semelhanças ao processo cearense devido a um movimento abolicionista que se espalhava e a reação escravista que resistia, mesmo em ritmos diferenciados e com peculiaridades regionais (ALONSO, 2015).

Devido a um movimento abolicionista latente, não faltou muito para acontecer uma projeção internacional do 25 de março ao ritmo em que se espalharam as abolições no restante do Império. Como um dos seus grandes propagadores, o abolicionista negro José do Patrocínio, na sua viagem à França, após um banquete em Paris, esteve na presença de políticos influentes, escritores e imprensa francesa, para celebrarem a abolição no Ceará e também na busca por laços de amizade com abolicionistas locais (FERREIRA, 2010). Este evento culminou a

<sup>180</sup> **Revista Ilustrada**. Rio de Janeiro, Ano 9, nº 376, 1884. “Correio fluminenses”. p.2.

reverberação da ação libertadora da província, marcado como o ponta pé inicial para o progresso do Brasil. De imensurável repercussão nos periódicos brasileiros e internacionais, lê-se na sessão *Messageur du Brésil*, a:

Festa da libertação do Ceará [...] em Pariz. José do Patrocínio quis unir-se, em pensamento, aos seus compatriotas e, em um grande banquete que se effectuou no Brebaut em 25 de Março [...] para commemorar a libertação total de uma das provincias do Brazil. Patrocínio agradeceu aos convivas o terem correspondido ao seu convite. Em summa, noite excellente que permittiu a homens de todas as nacionalidades e de todas as opiniões políticas acharem-se em communhão completa de idéias generosas e humanitarias.<sup>181</sup>

Prosseguindo com a famosa abolição cearense e com as homenagens fora do Brasil, o político “iluminado” Joaquim Nabuco, com o seu abolicionismo transnacional, deu o seu parecer sobre o Ceará Livre diretamente de Londres, na edição especial do jornal *Libertador*, quando o mesmo era *corresponding member* da associação britânica *British and Foreign Anti-Slavery Society* (BFASS). Com isso, a estratégia cosmopolita de Nabuco (ALONSO, 2010) reverencia a província pela “imensa luz accesa no norte” que há de se “destruir as trevas do Sul” e não há quem possa “impedir a marcha d’essa claridade!”. No presente relato, ele reconhece os extraordinários esforços das classes populares “à maneira dos Jangadeiros e dos outros Cearenses, para alargar o solo livre do paiz e restringir a arca negra da instituição maldita”. Como bom patriota, nessa mesma edição, Joaquim Nabuco faz jus a sua relevância no cenário político e discursa à semelhança de um líder internacional:

Agora um pedido instante. Não deixem esse movimento da liberdade humana cessar – porque a provincia ficou livre. Não deixem apagar-se esse fogo sagrado, porque elle já consumiu em suas chamas regeneradoras a podridão servil dentro do Ceará. Façam da Provincia Emancipadora a praça forte do abolicionismo no Brazil! Mostrem que o patriotismo, que os animou não foi só local e Cearense, foi nacional e Brasileiro; façam a voz do Ceará echoar em nosso Parlamento como a de uma provincia livre, que não cesse de chamar as provincias de escravos à comunhão da liberdade, e não descansem em quanto o Brazil não tiver tambem o seu 25 de Março!<sup>182</sup>

Não faltaram esforços para culminar o nome dos abolicionistas cearenses à vanguarda nacional ao colocarem o Brasil – o último país da América a abolir a escravidão – no mapa do progresso. E acima de tudo a fama e prestígio internacional por gesto tão “gentil” à “compaixão” sobre os “poucos” séculos de escravização. Assim como nos jornais e na historiografia tradicional do final do século XIX, canonizou-se os “apóstolos da liberdade” e

<sup>181</sup> **Gazeta da Tarde**. Rio de Janeiro, Ano V, nº 92, 21 de abril de 1884. “O Ceará em Pariz”. p. 2.

<sup>182</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano IV, nº 63, 25 de março de 1884. “A Sociedade Libertadora Cearense - Londres, 20 de fevereiro de 1884”. p. 2.

seus feitos como a solução para o atraso social no Brasil. Atrás este, decorrente da manutenção escravista permitida pelos proprietários e agentes do poder, que acabaram pondo no corpo negro o estigma e o empaque para o tão sonhado projeto civilizador do Brasil, regido por um sistema oligárquico e racista. A vergonha das Américas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As constantes tentativas de promover o progresso por parte da elite política e intelectual cearense consagrou a segunda metade do século XIX como um período marcado pela modernização de diversos setores, entre eles o econômico, o social e o arquitetônico em detrimento de acordos comerciais que alavancaram a economia local (CORDEIRO, 2000). Por esta razão, Fortaleza acabou se tornando um dos maiores centros populacionais e também tecnológicos da província (PONTE, 2000). Fatores que acarretaram em interesses políticos, alavancados com o surgimento da imprensa, sendo esta, em sua grande maioria, uma extensão do fluxo de ideias partidárias. Por esse viés, os jornais acabaram moldando a dinâmica da capital, bem como os centros de algumas cidades do interior, na medida em que se tornaram fontes de informação e conhecimento sobre a “realidade” a partir da ótica dos redatores (FERNANDES, 2004). São nessas circunstâncias que a abolição acabou se tornando pauta principal nas folhas impressas, a partir da década de 1880 no Ceará, com a criação das sociedades libertadoras e das alforrias financiadas pelas mesmas, gerando grande comoção e aclamação nos eventos construídos para a exibição das libertações nas vilas da província (MARTINS, 2012).

Os interesses com a abolição foram refletidos nas páginas da imprensa, que acabaram usufruindo desse evento tardio - em relação a outros países da América - como uma conquista exclusivamente da classe abolicionista cearense, que acabou dando menos ênfase para outros fatores mais eficazes como a resistência e as estratégias de escravizados na sua luta pela liberdade (SOBRINHO, 2005). Foi nesse sentido que a elite local, com o seu poderio social e aparato da imprensa, investiu na propaganda da abolição e buscou mobilizar a população, ou parte dela, criando a ilusão de um evento para “todos”, mas que na verdade, a festa da abolição acabou utilizando-se da multidão no intuito de construir um imaginário social de endeusamento dos abolicionistas sobre a “conquista” da libertação do cativo cearense.

Em face a isto, o espetáculo da abolição significou a confirmação do êxito da campanha abolicionista pelo Ceará. Foi a culminância de um projeto “civilizador”, onde não havia mais espaço para a presença do elemento servil. Foi nesse sentido, que o Festival Abolicionista surgiu não somente como um evento local aos arredores dos pontos turísticos de Fortaleza, a sua celebração foi planejada e reverberada no restante do país e até mesmo com repercussões internacionais (ALONSO, 2015). Por essa questão, carimbou-se o registro dos abolicionistas cearenses como referências de progresso social e pelo compromisso pioneiro na extinção da escravatura do Ceará.

Entre flores, votos e balas, o movimento abolicionista brasileiro de acordo com Angela Alonso (2015), entre 1878 a 1885, no ciclo de mobilizações pela abolição, teve por fulcro o proselitismo. Ou seja, as manifestações usaram o espaço público para persuadir a opinião pública e angariar novos adeptos. Nesse sentido, a autora nos diz que seus intuitos ordeiros se materializaram num símbolo: as flores. A partir dessa percepção, podemos referenciar os eventos ocorridos com a abolição cearense - que saiu de um contexto elitista, do teatro ou da academia - aderindo espaços populares como feiras, quermesses, alvoradas e serenatas, bem como suas alegorias sendo expostas em desfiles, cortejos, paradas, procissões cívicas e os *meetings*, à inglesa, com aglomerações a céu aberto (ALONSO, 2015).

Com a apropriação do movimento no espaço urbano, os abolicionistas criaram e usufruíram de símbolos e signos como forma de identificar a adesão da sua campanha. Por essa estratégia, foram criadas bandeiras, ilustrações e ornamentações durante as libertações nos territórios (ALONSO, 2015). Outro ponto interessante a se destacar, foi o uso da propaganda a partir do recurso visual e simbologias abolicionistas em produtos diversos divulgados na imprensa, para a sua apropriação em datas especiais, como bem destacamos nos anúncios destinados ao alto escalão de Fortaleza, nas vésperas do 25 de março no Ceará. Dessa forma, com estilos variados de ativismos, entre eventos fechados e abertos, as abolições em massa, durante as cruzadas pelo interior do Ceará, permitiram ao movimento ganhar escala e uma homogeneidade mínima para se consolidar como movimento popular, vigoroso e impossível de ignorar (ALONSO, 2015).

Vale destacar, também, para outro ponto interessante, ao passo em que se percebeu o abolicionismo cearense como um movimento “imaculado”, - constatação mediante análise da imprensa - perceptível nas folhas *Constituição*, *Gazeta do Norte* e *Libertador* diante da pouca contestação, sejam elas tímidas ou mais radicais, contra os abolicionistas e suas ações pelo território cearense. A historiografia apresenta algumas folhas e agentes políticos divergentes ao processo abolicionista, mas que se fundamentavam em debates partidários, que acabavam não tendo tanta força, devido à adesão pública com a proposta de desenvolvimento social com o trabalho livre. Dessa forma, o abolicionismo ganhou notoriedade política e também popular, tornando-se um projeto de boa aceitação perante as pessoas, conquistando ainda mais apoiadores e simpatizantes.

À vista disso, a consolidação da abolição no Ceará resultou em um espetáculo construído onde o fim não era nada, mas o desenvolvimento era tudo. Parafraseando Guy Debord (2003) quando o mesmo diz, que “o espetáculo não quer chegar a outra coisa senão a si mesmo” (p. 18). Situação que nos faz repensar e buscar um estudo mais aprofundado sobre

o pós-abolição e quais os desdobramentos sociais ocorridos com o “fim do escravismo” no Ceará. Aspecto que traz à tona vários questionamentos e nos leva a refletir sobre os caminhos percorridos pelos ex-escravizados, após término das festas simbólicas e enredos patrióticos descritos pela imprensa cearense, como podemos constatar nesta dissertação. E é, nesta última, a imprensa que averigua uma mudança instantânea de contestação – ou quem sabe, menos incisiva – após o 25 de março diante de alguns processos abolicionistas que não se efetivaram em algumas vilas do Ceará.

Contudo, apura-se em alguns periódicos – mesmo que de forma reduzida - um dos principais atos que contradizem o período emancipatório no Ceará: o caso da cidade de Milagres. Essa ocasião se tornou uma das mais importantes ocorrências contraditórias ao período abolicionista, situação que pode ser observada em periódicos como o *Gazeta do Norte*<sup>183</sup>, que trouxe relatos sobre a manutenção da escravidão, em 1886, dois anos após a aclamada abolição provincial de 1884, contabilizando cerca de 200 escravizados em cativeiro. Estes, por sua vez, mantidos por lideranças locais e fazendeiros, por meio de acordos com o juiz local, a fim de manterem as posses do trabalho forçado sem o pagamento de impostos e a permissão da província. Situação também exposta pelo *Libertador*<sup>184</sup> e com notícia similar reportada pelo *Constituição*<sup>185</sup>, ambas registrando proprietários que se negaram a libertar seus escravizados na região do cariri cearense.

Estas e outras contradições sobre o processo emancipatório cearense se converteram como uma das principais críticas que envolvem o programa abolicionista do Ceará e todo o enredo de espetáculo inserido nele, na medida em que se percebe um notável esquecimento da imprensa ou mesmo de ações concretas que firmaram a narrativa que comprova o território cearense como a primeira província livre do Império. Então, por meio disso, nota-se uma drástica diminuição sobre a pauta da abolição e os efeitos desta a população cativa ou para a população em geral. Esse efeito foi sentido, ao passo em que mudanças significativas ocorreram nas redações dos jornais após a data da abolição, a exemplo, temos o próprio *Libertador*, que em cinco meses, após o Festival Abolicionista, passou por mudanças editoriais importantes com a saída da *Sociedade Cearense Libertadora* da diretoria geral da gazeta, em 07 de agosto do mesmo ano. Situação averiguada no texto explicativo da folha sobre a mudança de direção para a Empreza Typografica<sup>186</sup>. Ou seja, era como se a escravidão estivesse cem por cento cessada

<sup>183</sup> **Gazeta do Norte**. Fortaleza. Ano VI, nº 261, 18 de novembro de 1886. “Milagres”. p. 1.

<sup>184</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano VI, nº 257, 11 de novembro de 1886. “Escravidão de Milagres”. p. 2.

<sup>185</sup> **Constituição**. Fortaleza, Ano XXV, nº 2, 04 de janeiro de 1888. “Transcrição (Do Jornal do Commercio) - Milagres”. p. 3.

<sup>186</sup> **Libertador**. Fortaleza, Ano VI, nº 161, 07 de agosto de 1884. “Explicação necessária”. p. 1.

e nada mais precisaria ser contestado ou feito.

Por essas circunstâncias, como muito bem ressalta José Hilário Ferreira Sobrinho (2005), a abolição no Ceará teve dois significados: “para os brancos, menos humanitária, no sentido da integração da população negra, ex-escrava, no mundo do trabalho livre e na sociedade na condição de cidadão” (p. 156); e para os ex-escravizados, com o significado de “ampliação sem limites dos espaços sociais (pelo menos nos primeiros anos)” (p. 156-157). Em outras palavras, o intelectual ressalta que, no imaginário dos ex-cativos, o acontecimento veio a representar o fim das fronteiras que separavam nos espaços públicos, brancos e negros. Mas que, na verdade, esta ocupação dos negros no mundo dos brancos provocou uma reação imediata, ao passo em que “ser livre não significava ser aceito na sociedade” (p. 157). Pauta que possivelmente não esteve entre as principais do movimento abolicionista cearense.

## FONTES

Jornal *Constituição* (Fortaleza-CE) – Anos 1863, 1883, 1884 e 1888.

Jornal *Gazeta do Norte* (Fortaleza-CE) – Anos 1880, 1881, 1882, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887 e 1888.

Jornal *Gazeta da Tarde* (Rio de Janeiro-RJ) – Ano 1884.

Jornal *Libertador* (Fortaleza-CE) – Anos 1880, 1881, 1882, 1883 e 1884.

Jornal *Pedro II* (Fortaleza-CE) – Ano 1870.

*Revista Ilustrada* (Rio de Janeiro-RJ) – Ano 1884.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultura Palmares. 2006. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 21 de jan. 2022.

ALONSO, Angela. A teatralização da política: a propaganda abolicionista. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**. v. 24. n. 2. 2012. p. 101-122. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/53134>>. Acesso em: 20 de mar. de 2021.

ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: O movimento abolicionista brasileiro (1868-1888)**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALONSO, Angela. O abolicionista cosmopolita: Joaquim Nabuco e a rede abolicionista transnacional. 88ª ed. **Novos Estudos**, CEBRAP, 2010, p. 55-70. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/zSjR9JHBkyGsFyHY9JKBBzr/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

ARAÚJO, Raimundo Alves de. **Família e poder: a construção do Estado no noroeste cearense do século XIX (1830-1900)**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades. Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/raim.pdf>>. Acesso em: 10 de jan. 2021.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites - século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.



BARBOZA, Edson Holanda Lima. **A hidra cearense: rotas de retirantes e escravizados entre o Ceará e as fronteiras do Norte (1877-1884)**. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12781/1/Edson%20Holanda%20Lima%20Barboza.pdf>>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

BARBOZA, Edson Holanda Lima; MARIZ, Silvana Fernandes. Direitos humanos e currículo transnacional: os desafios da licenciatura em história da Unilab. **Revista História Hoje**, v. 9, nº 17, 2020. p. 80-109.

BEZERRA, Antonio. **O Ceará e os Cearenses: ligeiras apreciações**. Fortaleza: Typ. Miverva, 1906. (Ed. Fac-similar).

BEZERRA, Nelson F. **Cidade, saudade: Fortaleza anos 70**. Fortaleza: Terra da Luz, 2013

BOSI, Alfredo. **A dialética da colonização**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 jul. 2010a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/L12289.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/L12289.htm)>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CAMPOS, Eduardo. **Imprensa abolicionista, igreja, escravos e senhores**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e do Desporto, 1984.

CAMPOS, Eduardo. **Revelações da condição de vida dos cativos do Ceará**. Fortaleza: Edição do autor, (1984a).

CARDOSO, Gleudson Passos. **“Bardos da canalha, quaresma de desalentos”**: produção literária de trabalhadores em Fortaleza na Primeira República. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009. Disponível em: <<http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/tese%20doutorado%20de%20gleudsonpassos.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAXILÉ, Carlos Rafael Vieira. Abolição do Ceará. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues (org.). **Negros no Ceará, história, memória e etnicidade**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009. p.181-198.

CAXILÉ, Carlos Rafael Vieira. **Olhar para além das efemérides: ser liberto no Ceará**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/13176/1/DISSERTA%20Odepsito.pdf>>. Acesso em: 20 de jan. 2022.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-317.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravidão no Brasil: 1850-1888.** Tradução Fernando de Castro Ferro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CORDEIRO, Celeste. O Ceará na segunda metade do século XIX. In: SOUZA, Simone (Orgs.). **Uma nova história do Ceará.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 135-161.

COSTA, Marcelo Farias. **Era uma vez um grêmio: o teatro musical de Carlos Câmara e a construção do teatro cearense.** Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/JSSS9GGG49/1/marcelo\\_tese\\_final\\_para\\_deposito\\_1\\_12.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/JSSS9GGG49/1/marcelo_tese_final_para_deposito_1_12.pdf)>. Acesso em: 23 de maio 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** eBooksBrasil.com, 2003.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará.** 7ª Ed. rev. e ampl. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX.** 2004. 206f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em História. Fortaleza, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6119>>. Acesso em: 20 de fev. 2020.

FERREIRA, Edglan Lima. **O ano da abolição no Ceará.** 2015. 46f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1197>>. Acesso em: 15 de jan. 2021.

FERREIRA, Lusirene Celestino França. **Nas asas da imprensa: a repercussão da abolição da escravatura na província do Ceará nos periódicos do Rio de Janeiro (1884-1885).** 2010. 132f. Dissertação (Mestrado) — Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del Rei, MG, 2010. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/Dissertacao%20Lusirene.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo. BIANCHETTI (ORGS). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito.** 9 ed. Petrópolis; Vozes, 2011.

GENOVESE, Eugene Dominick. **A terra prometida: o mundo que os escravos criaram.** Tradução Maria Inês Rolim, Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Brasília: CNPq, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRÃO, Raimundo. **A abolição no Ceará.** 3. Ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. 1984.

GOMES, Arilson dos Santos. **Escravidão e pós-abolição no Ceará:** memórias e trajetórias das populações libertas na cidade de Redenção. ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História do Rio de Janeiro/RJ, 2021. p. 01-13. Disponível em: <[https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1618246165\\_ARQUIVO\\_9b541f71b4837a06294da006a791bf6a.pdf](https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1618246165_ARQUIVO_9b541f71b4837a06294da006a791bf6a.pdf)>. Acesso em: 10 de jan. 2021.

GOMES, Paulo Rogério. Políticas públicas e a negritude. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues (org). **Negros no Ceará: história, memória e etnicidade**. Fortaleza: Museu do Ceará – Secult. Imopec, 2009.

GRAHAM, Richard. Nos tumbeiros mais uma vez? O comércio interprovincial de escravos no Brasil. **Afro-Ásia**, 27. 2002. pp. 121-160.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.

LOPES FILHO, Antonio Nilson. **Pós-abolição:** integração social e trabalhista dos alforriados do município de Redenção. 2014. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/156>>. Acesso em: 10 de jan. 2021.

MARIZ, Silvana Fernandes. **“OFICINA DE SATANÁS:** a Cadeia Pública de Fortaleza (1850-1889). Dissertação de (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de História, 2004. Disponível em: <<https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/download-file/documentById?id=37180b24-ab0d-45a2-a249-8630a86c9c33>>. Acesso em: 28 de mar. 2020.

MARTINS, Paulo Henrique de Souza. **Escravidão, abolição e pós-abolição no Ceará:** sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no sertão cearense. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1641.pdf>>. Acesso em 10 de jan. 2021.

MARTINS, Paulo Henrique de Souza. Processo de abolição no Ceará: história, memória e ensino. **Revista Historiar**, Vol. 06, N. 11, 2014, p. 06-25. Disponível em: <<https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/154>>. Acesso em: 10 de out. 2021.

MENEZES, George Rocha. **Lutas políticas e crise social:** a elite política cearense na década de 1870. 2006. 225f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2876>>. Acesso em: 25 de maio 2020.

MESQUITA, Francisco Paulo de Oliveira. “O abolicionismo do Ceará e o jornal A Província de S. Paulo”: o papel do Libertador na projeção do vanguardismo abolicionista cearense no teatro do jornalismo (1881-1883). **Revista Contraponto**. Teresina. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/12609>>. Acesso em: 28 de fev. 2021.

MESQUITA, Francisco Paulo de Oliveira. Novo jornalismo e abolicionismo: o jornal Libertador e a imprensa política na província do Ceará. **Revista Ars Historica**. 2021. pp. 237-265. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/43978>>. Acesso em: 18 de out. 2020.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n.34, 2008, p.287-324.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, 2006. p.117-128.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, 1993. p. 7-28.

OLIVEIRA, Almir Leal de. “Universo letrado em Fortaleza na década de 1870”. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro. **Intelectuais**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará: Memória, Representações e Pensamento Social**. (PUC), São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, João Baptista Perdigão de. A Imprensa no Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Typographia Studart, 1900.

OLIVEIRA, Maria Vânia Leite de. **Museu histórico e memorial da liberdade**. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/189>>. Acesso em: 20 set. de 2021.

PONTE, Sebastião Rogério. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, Simone (Orgs.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000. p. 162-191.

POPINIGIS, Fabiane. “Todas as liberdades são irmãs”: os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o Império e a República. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 29, nº 59, 2016, p. 647-666. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eh/a/PQxmJnxZM43w8Q9YgjN7X9s/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 de fev. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Colección SurSur, CLACSO. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: setembro de 2005.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.** 1º ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

RIBARD, Frank; FUNES, Eurípedes A. Fortaleza, uma cidade negra na “Terra da Luz”. In: FUNES, Eurípedes A.; RODRIGUES, Eylo Fagner Silva; RIBARD, Franck (Orgs.). **Histórias de Negros no Ceará.** Porto Alegre-RS: Editora Fi, 2020. p. 17-56. Disponível em: <<https://www.editorafi.org/037negros>>. Acesso em: 30 de mar. 2020.

ROCHA, Marijara Oliveira da. A permanência dos estereótipos femininos em A Divorciada, de Francisca Clotilde. IN: SILVA, Fernanda Maria Diniz da; SILVA, Marilde Alves da; SILVA, Fernângela Diniz da; SOUSA, Alexandre Vidal de (orgs.). **Ceará em prosa e verso.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018. p. 289-304.

SALES, Francisco Levi Jucá. **Memórias afro-brasileiras: monumentos, museus e educação patrimonial em Redenção – Ceará.** Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de Educação a Distância da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, Redenção, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/389>>. Acesso em: 20 de set. 2020.

SANTOS, Claudia dos. Imprensa. In: MOTTA, Márcia (Org.). **Propriedades e disputas: fontes para a história dos oitocentos.** Guarapuava/ Niterói: Unicentro/ EDUFF, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Lyana Maria Martins da. **Reforma gorada: a Lei do Terço e a representação das minorias nas eleições de 1876 em Pernambuco.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11661>>. Acesso em: 15 de out. 2020.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. **O declínio da Escravidão no Ceará.** Recife - UFPE. Dissertação de Mestrado, 1988.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. **“Catirina minha nega, Teu sinhô ta te querendo vende, Pero Rio de Janeiro, Pero nunca mais ti vê, Amaru Mambir”:** O Ceará no tráfico interprovincial (1850-1881). Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História/UFC. Fortaleza, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/56005?locale=en>>. Acesso em: 15 de jan. 2020.

SOBRINHO, José Hilário Ferreira. As brechas nas leis e as estratégias dos escravos para obterem sua liberdade. In: FUNES, Eurípedes A.; RODRIGUES, Eylo Fagner Silva; RIBARD, Franck (Orgs.). **Histórias de Negros no Ceará.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. pp. 132-147.

SOUSA, Mariana de Oliveira. **“Terra da Luz”**: a abolição da escravidão no Ceará a partir do discurso político (1870-1888). Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2014. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/13136>>. Acesso em: 24 de out. 2020.

STUDART, Guilherme. Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará. Fortaleza: **Revista da Academia Cearense de Letras**. 1896.

STUDART, Guilherme. **Para a História do Jornalismo Cearense**. 1824-1924. Fortaleza: Typographia Moderna. 1924.

TEÓFILO, Rodolfo: **História da seca do Ceará (1877-1880)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VIEIRA, Jofre Teófilo. “Uma conspiração de cozinha tantas vezes fataes a sala”: o motim dos pretos da Laura em 1839. In: FUNES, Eurípedes A.; RODRIGUES, Eylo Fagner Silva; RIBARD, Franck (Orgs.). **Histórias de Negros no Ceará**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 148-171.